

WILLIAM LOPES DE OLIVEIRA

**MEMÓRIAS DE UM BURGO VELHO:
DISCURSOS PATRIMONIAIS, REFERENCIAIS ESTÉTICOS E A
RECONSTRUÇÃO DA “PAISAGEM HISTÓRICA” NA
IMPLEMENTAÇÃO DOS ALBERGUES DIFUSOS NA COMUNA DE
SANTO STEFANO DI SESSANIO, ITÁLIA (1999 – 2009)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2019

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

O48m
2019

Oliveira, William Lopes de, 1990-
Memórias de um burgo velho : discursos patrimoniais,
referenciais estéticos e a reconstrução da “paisagem histórica” na
implementação dos albergues difusos na comuna de *Santo
Stefano di Sessanio*, Itália (1999 – 2009 / William Lopes de
Oliveira. – Viçosa, MG, 2019.
ix, 132 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Orientador: Leonardo Civile.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.
Referências bibliográficas: f. 128-132.

1. Santo Stefano di Sessanio, Àquila (Itália). 2. Pousadas.
3. Paisagens. 4. Centros históricos. 5. Patrimônio cultural.
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Geografia.
Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens
e Cidadania. II. Título.

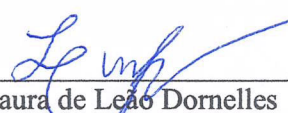
CDD 22. ed. 910.945711

WILLIAM LOPES DE OLIVEIRA

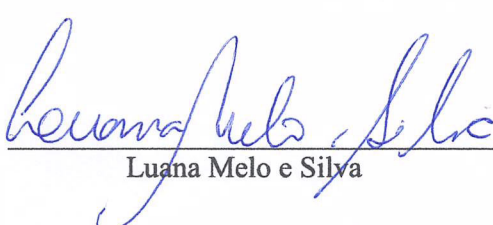
**MEMÓRIAS DE UM BURGO VELHO: DISCURSOS PATRIMONIAIS,
REFERENCIAIS ESTÉTICOS E A RECONSTRUÇÃO DA
“PAISAGEM HISTÓRICA” NA IMPLEMENTAÇÃO DOS
ALBERGUES DIFUSOS NA COMUNA DE *SANTO STEFANO DI
SESSANIO*, ITÁLIA (1999 – 2009)**

Dissertação apresentada à Universidade
Federal de Viçosa, como parte das
exigências do Programa de Pós-
Graduação em Patrimônio Cultural,
Paisagens e Cidadania, para obtenção do
título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 18 de março de 2019.



Laura de Leão Dornelles



Luana Melo e Silva



Leonardo Civalle
(Orientador)

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus por ser um sábio ouvinte e amigo.

Aos meus pais, Madalena e Sebastião, sou grato por serem exemplo de conduta e por terem dedicado suas vidas em prol da minha educação. Aos meus irmãos, sobrinhas e restante da família, agradeço o afeto de sempre.

Também registro agradecimentos ao meu orientador, Leonardo Civale, que nessa jornada se demonstrou mais que um intelectual, um querido amigo. Te agradeço, professor, por se entusiasmar pelo tema desta investigação, por direcioná-la a importantes reflexões e, principalmente, por sempre me conceder autonomia a construir e costurar esta pesquisa.

Agradeço, ainda, aos professores Luana Melo e Ítalo Stephan pela pertinência das observações e delicadeza das palavras durante o processo de qualificação. Sem sombra de dúvidas, seus olhares sobre este trabalho o engrandeceram. À professora Laura Dornelles, além de toda atenção profissional, sou grato por se deslocar da Argentina a Viçosa no compromisso de prestigiar a cerimônia de defesa. Também agradeço aos professores e funcionários vinculados ao programa de Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da UFV pelos ensinamentos e suportes administrativos. Ao colega de turma, Herbert Pardini, obrigado pelo auxílio e paciência à confecção do *tour* virtual que descreve a segunda parte deste trabalho.

Gostaria também de agradecer a equipe da CAPES e CNPq durante o governo da ex-presidente Dilma Rousseff, por me concederem a oportunidade de estudar na Itália através do programa Ciência sem Fronteiras no ano de 2013. À luz disso, também agradeço a professora Marina Faccioli, da *Università degli Studi di Roma “Tor Vergata”*, por intermediar contato com a sociedade *Sextantio*, possibilitando, deste modo, a aquisição de alguns dos mais importantes documentos analisados por esta pesquisa no que tange as intervenções na comuna de *Santo Stefano di Sessanio*.

Finalmente, agradeço a todos os meus amigos, dentro e fora do mundo acadêmico, pela parceria e apoio cotidianos. Entre gargalhadas e desabafos, pude sentir constantemente o apoio de vocês.

Enfim, a cada um aqui citado, gratidão!

RESUMO

OLIVEIRA, William Lopes de, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2019. **Memórias de um burgo velho: discursos patrimoniais, referenciais estéticos e a reconstrução da “paisagem histórica” na implementação dos albergues difusos na comuna de Santo Stefano di Sessanio, Itália (1999 – 2009).** Orientador: Leonardo Civalle.

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, a agitação que descreve os centros urbanos maiores, acentuada por problemas típicos de tráfego e poluição, vem intensificando uma “sensibilidade” pela cultura e paisagens rurais. Diante deste contexto que a Itália, assim como outros países europeus, tem buscado uma série de alternativas pautadas na promoção de localidades menores frente ao *glamour* que gravita em torno de cidades consagradas no cenário turístico mundial. Um dos exemplos mais notórios do país é o da comuna de *Santo Stefano di Sessanio*, localizada na região do *Abruzzo*, que fora um importante núcleo agrícola quando, face à crise de modernização italiana, passa a enfrentar sucessivos episódios de recuo demográfico. Por isso que, associada à conjuntura de se encavar dentro de um parque nacional, a localidade conseguiu manter preservados sua arquitetura e urbanismo que remontam à era medieval, o que tem contribuído a um leque de interesses pela tutela de sua paisagem. Neste sentido que no fim dos anos 1990, momento em que o município contava com pouco menos de 100 habitantes, um jovem empresário ítalo-sueco decide adquirir antigas construções locais e restaurá-las, criando uma rede de albergues difusos. Trata-se de uma proposta de hospedagem não propriamente em um único edifício, mas por entre outros espalhados em um mesmo território, como um bairro ou centro histórico, no intento de produzir uma experiência turística mais imersiva. Para alcançar o escopo de reproduzir fidedignamente utensílios domésticos e elementos de mobiliário urbano que datam especialmente ao fim do século XIX e início do século XX, criando assim uma atmosfera “nostálgica” que caracteriza o lugarejo, foi necessária a mobilização de uma série de memórias, que se materializavam em objetos disponíveis em museus regionais e também em antigas fotografias locais, no esforço de extrair informações que pudessem alimentar o teor alegórico das obras. Deste modo, esta pesquisa se volta à uma análise do processo de implementação dos albergues difusos em *Santo Stefano di Sessanio*, analisando alguns episódios, ou narrativas, que culminaram no delineamento de sua “paisagem histórica” tal qual se apresenta hoje, na condição estratégica de patrimônio de forte apelo estético, bem como de ferramenta à gestão territorial.

ABSTRACT

OLIVEIRA, William Lopes de, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, March, 2019. **Memories of an old village: patrimonial discourses, aesthetic references and the reconstruction of the "historical landscape" during the implementation of the "alberghi diffusi" in the municipality of Santo Stefano di Sessanio, Italy (1999-2009).** Advisor: Leonardo Civale.

Since the end of World War II, the agitation that describes larger urban centers, accentuated by typical problems such as traffic and pollution, has been intensifying a certain "sensitivity" around both rural culture and landscapes. Given this context, some European countries like Italy have seeking multiple alternatives in order to promote their smaller localities as a kind of symbolic counterpoint to the glamor that revolves around cities established in the world tourist scene. By the way, one of the most notorious national examples is the commune of *Santo Stefano di Sessanio*, which was an important agrarian hub in the past when it begins to experience successive episodes of demographic abandonment. Thanks to this scenario, other than the fact that it is inserted in a mountainous national park, the town has managed to preserve its architecture and urbanism, both dated from medieval and renaissance period. In this sense that in the late 1990s, when the municipality had just under 100 inhabitants, a young businessman decided to buy old local buildings and restore them, creating a network "*alberghi diffusi*". It is, in fact, a proposal of lodging not properly in a one single building, but by others spread out in the same territory, like a neighborhood or historical center, in the attempt to produce a more immersive tourist experience. To reach the goal of reproducing domestic utensils and elements of urban furniture dating especially at the end of the 19th and beginning of the 20th century, it was necessary to mobilize a series of memories, which were materialized into objects available in regional museums and also in old local photographs, in the effort to extract information that could feed the allegorical content of the works. This was planned in order to compose a "nostalgic" atmosphere that characterizes the village back then. That said, this research turns to an analysis of the process of implementation of the "*alberghi diffusi*" in *Santo Stefano di Sessanio*'s old town, grasping some episodes, or narratives, that culminated the delineation of its "historical landscape" as it is presented today, revealing itself in the strategic condition of heritage based on aesthetic appeal, as well as in a tool for territorial management purposes.

LISTA DE SIGLAS

ISTAT – *Istituto Nazionale di Statistica*

PAT – Produtos Agroalimentares Tradicionais

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UFV – Universidade Federal de Viçosa

VR – *Virtual Reality*

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização de *Santo Stefano di Sessanio* no território da Itália.....23

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Série histórica do número de edifícios construídos em *Santo Stefano di Sessanio* (até 2011).....35

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista parcial de <i>Santo Stefano di Sessanio</i> debaixo de neve.....	22
Figura 2: Exemplo das estruturas construtivas conhecidas como <i>case-mura</i>	24
Figura 3: Exemplos de arquitetura renascentista no lugarejo.....	27
Figura 4: Municípios italianas, de até 5000 habitantes, que correm risco de se tornarem cidades fantasmas.....	31
Figura 5: Croqui indicando os edifícios adquiridos pelo grupo <i>Sextantio</i> no âmbito do núcleo histórico de <i>Santo Stefano di Sessanio</i>	38
Figura 6: Vista de uma ruína local, com destaque a um edifício indicando uma placa com a logomarca do albergue difuso <i>Sextantio</i>	39
Figura 7: Vista interna e externa de um dos quartos da rede de albergues difusos <i>Sextantio</i>	42
Figura 8: Gravura datada do ano de 1853 da cidade de <i>Carcassonne</i>	55
Figura 9: Retratos da refeição doméstica em <i>Santo Stefano di Sessanio</i> no início do século XX.....	59
Figura 10: Refeições da vida cotidiana <i>stefanara</i> no início do século XX e durante as obras de restauro em meados dos anos 2000.....	61
Figura 11: Detalhes da iluminação que compõem os quartos da rede <i>Sextantio</i>	64
Figura 12: Objetos decorativos que ornem os quartos da rede <i>Sextantio</i>	65

Figura 13: Escadas situados no interior dos quartos dos albergues difusos.....	68
Figura 14: Vista de um dos quartos da rede <i>Sextantio</i> , onde se localiza uma banheira moderna em meio às mobílias antigas.....	70
Figura 15: Divisórias entre quartos e banheiros privativos.....	71
Figura 16: Reprodução, sobre uma parede, de uma fotografia local antiga.....	75
Figura 17: Vista de <i>Santo Stefano di Sessanio</i> , com destaque ao núcleo edificado e aos montes que o rodeiam.....	90
Figura 18: Detalhes dos materiais que compõem lençóis, cobertas, colchões e toalhas, inspirados nos estudos memorialísticos locais.....	94
Figura 19: <i>Santo Stefano di Sessanio</i> vista do alto de uma colina.....	105
Figura 20: Logotipo do clube “ <i>I borghi più belli d’Italia</i> ”.....	106
Figura 21: Um dos quartos do albergue difuso “ <i>Le Grotte della Civita</i> ”, na cidade de Matera.....	111
Figura 22: Imagem panorâmica de <i>Santo Stefano di Sessanio</i>	114
Figura 23: Imagem do <i>tour</i> virtual.....	120
Figura 24: Vista panorâmica de <i>Santo Stefano di Sessanio</i> debaixo de neve.....	124

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Listagem dos países com mais bens citados no elenco de Patrimônios da Humanidade da UNESCO e do posicionamento global quanto ao número de visitantes internacionais registrados.....	17
Tabela 2: Série histórica de população em <i>Santo Stefano di Sessanio</i> (1861 - 2016).....	28
Tabela 3: Dinâmicas natural e migratória de crescimento populacional na Itália por macrorregião (2016).....	30
Tabela 4: Número de residências ocupadas no município de <i>Santo Stefano di Sessanio</i> (2001).....	34
Tabela 5: Relação entre maiores cidades italianas e sítios catalogados como Patrimônios Mundiais pela UNESCO.....	82
Tabela 6: Série histórica de preço dos imóveis em <i>Santo Stefano di Sessanio</i> (2006 - 2008).....	93
Tabela 7: Etapas do projeto de implementação dos albergues difusos em <i>Santo Stefano di Sessanio</i> (1999-2008).....	99
Tabela 8: O projeto em números.....	100

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
PARTE I	12
CAPÍTULO 1 – MEMORIE DI UN VECCHIO BORGO	13
1.1 – <i>Santo Stefano di Sessanio</i> : breve contexto paisagístico	19
1.2 – O burgo dos mecenas	25
1.3 – Velhas formas, novas funções: o projeto “albergue difuso”	36
CAPÍTULO 2 – A BELEZA DA ORIGEM OU A ORIGEM DA BELEZA?	44
2.1 – <i>Esculpindo o passado</i> : uma breve análise da relação entre patrimônio, memória e restauro	45
2.2 – Em busca do estilo e da alma: o “restauro conservativo” no contexto de <i>Santo Stefano di Sessanio</i> e possíveis influências de Viollet-le-Duc e Camillo Boito	48
PARTE II	78
CAPÍTULO 3 – “DO DECLÍNIO AO FASCÍNIO”: ESTRATÉGIAS DE VALORIZAÇÃO E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO LOCAL A PARTIR DO PATRIMÔNIO PAISAGÍSTICO	79
3.1 – <i>Territori lenti e patrimonio minore</i> : algumas reflexões	81
3.2 – A “paisagem histórica” <i>stefanara</i> como recurso ao ordenamento territorial	87
3.3 - A paisagem cartão-postal dos territórios lentos	102
TOUR VIRTUAL: “Santo Stefano di Sessanio, além do cartão-postal”	113
CONCLUSÃO	125
BIBLIOGRAFIA	128

INTRODUÇÃO

No mês de maio de 2013, o diretor napolitano Paolo Sorrentino apresentou ao mundo sua mais nova obra até então, o provocativo “*La Grande Bellezza*”¹, filme que rendeu à Itália o prêmio de Oscar estrangeiro no ano seguinte. Em um antinômico duelo entre presente e passado, seu enredo faz ácidas analogias entre o personagem principal, o escritor Jep Gambardella, e a cidade de Roma, palco da trama, lançando um emaranhado de sátiras às vigentes percepções de beleza, reconhecimento público e percepção do tempo.

Em linhas gerais, a narrativa se baseia na ideia de que, assim com o protagonista Jep - que aos 65 anos de idade é memorado por conhecidos e pela imprensa, sobretudo pelo sucesso de um livro escrito 40 anos atrás -, a milenar Roma deve o seu esplendor por aquilo que fora no passado, o que lhe garante lugar de prestígio na História e, paralelamente, sua eterna condição de refém. Rodeado de luxo, mulheres e festas, porém desiludido com a vida, Jep Gambardella parte em busca de algum tipo de inspiração para escrever um novo livro e, para isso, recorre a algumas questões, lugares e/ou personagens vinculados ao seu passado. Ao longo do filme, são inescapáveis as simbólicas cenas que reproduzem a beleza de Roma e de seus monumentos, jardins e ruínas, fatos que, ambigualmente, sugerem uma noção de “decadência moral” por detrás de tamanha imponência. Aclamada pela crítica especializada, a película de Sorrentino tem muito a contribuir com os ensaios da memória no presente, cujos interstícios inspiram distintas reflexões quanto a infindável procura pela beleza e auto-representação.

Muito além do universo cinematográfico, podemos dissertar que questões como memória, identidade e beleza permeiam nosso cotidiano, a partir da lógica contemporânea que vem promovendo lugares, objetos e narrativas enquanto pontos de partida de nossa existência pessoal e comunitária. Isto posto, não é novidade que nossa sociedade tem procurado se apoiar - e também contestar em alguns casos - certos instrumentos e práticas que, discursivamente, se valem da noção de patrimônios. Noção esta que, em tese, nos daria respostas unívocas sobre o que somos assim como dos grupos sociais que nos circundam. E isso, evidentemente, nos indica o *status quo* que a cultura – o que também abrange, neste caso, a concepção de identidade - tem adquirido em nossa contemporaneidade². Portanto é no seio desse contexto que esta pesquisa foi

¹ Na língua portuguesa, “A grande beleza”.

² HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

pensada, no intuito de refletir, a partir de um caso ainda pouco conhecido no Brasil, a paisagem assimilada enquanto memória. Uma memória que invoca uma ideia de “resgaste ao passado”, sendo neste exemplo em específico pautada em um ideário de “vocação à beleza”.

Nos referimos, assim, ao lócus empírico representado pela pequena comuna italiana de *Santo Stefano di Sessanio*, que foi um importante núcleo agrícola quando, face à crise de modernização da Itália, passa a enfrentar sucessivos episódios de recuo demográfico. Por isso que, associada à conjuntura de se encravar dentro de um parque nacional montanhoso, a localidade conseguiu manter preservados sua arquitetura e urbanismo que remontam à era medieval. Fatos como este, além de outros, têm contribuído a um leque de interesses de ordens material e simbólica pela tutela e contemplação de sua paisagem, inferindo-a à condição de patrimônio.

Inclusive ao final dos anos 1990, momento em que o município contava com pouco menos de 100 habitantes, um jovem arquiteto e empresário ítalo-sueco, Daniele Kihlgren, se encanta pelo lugarejo e, assim, decide adquirir antigas construções locais e restaurá-las, criando uma rede de *alberghi diffusi*³. Na verdade, este tipo singular de acomodação surgiu em 1982, na região da *Carnia*, no *Friuli-Venezia Giulia*, norte da Itália, se baseando em uma proposta de hospedagem não propriamente em um único edifício, mas por entre outros espalhados em um mesmo território, como um bairro ou centro histórico. À vista disso, é possível notar a elaboração de uma narrativa que se debruça em mesclar a experiência turística com o cotidiano local, fornecendo uma dinâmica mais imersiva de visitaçã⁴. Quanto à conjuntura de *Santo Stefano di Sessanio* em si, o objetivo central do projeto, em síntese, era favorecer o repovoamento da localidade mediante um discurso de requalificação e promoção de seu aparato arquitetônico e paisagístico, gerando, em contrapartida, um ambiente antagônico ao *stress* e tumulto urbanos. Interessa ressaltar que a filosofia das ações buscou alentar a atmosfera rústica do povoado, camuflando e/ou eliminando alguns traços de “modernidade” que pudessem deturpar a simetria entre arquitetura local “vernacular” e seu entorno cênico “arcádico”. Para alcançar o escopo de reproduzir fidedignamente fachadas, mobílias, utensílios domésticos e elementos de mobiliário urbano, que datam especialmente ao fim do século XIX e início do século XX, foram necessárias

³ Na língua portuguesa, “albergues difusos”.

⁴ AVRAM, Maria; ZARRILLI, Luca. The Italian model of “albergo diffuso”: a possible way to preserve the traditional heritage and to encourage the sustainable development of the Apuseni Nature Park. In **GeoJournal of Tourism and Geosites**, year V, n. 1, vol. 9, may 2012. Disponível em < http://gtg.webhost.uoradea.ro/PDF/GTG-1-2012/3_112_Avram.pdf>. Acesso em 13/06/16.

investigações em um museu etnográfico regional, no esforço de extrair informações que pudessem alimentar o teor nostálgico das obras. Isso descortina, evidentemente, a complexidade e ousadia do projeto, que contou com uma equipe de profissionais e intelectuais qualificados, entre agrônomos, restauradores, antropólogos, arquitetos e engenheiros.

No tocante às questões mais particulares da presente pesquisa, ressaltamos que a disposição em nos debruçarmos sobre a temática se manifestou durante uma importante experiência acadêmica vivida na Itália através do programa Ciências sem Fronteiras, especialmente no decorrer de um curso especializado em “*Beni territoriali e patrimoniali*”⁵ ofertado pela *Università degli Studi di Roma “Tor Vergata”*, entre os anos de 2013 e 2014. O interesse pela cultura artística do país, aliado ao contato frequente com a língua italiana tal como com as questões suscitadas pelas disciplinas do intercâmbio – além de uma visita desprestigiada ao lugarejo na altura de abril de 2014 - afloraram o desejo em explorar a realidade de pequenos vilarejos nacionais, especialmente aqueles sob processo de profunda ressignificação de seus respectivos centros históricos. Isto rendeu, inclusive, a confecção de uma monografia abarcando o assunto, como parte das exigências para se obter o título de bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), no ano de 2015. Este trabalho se apresenta, portanto, como uma pesquisa científica que almeja conciliar tanto o apreço pessoal pela problemática quanto discutir uma realidade geográfica distinta daquela do Brasil, visando num momento posterior, se possível, levantar reflexões a respeito da própria dinâmica patrimonial das zonas rurais brasileiras, visto que, assim como na Europa, uma concepção bucólica da paisagem, bem como das narrativas em torno desta, tem ganhado destaque nas discussões envolvendo uso do patrimônio e ordenamento do território. Além disso, podemos elencar algumas singularidades do caso de *Santo Stefano di Sessanio* como justificativa à elaboração desta dissertação.

Começamos pelo fato de que a principal organização responsável pelas obras foi um grupo privado, conhecido como sociedade *Sextantio*, que adquiriu cerca de um terço do centro histórico local – centro histórico este que estava relativamente abandonado ao final dos anos 1990 -, reformando-o e, ainda, colocando à venda alguns de seus edifícios, enquanto outros se consolidavam como quartos vinculados aos albergues difusos. Embora esta não seja a primeira prática de albergaria difusa da história documentada, o exemplo local ganha destaque por ser protagonizado por um único ente privado, posto que, enquanto que na região do *Friuli-Venezia*

⁵ “Bens territoriais e patrimoniais”, na língua portuguesa.

Giulia, precursora desta lógica de hospedagem, as articulações foram lideradas pela própria população residente⁶. Outro fato que chama à reflexão dentro do contexto de *Santo Stefano di Sessanio*, longe de uma análise isolada, advém do modo como uma fração considerável da literatura competente ao ramo da restauração na Itália, especialmente aquela que gravita em torno do conceito de *patrimoni minori*⁷, depreende que as ações locais foram virtuosas e, por conseguinte, servem como modelo para futuras intervenções em outros vilarejos espalhados pelo país^{8 9 10}. A esteira disso, cabe mencionar uma significativa propagação midiática das ações, que ganharam evidência uma parte notável da imprensa internacional. Isso se desvelou não exclusivamente pelo perfil ambicioso das obras locais, mas também porque o grupo *Sextantio* decidiu expandir seu campo de atuação - aos moldes da experiência no lugarejo em se replicar fielmente uma atmosfera do passado através de objetos, ornamentos e ambientação -, restaurando outros sítios de interesse histórico distribuídos pela Itália, como é o caso dos *Sassi di Matera*¹¹, patrimônios da humanidade pela Unesco, localizados na região da *Basilicata*, em que parte considerável dos casebres locais já são de posse do grupo *Sextantio*¹². Uma ocorrência curiosa é que, conforme assinalam as fontes analisadas, Daniele Kihlgren, idealizador do projeto e presidente da *Sextantio*, cita recorrentemente o caráter “conservador” das ações, preferindo o uso

⁶ L’Invenzione friulana. Alberghi diffusi in Carnia – A vent’anni dall’esordio sono 17 e accolgono oltre 40 mille ospiti. In: **Corriere della Sera**. 14 de dezembro de 2015.

⁷ O termo *patrimoni minori* (do italiano, “patrimônios menores”), muitas vezes também utilizado como *centri storici minori* (que na língua portuguesa significa “centros históricos menores”), diz respeito aos núcleos territoriais de pequena população e extensão que conseguiram preservar sua coerência urbanística, mesmo que estratificada, se apresentando como áreas homogêneas do ponto de vista arquitetônico. Isso se deu graças a questões de isolamento geográfico ou problemas endêmicos de deslizamentos e terremotos, que limitaram o avanço da modernidade nessas regiões (GEREMIA, 2009).

⁸ BRIATORE, Samuele. **Valorizzazione dei centri storici minori**: strategie di intervento. Reggio Emilia: Diabasis, 2011, p. 44. Disponível em: <://www.universitaieuropeadiroma.it/archive/images/stories/storia12/valorizzazioneborg hi.pdf>. Acesso em 23/02/2015.

⁹ STABILE, Francesca Romana; ZAMPILLI, Michele & CORTESI, Chiara. Santo Stefano di Sessanio (AQ) | Laboratorio di progettazione del Master internazionale di II livello in Restauro architettonico e recupero della bellezza nei centri storici. In: **Centri storici minori** - Progetti per il recupero della bellezza. Roma: Gangemi Editore, 2009, p. 145-184.

¹⁰ ZAMPILLI, Michele. Perché e come insegnare il recupero della bellezza dei piccoli centri storici. In: FILETICI, Maria Grazia & CENTRONI, Alessandra (Org.). **Progetti d’eccellenza per il restauro italiano**: Quaderno ARCo. Roma: Gangemi Editore, 2011, p. 169-175.

¹¹ Os “*Sassi di Matera*” (“Pedras de Matera”, no português) correspondem ao núcleo velho do município homônimo, localizado na região da *Basilicata*, no sul do país. Este centro histórico, desde 1993, é tutelado pela Unesco como Patrimônio Mundial da Humanidade, por se singularizar pelas construções escavadas diretamente nas rochas que descrevem a zona, habitadas desde o Paleolítico (WORLD HERITAGE CENTRE - UNESCO, 2018).

¹² TURCI, Alessandra. Recupero creativi. In: **Vogue Italia**. 10 de dezembro de 2013. Disponível em: <http://santostefano.sextantio.it/wp-content/uploads/2015/10/vogue-italia-10-12-2013.pdf>. Acesso em 12/01/18.

de materiais regionais nas obras, como pedras e lenhas, desestimulando o uso do cimento. Justamente ele, que vem de uma das mais prósperas famílias produtoras de cimento da Suécia¹³.

Outra questão a se pontuar deriva do fato de que a partir de um histórico de leituras e interpretação de dados que versam sobre este assunto, especialmente no que tange fontes de origem italiana, percebemos uma significativa ausência de estudos elaborados por geógrafos. Embora sejam de extremo valor, tais esboços abordam as paisagens, a título de exemplo, de forma descritiva, o que instiga maiores desdobramentos na compreensão dos simbolismos locais para além do campo visual-estético. No nosso entendimento, e esta pesquisa visa ilustrar essa retórica, os discursos que relatam as restaurações no lugar concebem a paisagem local enquanto patrimônio; patrimônio este que, sincronicamente, deve ser estudado pelas suas representatividades, contemplado pelas suas formas e estilos, tutelado pelas suas peculiaridades, promovido pelos seus supostos trunfos e utilizado pelos recursos estratégicos à gestão territorial que o compõem. Não é acaso que, simultâneo a isso, observamos o uso recorrente do vocábulo “paisagem histórica” pelas fontes de análise.

Com relação à estruturação das questões delimitadas por esta pesquisa, *a priori* podemos desmembrar três eixos de reflexão particulares, sendo os dois primeiros englobados no que intitulamos **PARTE 1**, enquanto o desfecho se vincula à denominada **PARTE 2**. Isto significa dizer que nosso trabalho começa a interpretar, de imediato, o caso local – por meio da apresentação de suas especificidades espaço-temporais –, convergindo no contorno de algumas questões mais gerais, o que possibilitou conduzir nossas reflexões até o eixo final, de caráter mais prático. Assim, decidimos demonstrar como o exemplo selecionado – ou seja, as intervenções na comuna de *Santo Stefano di Sessanio* – não está desvinculado de outras questões que rodeiam problemáticas como uso da memória/patrimônio e políticas territoriais que potencialmente podem circundar, inclusive, outros territórios e regiões geográficas – incluindo o Brasil, resguardadas suas devidas conjunturas espaciais.

Deste modo, o primeiro ato deste trabalho se volta à uma breve contextualização espaço-temporal da comuna de *Santo Stefano di Sessanio*, reportando alguns episódios, ou narrativas, de maior relevância que culminaram no delineamento de sua paisagem tal qual se apresenta hoje.

¹³ LORENZETTO, Stefano. Si compra i borghi diroccati – ne fa <<alberghi diffusi>> da re. In: **Il Giornale Politica**. Outubro de 2012. Disponível em: < <http://www.ilgiornale.it/news/interni/si-compra-i-borghi-diroccati-ne-fa-alberghi-diffusi-re-844295.html>>. Acesso em 06/10/18.

A segunda fase se pauta sobre os episódios de restauração dos casebres locais, partindo de uma análise do termo “restauro conservativo” anunciado pela sociedade *Sextantio*. Ao encontro disso, buscamos estabelecer um diálogo das intervenções locais com a teoria estilística cunhada pelo arquiteto francês Viollet-le-Duc no século XIX, além dos postulados que marcaram a carreira do restaurador italiano Camillo Boito, ambos entendidos aqui como possíveis alicerces inspiratórios. Esta parte da investigação, em especial, sinaliza o recorte temporal que nos concentramos, indo do ano de 1999, quando começam as ações de aquisição de parte do centro histórico local, até 2009, momento em que as obras se encontram finalizadas e já ganhavam atenção na mídia internacional.

Já a terceira etapa, acoplada a chamada **PARTE 2**, consiste em discutir, mediante o exemplo local, o protagonismo que os respectivos objetos interpretados como patrimônios vêm exercendo no seio das políticas e práticas de ordenamento territorial. Na circunstância a qual se insere *Santo Stefano di Sessanio*, todavia, buscaremos explorar especialmente a função categórica que a sua paisagem vem assumindo diante desse argumento. Somado a isso, por fim, apresentaremos um *tour virtual* em que seja possível observar um recorte da paisagem que caracteriza o burgo, partindo de imagens panorâmicas e recursos sonoros no escopo de ilustrar as reflexões suscitadas durante a confecção do texto escrito desta dissertação. Vale reforçar o argumento de que algumas questões que se amparam ao abrigo da noção de “*territori lenti*”¹⁴, idealizado pela professora italiana Viviana Calzati¹⁵, serão mobilizadas, procurando aprofundar a relação entre patrimônio e gestão territorial. Conforme argumenta Calzati, este conceito tem explorado como territórios mais ruralizados da Itália têm se posicionado perante à volatilidade do processo de globalização de maneira endógena, conseguindo manter preservados seus respectivos *know-how* atrelados à arquitetura, culinária, ofícios, crenças e folclore locais, o que potencialmente consolida os sentimentos de coletividade e de profundo vínculo espacial para com os ambientes em que se espraiam. Ao nosso juízo, a autora foi feliz em inferir o teor figurativo a este termo, uma vez que tais territórios são caracterizados, geralmente, pelas transformações em

¹⁴ “*Territórios lentos*”, na língua portuguesa.

¹⁵ Viviana Calzati é pesquisadora do Departamento de Ciências Jurídicas e de Negócios da Universidade de Perugia, na Itália, além de docente em Administração e Marketing Territorial na Faculdade de Economia da Universidade de Siena, também na Itália. Atua em pesquisas que exploram o turismo e gestão territorial de localidades menores, partindo da valorização de elementos locais, como arquitetura, folclore, culinária, crenças e convívio coletivo. Desde 2009, vem publicando importantes livros e artigos abarcando seu trabalho na caracterização destes territórios lentos, descritos como potenciais catalizadores de recursos às respectivas regiões em que se localizam (FRANCO ANGELI, 2018).

suas dinâmicas sociais bem como de suas paisagens de forma relativamente morosa, o que indica uma conjuntura peculiar se comparada aos centros metropolitanos maiores.

Vale sublinhar que, diante das demandas colocadas pelo programa de Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da UFV em se executar um produto final conciliado às questões germinadas pela dissertação escrita, adotamos como opção o uso da tecnologia de imersão gráfica, através da produção de materiais interativos compatíveis com os dispositivos de óculos de realidade virtual. Assim sendo, confeccionaremos um conjunto de dados e informações que poderão ser inseridos em *smartphones* e visualizados a partir dos referidos óculos, canalizando as questões provocadas pela pesquisa, especialmente aquelas vinculadas à sua última etapa, a uma experiência dinâmica, ornamentada com fotografias, efeitos sonoros e *pop ups* informativas.

Partimos do pressuposto que alguns lugares citados por esta investigação são ainda desconhecidos para muitos brasileiros, como a própria comuna de *Santo Stefano di Sessanio*. Por isso o nosso esforço em deslocar, através do referido conteúdo interativo, um recorte das respectivas cenas locais, ilustrando como estas localidades, hoje praticamente consagradas enquanto patrimônios, apresentam questões contemporâneas estrategicamente imbuídas ao passado. E os conjuntos de paisagens que respectivamente descrevem estes lugarejos servem como pano de fundo às nossas análises, podendo corroborar ou mesmo apontar artificialismos sobre tal narrativa alegórica.

As fontes coletadas e dissecadas por esta investigação se resumem ao plano de uso e ocupação do solo de *Santo Stefano di Sessanio*, disponibilizado pela prefeitura do município; as legislações locais e nacionais que competem à tutela do patrimônio edificado, de domínio da *Soprintendenza delle Belle Arti e Paesaggio*¹⁶; o estatuto de manuseio e proteção do *Parco Nazionale del Gran Sasso e Monti della Laga*, sediado em sua página eletrônica; o documento intitulado *Propostas de desenvolvimento econômico da região do Abruzzo*, hospedado no site oficial da homônima região; dados estatísticos de demografia, ocupação laboral, perfil e

¹⁶ A *Soprintendenza delle Belle Arti e Paesaggio* (do italiano, *Superintendência das Belas Artes e da Paisagem*) é um órgão periférico do Ministério de Bens e Atividades Culturais da Itália que cataloga e supervisiona a tutela do vasto patrimônio artístico, cultural, paisagístico e arqueológico nacional, atuando de forma autônoma em 17 regiões do país.

vulnerabilidade econômica compilados pelo *ISTAT*¹⁷; cartilhas, manuais e estatutos confeccionados por entes de divulgação turística local, como associações, empresas, e o Escritório Oficial de Turismo da região do *Abruzzo*; folhetos, *folders*, brochuras e catálogos cedidos pela sociedade privada *Sextantio*, principal responsável pelas ações de restauração, contendo informações sobre os objetivos e metas, recursos viabilizados, o quadro técnico das obras, materiais utilizados e normas construtivas internas. Também analisamos a veiculação das intervenções por parte de importantes conjuntos de mídias, previamente relatados. Além do mais, foram estudados vídeos e fotografias da localidade hospedados em *sites* e *blogs* não oficiais que tratam da temática de patrimônio, paisagem e restauro, como *Youtube* e *Vimeo*.

Ao encontro disso, procuramos explorar bibliografias que se atêm às questões de restauro, tanto sob a ótica do caso local em particular, quanto de autores referencias, como de Viollet-le-Duc e Camillo Boito, por exemplo. Ademais, mencionamos as leituras que fizeram parte do arcabouço teórico das disciplinas cursadas durante o mestrado, que se concentraram em questões, dentre outras, como patrimônio, memória, identidade, paisagem, gestão do território, urbanismo, turismo, além dos conteúdos que envolviam normas e diretrizes metodológicas à composição de trabalhos científicos – a título de exemplo, citamos Claval (2002, 2007), Berque (1998), Meneses (2002), Besse (2006), Cosgrove (1998), Andreotti (2012), Chantal (1986), Candau (2014), Choay (2006), Peixoto (2001), Lowenthal (1998), Poulot (2009), Canclini (1994), Meneses (2002), Hobsbawn (1997, Peixoto (2001), Brunel (2009) e Gyr (2010), dentre outros.

Esclarecemos que os esforços em realizar leituras abarcando os pilares conceituais desta pesquisa - paisagem, patrimônio/memória e turismo - se concentraram por todo o seu desenrolar, isto é, concomitante às distintas etapas que a caracterizam. Tal pretensão é também fruto de um processo de amadurecimento das discussões que integraram parte do estágio de formação suscitado pelo Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, ora pelas disciplinas cursadas, ora pelas reuniões de orientação e bibliografias sugeridas. Adicionalmente, reportamos que a metodologia adotada por este trabalho pretendeu não se esgotar à exploração de uma fonte e, ao término deste processo, “descartá-la” e seguir com a análise de outras. Na verdade, optamos por manter algumas problematizações como fio condutor de um raciocínio crítico e, à vista disso, a fonte seria “acionada” conforme o desenrolar da discussão, podendo ser

¹⁷ ISTAT, ou *Istituto Nazionale di Statistica*, é o mais importante órgão de pesquisas estatísticas da Itália, fundado em 1926 com intuito de produzir bancos de dados quanto aos aspectos econômicos, demográficos, sociais, turísticos e ambientais do país.

resgatada em outro momento da investigação, sempre respeitando suas nuances, todavia. Dito de outra maneira, a observação das fontes e dados não se esgotou em um único ciclo, sendo retomada, caso necessário, sua leitura conforme demandava a linearidade do raciocínio proposto por este trabalho.

Em linhas gerais, podemos destacar alguns desafios encontrados durante a elaboração desta dissertação. De início, citamos a insuficiência de dados quantitativos e/ou teóricos presente em algumas fontes fornecidas pelo grupo *Sextantio* – organização privada que entramos em contato e, gentilmente, nos enviou materiais de sua própria autoria a partir de um diagnóstico das obras no vilarejo. Diante de algumas lacunas, tais como dados e informações superficiais, procuramos realizar uma espécie de pesquisa paralela, em que, frente à conjuntura apresentada de carência de dados, recorriamos a outro banco de referências que o próprio material analisado citava de forma tímida e/ou vaga – como notas de rodapé, legendas de fotografias, páginas eletrônicas, termos técnicos, personagens e instituições públicas e privadas. Assim, para entender as entrelinhas do processo de apropriação do patrimônio local, tivemos que esmiuçar detalhes aparentemente triviais que, no atual estágio da pesquisa, se revelam centrais à formulação das reflexões que proferiram este trabalho. Além disso, evidenciamos a complexidade em se traduzir alguns vocábulos da língua italiana para a língua portuguesa, ora por falta de sinônimos que mantivessem o caráter etimológico destes termos, ora pelo receio de descontextualizar sentenças personificadas a uma realidade geográfica distinta da nossa.

Outro desafio que permeou esta investigação advém do fato de um geógrafo de formação participar de um mestrado em História com foco na temática do patrimônio cultural e da paisagem. Embora reconheçamos a multidisciplinaridade deste programa em específico como um de seus maiores trunfos, não podemos deixar de relatar algumas dificuldades em apreciar autores e discussões íntimos ao universo da História, o que demandou maiores desdobramentos na interpretação crítica e contextualizada de algumas noções, que neste caso, especialmente, seriam a de paisagem - conceito base à ciência geográfica, que apresenta porém uma leitura muito particular deste quando comparada àquela da História -, e a noção de memória - mesmo que de extremo valor a compreensão das ações e narrativas humanas, nos âmbitos pessoais e coletivos, sobre os respectivos lugares que atuam, se trata ainda de uma discussão pouco explorada pela Geografia acadêmica e escolar.

A propósito, ainda sobre a multidisciplinaridade do programa de mestrado supracitado, mesmo mediante algumas dificuldades previamente descritas, não podemos deixar de ressaltar as contribuições que seu perfil plural propiciou à elaboração e amadurecimento, seja teórico, seja prático, desta dissertação. Inicialmente, buscávamos uma análise, um tanto quanto genérica, da influência do turismo na comuna de *Santo Stefano di Sessanio*, se valendo basicamente da lógica do mercado enquanto ente vinculado às questões do patrimônio e da paisagem. Contudo, as trocas de saberes e discussões durante as aulas, reuniões de orientação e eventos ofertados pelo programa de pós-graduação em questão engendraram um leque de inspirações, sobretudo por parte de colegas arquitetos e restauradores, que ajudaram a tecer o cerne das problematizações que conduziram a pesquisa. Dito isso, hoje constatamos que a proposta inicial não compreendia, pelo menos de forma plena, as discussões em torno do patrimônio a partir de um viés mais profundo e coerente, se resumindo a uma mera conciliação entre a atividade turística e sua relação com o patrimônio paisagístico de *Santo Stefano di Sessanio*. Obviamente que não abandonamos as reflexões que se nutrem da ideia do turismo como um importante elemento que se apropria dos respectivos patrimônios enquanto recursos estratégicos para o capital. No entanto, para além desta tônica, lapidamos nossas análises dando também ênfase a como outras variáveis, a exemplo da formação de identidades locais, do apego e idealização do passado e da memória, do arranjo territorial e da contemplação estética da paisagem, podem se confluir em prol de determinados objetos, práticas e lugares reverenciados enquanto patrimônios. Isto implica pensar, portanto, na noção contemporânea do patrimônio enquanto componente estratégico, situado no cerne dos interesses da sociedade, dos entes públicos/governamentais e do mercado.

É de intenção ponderar, finalmente, que esta investigação não esgota as questões da paisagem e do patrimônio em regiões mais ruralizadas, e tampouco as delimita. Ao contrário, nosso intento é instigar novas inquietações acerca das narrativas e práticas concretas que visam consagrar lugares enquanto elementos de forte valor simbólico, o que por vezes encobre suas nuances espaço-temporais. Em nenhum momento procuramos depreciar a experiência italiana representada pelo povoado de *Santo Stefano di Sessanio* em se utilizar da sua paisagem, na condição de ambiente cênico recheado de memórias alegóricas, à formulação de políticas de ordenamento do território. De fato, o exemplo local surge como um grão de areia em meio a um vasto deserto, cujos discursos sobre o passado podem, inclusive, personificar lugares à luz daquilo que deveriam ser.

Neste sentido, nossas discussões não contestam a necessidade de se preservar edifícios, memórias subjetivas, objetos ou mesmo paisagens. O que ponderamos aqui é o modelo adotado, a maneira antagônica em que a conjuntura de pobreza, que propiciou abandono local, hoje é enaltecida como componente que “petrificou” o lugarejo a uma estética destoante dos cânones da arquitetura moderna, assim como de tudo aquilo que a esta, aparentemente, se distancia, como sociabilidade coletiva, fruição do tempo e do espaço, ocupação laboral artesanal, práticas culturais populares e crenças religiosas fervorosas. O filósofo francês Henri-Pierre Jeudy, assim como outros intelectuais, tem analisado alguns casos de patrimonialização recentes e, à luz disso, vem questionando o modo como certas ações de conservação se desdobram. Para ele, as práticas recentes de tombamento e preservação do patrimônio surgem como um “modelo pronto, como um produto de importação, como se o processo de reflexividade já tivesse ocorrido e estivesse, por assim dizer, incorporado ao próprio produto”¹⁸.

Não é acaso que as conclusões aqui dissertadas são parciais e se empenham em contribuir, dentro de suas limitações, a futuras reflexões que aportem às distintas discussões que este trabalho possa induzir: seja em outras comunas da Itália que buscam restaurar seus respectivos aparatos arquitetônicos, seja em quaisquer outras localidades que, mesmo defronte às suas mais íntimas particularidades geográficas, veem em um recorte temporal específico – por vezes assumido enquanto o próprio “passado” em sua totalidade - um vínculo direto com a noção de “origem” e, deste modo, costuram um elo linear com o presente e o futuro.

¹⁸ JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro, Casa da palavra, 2005, p. 21.

PARTE I

CAPÍTULO 1 – *MEMORIE DI UN VECCHIO BORGO*¹⁹

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, específicas zonas rurais da Europa vêm experimentando profundas transformações sócio-espaciais, o que instiga novas leituras de suas dinâmicas. A intensa mecanização do campo, os recorrentes movimentos de abandono territorial bem como o crescimento súbito de zonas urbanizadas engendraram, paradoxalmente, uma visão romântica e pictórica do meio campestre. São cada vez mais difusas as aspirações ligadas à contemplação da “natureza” e nostalgia rural, e, portanto, aqueles que ainda atuam no campo apresentam-se na condição de verdadeiros “guardiões das paisagens”²⁰. Diante deste contexto que ocorre no ano 2000 na cidade de Florença, na Itália, a “Convenção Europeia da Paisagem”, evento que se orientou em torno das políticas formuladas pelas autoridades locais competentes aos princípios estratégicos de proteção e ordenamento de específicos conjuntos paisagísticos. Uma das orientações que mais caracterizam a convenção é a proposição de medidas de promoção e gestão do território englobando todas as paisagens, até mesmo aquelas que não externalizam valor excepcional único; dito de outro modo, este pacto “não diz respeito apenas às paisagens memoráveis, mas também às paisagens ordinárias ou arruinadas”²¹. O objetivo central desta cerimônia seria, assim, propor iniciativas que pudessem monitorar as transformações que vêm ocorrendo nos respectivos conjuntos de paisagens do continente, preservando suas diversidades e peculiaridades, tal como operar em volta de seus respectivos potenciais enquanto catalisadores de recursos aos territórios em que se localizam, o que inclui, seguramente, aqueles de caráter rural.

Atentos a esta tônica, alguns países vêm apostando na requalificação²² e promoção de localidades rurais, na condição de patrimônios latentes de interesses histórico e paisagístico. Seja por iniciativas amplas ou por ações pontuais, esta lógica se pauta em atrair investimentos e, na sequência, reestruturar inteiros territórios tidos até então como marginalizados e/ou decadentes. A título de ilustração, de acordo com Briatore²³, Zampilli²⁴ e *Osservatorio Nazionale del*

¹⁹ *Memórias de um velho burgo*, no português.

²⁰ BRUNEL, Sylvie. **Turismo e mundialização: rumo a uma disneylandização universal?** Trad. Eustógio Wanderley Correia Dantas e Raimundo Freitas Aragão. Mercator/Revista Geografia da UFC, ano 08, n. 15, 2009, p. 15. Disponível em: < <http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/273/221>>. Acesso em 12/05/2016.

²¹ RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007, p. 53.

²² Conceito usualmente empregado pela literatura e fontes analisadas; todavia sua devida problematização virá no decorrer do texto.

²³ BRIATORE, Samuele. **Valorizzazione dei centri storici minori: strategie di intervento**. Reggio Emilia: Diabasis, 2011, p.16. Disponível em: < <http://www.universitaieuropeadiroma.it/archive/images/stories/storia12/valorizzazioneborg>

*Turismo*²⁵, somente a Itália concentraria aproximadamente 20.000 sítios de interesse histórico-cultural, o que inclui aldeias e povoados de notáveis apelos arquitetônicos e ambientais, dado que reforça o protagonismo contemporâneo no qual certas localidades menores têm exercido no continente no que tange gestão territorial e promoção do patrimônio paisagístico. O país, inclusive, tem assistido uma expansão de ações específicas que intentam propalar a “beleza” de uma suposta Itália anônima, indo além dos holofotes que caracterizam cidades aclamadas no cenário turístico mundial, como Roma, Florença e Veneza. Tais atuações se pautam, basicamente, em incentivar iniciativas como festas, festivais, exposições, feiras, conferências e concertos que destaquem o patrimônio religioso, arquitetônico, gastronômico, linguístico e paisagístico de distintos vilarejos país afora, buscando, ao fim e ao cabo, frear o fenômeno do despovoamento, realidade comum em localidades mais afastados dos grandes centros urbanos. À sombra disso, se procura propagandear uma suposta identidade local mediante a reprodução de hábitos, crenças e ofícios, bem como a confecção de produtos, utensílios e alimentos, em um hipotético esforço de contrastar um “modo de vida moderno”, aparentemente massificado pela globalização, além de “reviver” práticas culturais, de caráter simbólico e material, perdidas ou profundamente transformadas pelo curso do tempo.

Conforme esperado, toda esta filosofia, que contorna diferentes práticas sociais, objetos e paisagens concebidos enquanto patrimônios, tem sido incitada pela atividade turística, mas não exclusivamente por ela. Por mais que seja inegável sua força enquanto ente promotor de memórias e de lugares, seria um grande equívoco de nossa parte considerarmos o turismo como a única variável competente às questões de construção e legitimação das identidades culturais. Sabemos que o expoente crescimento da oferta cultural para este segmento tem despertado a atenção de diversos saberes acadêmicos, na tentativa de compreender as nuances espaço-temporais decorrentes deste processo. O estudo do patrimônio, enquanto um vasto campo do conhecimento recheado de valores e acepções, instiga pensar acerca da relação entre os vestígios materiais e intangíveis, as memórias fruto de um contexto histórico específico e, ainda, os conjuntos de paisagens os quais estes se inserem. O antropólogo Joël Candau, por exemplo,

hi.pdf>. Acesso em 23/02/2015.

²⁴ ZAMPILLI, Michele. *Perchè e come insegnare il recupero della bellezza dei piccoli centri storici*. In: FILETICI, Maria Grazia & CENTRONI, Alessandra (Org.). **Progetti d’eccellenza per il restauro italiano**: Quaderno ARCo. Roma: Gangemi Editore, 2011, p. 169-175.

²⁵ Osservatorio Nazionale del Turismo. **XXXVII Rapporto sulla situazione sociale del paese**. 5 dicembre 2003, p. 3. Disponível em: < http://www.ontit.it/opencms/export/sites/default/ont/it/documenti/archivio/files/ONT_2003-12-05_00023.pdf>. Acesso em 29/05/17.

sustenta a ideia de que o patrimônio “é menos conteúdo que uma prática da memória obedecendo a um projeto de afirmação de si mesma”²⁶, já que isto se desvela graças à “incapacidade crescente das sociedades modernas em enfrentar a perda ou alteração, o que as conduz a petrificar o passado a fim de salvaguardá-lo e, por isso mesmo, perdê-lo mais ainda”²⁷. Nesta mesma linha de raciocínio, porém se debruçando sobre a relação da sociedade contemporânea com a memória individual e coletiva, o geógrafo e historiador David Lowenthal comenta que “quando recordamos, ampliamos determinados acontecimentos e então os reinterpretamos à luz da experiência subsequente e da necessidade do presente”²⁸. Portanto, cabe aqui ressaltar que o patrimônio também pode ser discutido enquanto elemento de fomento à solidificação da memória pertencente a um grupo social específico, que interpreta nele um elo, não raro *continuum*²⁹ e linear, entre presente e passado. Melhor dizendo, os indivíduos, a partir de seus respectivos patrimônios, podem metamorfosear suas memórias em história, elencando aquilo que deve, ou não, perpassar para as próximas gerações.

É de conhecimento comum que, embora os deslocamentos humanos se datem paralelos à existência do próprio homem, foi durante o século XVII que surgiu um movimento de intelectuais viajantes conhecido como “*Grand Tour*”³⁰. Nobres ingleses e alemães, em sua maioria indivíduos letrados, seguiam rumo à Europa continental em uma “espécie de ritual educativo”³¹, explorando a apreciação de diferentes culturas, através de seus costumes, artes e etiquetas. Apesar de diversos países estarem nas rotas, as excursões se concentravam mormente entre o sul da França e a Itália, sendo, inclusive, sítios italianos clássicos³² - a exemplo de Roma, Nápoles e Pompeia - o clímax das viagens³³. Os resquícios arqueológicos do período greco-romano, o legado do Catolicismo, os simbolismos provenientes da Renascença, a efervescência

²⁶ CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. – 1. ed., 2ª. Reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014, p. 63.

²⁷ *Ibidem*, p. 189.

²⁸ LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. **Projeto História**, São Paulo, n. 17, nov. 1998, p. 97.

²⁹ CIVALE, Leonardo. Sobre Luzes e Sombras. A reconstrução da paisagem cultural da Praça XV de Novembro no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro (1982-2008). In: **Cadernos de Geografia**. DOI 10.5752. V.25, nº44. 2015. P.134-148. 15 pp.

³⁰ BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006. São Paulo: Perspectiva, 2006.

³¹ MILHEIRO, Eva & MELO, Carla. **O Gran Tour e o advento do turismo moderno**. Porto Alegre: Aprender, 2005, p. 116.

³² Vocábulo utilizado no sentido de arraigado, habitual, indicando a relação destes sítios com turismo desde os primórdios desta atividade, tal qual é compreendida hoje.

³³ GYR, Ueli. The History of Tourism: Structures on the Path to Modernity, in: **European History Online (EGO)**. Published by the Institute of European History (IEG), Mainz, 2010.

religiosa barroca, a monumentalidade, mesmo que em decadência, de poderosas cidades repúblicas marítimas do século XIV, dentre outros fatores, propiciavam um cenário ideal ao culto das artes, das paisagens e dos hábitos tidos como eurocentristas. A península Itálica representava, à vista disso, o arquétipo de uma expressiva parte dos costumes, nobres ou populares, difundidos e incorporados pelo Velho Continente e fora dele. Por sinal, a forte tendência turística da Itália perdura por anos consecutivos, valendo-se até hoje.

Graças a sua longa urbanização, o que conhecemos atualmente como território italiano é, de fato, resultado da atuação de distintos povos que por ali se fixaram, contribuindo para construção de todo legado histórico-cultural que o país atualmente concentra. Não é por menos que, até o presente momento, a Itália segue líder na lista de Patrimônios da Humanidade arrolada pela UNESCO, com um recorde de 54 sítios catalogados³⁴, sendo, ainda, a quinta maior potência turística global (**Tabela 1**). A diáspora italiana do fim do século XIX, tal e qual a indústria cinematográfica nacional, através de famosas obras - incluindo o estouro do gênero “*Spaghetti Western*” que se destacou em meio a forte concorrência de Hollywood -, também foram de suma importância à expansão de uma certa “italianidade”³⁵ mundo afora. Tais circunstâncias virão, no curso do tempo, consolidar o país no cenário turístico mundial, amparadas por icônicos monumentos, paisagens, estilos arquitetônicos, marcas, produtos “*Made in Italy*”³⁶, costumes, produtos alimentícios e receitas que serão cotidianamente enaltecidos no imaginário popular.

³⁴ UNESCO. **Italy - Properties inscribed on the World Heritage List.**

Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/statesparties/it>>. Acesso em 25/07/16.

³⁵ Termo utilizado de forma questionadora, no intuito de indagar certos discursos que propagam a ideia de uma cultura italiana “endógena”, “universal” e “pura”, abarrotada de estereótipos vinculados à sua língua e fonética, à gastronomia, à moda e ao estilo de vida. Aliás, nesse mesmo segmento, indicamos a leitura do livro “Mitologia da mineiridade”, escrito por Maria do Nascimento Arruda no ano de 1990, que investiga como este tipo de caracterização foi sendo construída e popularizada sobre o estado de Minas Gerais no imaginário social brasileiro.

³⁶ *Made in Italy* é um selo de qualidade atribuído a produtos planejados e confeccionados no território italiano, englobando indústrias como moda, *design*, alimentação, manufatura, engenharia e artesanato. Deste modo, dentro de uma lógica de mercado, tais produtos ganham notoriedade simbólica por apresentarem concepção e tecnologias inteiramente italianas. Em 2009, uma lei foi especialmente elaborada pela câmara de deputadas da Itália no objetivo de assegurar os rótulos *Made in Italy* dentro e fora do país, com previsão de punições a ações que deturpem essa filosofia de uma certa “originalidade” italiana (MADE-IN-ITALY, 2018).

Tabela 1 - Listagem dos países com mais bens citados no elenco de Patrimônios da Humanidade da UNESCO e do posicionamento global quanto ao número de visitantes internacionais registrados.

Países	Número de bens inscritos na lista de Patrimônios Mundiais da UNESCO		Posição na lista de Patrimônios Mundiais da UNESCO		Número de visitantes (em milhões)		Posição na lista de destinos mais visitados do mundo	
	1990	2018	1990	2018	1990	2017	1990	2016
Itália	6	54	8	1	-	52,4	4	5
China	7	53	7	2	-	59,3	12	4
Espanha	16	47	3	3	-	75,6	3	3
França	17	44	2	4	-	82,6	1	1
Alemanha	9	44	5	4	-	35,6	9	7
Índia	19	37	1	5	-	8	-	-
México	8	35	6	6	-	35	8	8
Reino Unido	14	31	4	7	-	35,8	7	6
Rússia	3	28	9	8	-	24,5	17	-
EUA	17	23	2	9	-	75,6	2	2
Iran	3	23	9	9	-	5	-	-
Japão	0	22	-	10	-	24	28	-
Brasil	7	21	7	11	-	6,3	53	-

Fonte: UNESCO/Organização Mundial do Turismo. Acesso em 30/07/18.

A partir da **Tabela 1** podemos atinar que os países com acervos patrimoniais mais valorizados pelas indústrias culturais têm buscado nas últimas décadas “reforçar a competitividade dos seus mercados turísticos por via da aquisição e afirmação de uma imagem de marca sustentada pelo estatuto de patrimônio mundial”³⁷. Por isso que não é simples coincidência que a listagem dos países mais visitados do mundo se confunda àquela dos que mais possuem

³⁷ PEIXOTO, Paulo. **O património mundial como fundamento de uma comunidade humana e como recurso das indústrias culturais urbanas**. Coimbra: Centro de Estudos Sociais Faculdade de Economia da Univ. de Coimbra, 2001, p 11. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/155/155.pdf>>. Acesso em 16/03/16.

patrimônios catalogados pela UNESCO. Essa imagem de *brand*³⁸ patrimonial tem sido uma eficiente prática tanto na promoção do legado artístico-cultural dos respectivos territórios, quanto na difusão de hipotéticas singularidades, tipicidades e sublimidades de determinados complexos paisagísticos nacionais. Apesar disso, é de nosso compromisso considerar o fato de que o turismo, na condição de uma das atividades contemporâneas mais sofisticadas em termos de volatilidade e mobilização de recursos e subjetividades, não se limita apenas às questões patrimoniais oficialmente instituídas. Por isso, não é novidade a existência uma gama de tipologias que abarcam esta atividade – que podem ir das convencionais manifestações artístico-culturais, perpassando pelo chamado “turismo de saúde/bem-estar”, chegando até mesmo a categorias bem específicas, como o ecoturismo, o turismo do esporte e o turismo do consumo.

Observamos um esforço da Itália, frente a isso, em consolidar sua fama internacional para além das tradicionais indicações de arte e cultura – geralmente associadas à antiguidade greco-romana e ao Renascimento - comumente publicizadas em guias turísticos e cartões-postais. Congregar a notoriedade de sua realidade histórica com a complexa geografia que acolhe o país, caracterizada por um litoral extremamente recortado e duas importantes cadeias montanhosas, se torna um poderoso artifício de propagação do território e seus recursos. E, frente a vasta heterogeneidade que as caracterizam, as paisagens nacionais, ou pelo menos um conjunto destas, apresentam-se como lócus de tal perspectiva, “imortalizadas” por grandes clássicos da literatura, do cinema e das artes, nacionais e estrangeiros, inclusive.

Embutida nessa lógica, como outras vilas espalhadas por todo o *Bel Paese*³⁹, que a pequena *Santo Stefano di Sessanio*, comuna de pouco mais de 110 habitantes situada em uma importante reserva ambiental no centro do país, vem testemunhando nas últimas décadas uma espécie de “consagração” de sua paisagem enquanto espetáculo estético, após um agudo processo de declínio econômico e abandono populacional que tem se prolongado desde o fim do século XIX. E é a partir desta enunciação que se desdobrará o presente capítulo, buscando compreender, através do caso local, o contexto tardo-moderno em que a emotividade com o passado e a empatia pela tutela da “natureza” estão em voga, visto que práticas de promoção das

³⁸ Palavra inglesa que significa marca, *status*.

³⁹ *Bel Paese* (“bela terra” ou “belo país”, na língua portuguesa) é uma expressão comumente utilizada pelos italianos fazendo analogia à “beleza” do território nacional, isto é, representada pelo grande legado artístico-arquitetônico fruto de sua longa urbanização, assim como os inúmeros objetos geográficos que abrigam distintas paisagens, que vão desde altas montanhas, passando por extensas planícies, lagos vulcânicos e colinas arborizadas, até praias ensolaradas.

culturas e territórios mais ruralizados, enquanto lugares tipificados, se atestam extremamente poderosas, suscitando a mobilização de um leque de conhecimentos na interpretação de suas entrelinhas.

1.1 – *SANTO STEFANO DI SESSANIO*: BREVE CONTEXTO PAISAGÍSTICO

Casas amontoadas, em sua totalidade de pedras calcárias brancas que, desbotadas pelo tempo, assinalam fachadas em um tom cromático arenoso; gabarito edilício controlado, criando uma perspectiva levemente simétrica de tetos e telhados; ruelas estreitas indicando penumbras e vasos floridos; becos afunilados, ligeiramente desprovidos de ventilação, onde se ecoa um silêncio plácido; colinas onduladas, parcialmente arborizadas, que descortinam montanhas nevadas e pradarias...

Um breve relato da paisagem *incastellata*⁴⁰ que cumprimenta aqueles que hoje serpenteiam a estrada principal de acesso ao núcleo histórico de *Santo Stefano di Sessanio* nos dá indícios de uma atmosfera pitoresca, e relativamente descampada, a partir de sua fisionomia “medieval-pastoril” (**Figura 1**). Localizado na região do *Abruzzo*, no centro-sul da Itália (**Mapa 1**), o território administrativo do lugarejo se espalha integralmente nas instalações do *Parco Nazionale del Gran Sasso e Monti della Laga*, a terceira maior reserva de proteção especial nacional.

Fundado no ano de 1991, o parque cobre uma área de aproximadamente 150.000 hectares entre as regiões do *Abruzzo*, *Lazio* e *Le Marche*, no coração da cadeia dos *Appennini*⁴¹. Sua área se estende sobre um terreno predominantemente montanhoso e relativamente próximo ao mar Adriático – aproximadamente 80 km. Isto, juntamente às distintas zonas orográficas que variam conforme a cota altimétrica, propiciou *habitats* específicos para uma quantidade expressiva de lobos, ursos, águias, cabras selvagens e javalis, além de espécies endêmicas de plantas e insetos⁴². O pico mais elevado de toda a Itália central, inclusive, se encontra em suas adjacências, conhecido como *Corno Grande*, sendo parcialmente coberto pela geleira permanente mais

⁴⁰ Composição de várias habitações que, cercadas de um perímetro murado, criam uma prospectiva semelhante a um castelo (TRECCANI, 2018).

⁴¹ *Appenini* (Apeninos, na língua portuguesa) é uma cadeia montanhosa que se prolonga da região da *Liguria* (norte) até a ilha da *Sicilia* (sul), desenhando, assim, a espinha dorsal da Península Itálica.

⁴² <<http://www.gransassolagapark.it/>>, acesso em 18/03/18.

meridional da Europa. Ademais, o *Parco Nazionale del Gran Sasso e Monti della Laga* se particulariza pelo número significativo de *paesi*⁴³, como é o caso de *Santo Stefano di Sessanio*, profundamente marcados pela atividade pastoril e pela agricultura, delineando suas respectivas paisagens.

No que diz respeito à realidade arquitetônica *stefanara*⁴⁴, se destacam na cena local dezenas de edifícios amontoados, por vezes assimétricos em termos de pavimentos, que formam um sistema parietal conhecido por *case-mura*⁴⁵, muito difundido durante a Idade Média. Se trata de uma estrutura análoga a um cinturão, basicamente composta por edifícios justapostos que abraçam as construções mais internas do lugarejo, dando a ideia de uma contínua muralha integrada por casas. Além de servirem como um sistema de defesa imperioso, esta tipologia edilícia origina uma isonomia estética de interesse arquitetural (**Figura 2**).

Justamente por isso, como sucede em outras comunas menores da Itália, que a localidade de *Santo Stefano di Sessanio* desperta atenção: pela harmonia de seu tecido arquitetônico, no sentido coletivo da palavra, e não propriamente por conter um monumento de grande interesse artístico ou proporções colossais, condição notoriamente manifestada em cidades de prestígio internacional, como demonstra Roma, Veneza e Pisa. Há ainda que se destacar que “um dos pontos de força do vilarejo é sua completa fusão com o ambiente circunstante”⁴⁶, gerando, impreterivelmente, uma leitura simbiótica de sua paisagem.

É neste contexto de arquiteturas sugestivas e panoramas de forte apelo contemplativo, traçados por ínfimos resquícios de urbanização a base de concreto armado ou verticalização desenfreada, fenômenos muito pertinentes em outras regiões italianas, que se debruça a localidade de *Santo Stefano di Sessanio*, a 1.251 metros acima do nível do mar. Aliás, uma aparente parcimônia e, concomitantemente, afinidade estética dos casebres locais, assim como a coroa de montes que rodeiam o sítio, introjetam aos olhos e à mente a metáfora de um presépio.

⁴³ Palavra italiana que possui significado ambíguo. De acordo com o *Dizionario di Italiano* online, do jornal *Corriere della Sera* (2016), *paese* (plural, *paesi*) conota tanto a um território política e juridicamente independente (tendo por sinônimos as palavras nação, Estado e pátria), quanto a um pequeno núcleo povoado, de grande caráter rural.

⁴⁴ *Stefanaro*, numa linguagem onomástica, reporta àquilo e/ou aquele que provem da comuna de *Santo Stefano di Sessanio*.

⁴⁵ Do italiano, “casas-muro”.

⁴⁶ BRIATORE, Samuele. **Valorizzazione dei centri storici minori**: strategie di intervento. Reggio Emilia: Diabasis, 2011, p. 44. Disponível em: <://www.universitauropeadiroma.it/archive/images/stories/storia12/valorizzazioneborg hi.pdf>. Acesso em 23/02/2015. Tradução nossa.

Não é por menos que o lugarejo atualmente faz parte da célebre associação “*I borghi più belli d’Italia*”⁴⁷.

⁴⁷ A associação *I borghi più belli d’Italia* (na língua portuguesa, “Os mais belos burgos da Itália”) é um importante ente privado que parte de uma série de requisitos específicos no intuito de divulgar um “circuito de beleza” protagonizado por pequenas comunas que melhor ambientam, aos olhos do turismo, o charme de uma Itália rural e/ou litorânea do “passado”. Esclarecemos, contudo, que as práticas deste clube serão devidamente analisadas nos próximos capítulos.



Figura 1 - *Santo Stefano di Sessanio* e sua paisagem *incastellata* debaixo de neve, dezembro de 2007. Fotografia de Herbert Frei. Disponível em <<https://www.flickr.com/photos/secretgardens/5198683843>>. Acesso em 18/05/18.



Imagens ©2018 Data SIO, NOAA, U.S. Navy, NGA, GEBCO, Landsat / Copernicus, Dados do mapa ©2018 Google, Inst. Geogr. Nacional 100 km

42° 20' 44,52" N
13° 38' 42,36" E



○ Principais cidades

📌 Santo Stefano di Sessanio

Mapa 1 - Localização do município de *Santo Stefano di Sessanio* no território da Itália. Fonte: Google Maps. Adaptação pessoal.



Figura 2 - O amontoado de casas locais, mais do que um sinal de uma relativa densidade construtiva, nos revela o sistema defensivo conhecido como *case-mura*, em que um conjunto de edifícios locais, de maneira justaposta, origina uma verdadeira muralha. Fotografia de Darlo Lorenzetti, 2008. Disponível em <<https://www.flickr.com/photos/dloren/36325265494/>>. Acesso em 20/03/18.

1.2 – O BURGO DOS MECENAS

Antes de descrevermos um pouco do perfil historiográfico da localidade de *Santo Stefano di Sessanio*, entendemos necessário esclarecer a escolha do conceito de burgo aqui adotada, assim como nossa interpretação deste. Seguindo na linha de historiadores medievais, como March Bloch⁴⁸ e Le Goff⁴⁹, e de notáveis instituições de pesquisas etimológicas, como o *Istituto Treccani*⁵⁰, compreendemos a noção de burgo como um pequeno centro povoado, reconhecido pela presença de um castelo ou de fortificações como muralhas, e que datam à Idade Média. Geralmente se posicionam nas encostas de montes e colinas, caracterizando-se por íntima ligação com o campo, o que explica as grandes extensões de colheitas e pastagens que comumente rodeiam esses núcleos. Estas estruturas físicas, ainda, eram utilizadas para estoque de alimentos nos meses mais frios e para reclusão da população em caso de epidemias e doenças. Uma vez que as atividades comerciais eram normalmente realizadas dentro dos burgos, que representavam o centro ativo dos vilarejos medievais, se destacavam na paisagem cotidiana destas construções agrícolas, pescadores e artesãos, igualmente artistas de rua, como músicos, poetas e pintores. Tendo em consideração a morfologia urbanística, os burgos chamam atenção por apresentarem uma praça central que hospedava importantes entidades simbólicas, como a igreja ou a sede do poder administrativo local. As ruas, via de regra, são estreitas e articuladas, seguindo em consonância com a orografia do sítio em que se sustentam. Quanto à realidade italiana, as leituras sugerem que este conceito também se aplica à ideia de “*centri storici minori*”⁵¹, que correspondem às localidades com até 5.000 habitantes, representando cerca de 72% das comunas do país no presente momento⁵².

A opção por este conceito se deu, em suma, mediante percepções empíricas, posto que o fato deste termo ser usualmente empregado na língua italiana, quer em textos acadêmicos, quer em conversas informais entre os cidadãos, reforça a nossa tentativa de dar um tom mais próximo

⁴⁸ BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. 2ª ed., Lisboa: Edições 70, 1987.

⁴⁹ LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**: conversações com Jean Lebrun; tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. - São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. - (Prismas).

⁵⁰ ISTITUTO TRECCANI. **Vocabolario**. Disponível em < <http://www.treccani.it/vocabolario/borgo/>>. Acesso em 13/05/18.

⁵¹ Ver nota de rodapé número 7, situada à página 4.

⁵² BASSANELLI, Michaela. Il caso della Valle di Zeri: una ipotesi operativa per la Valle di Zeri. In: POSTIGLIONE, Gennaro; BASSANELLI, Michela; PORCARO, Lorenzo Bini Salvatore (Org.). **Geografie dell'abbandono**: la dismissione dei borghi in Italia. Milano:Bozza, set. 2009, p. 551.

à realidade do objeto de pesquisa. Para isso, buscamos nos referir e apreciar estes pequenos centros históricos tal como o fazem os próprios italianos, tendo, contudo, o resguardo para com as devidas singularidades culturais.

Tornando à historiografia do lugarejo em si, Stabile e col.⁵³, Briatore⁵⁴ e Giustizia⁵⁵ teorizam que o povoado de *Santo Stefano di Sessanio* surge na era romana, uma vez que um dos nomes atuais, *Sessanio*, provem da palavra latina “*Sextantia*”, fazendo conotação à distância de seis milhas da antiga *Peltinum*, importante cruzamento para as excursões que partiam de Roma em direção à costa adriática. Após alguns estágios de ligeira ascensão econômica, *Santo Stefano di Sessanio* vive na metade final do século XVI seu período mais florescente: trata-se da ocasião em que a poderosa família *Medici* de Florença, um dos grupos mecenas mais famosos de toda a Renascença italiana, adquire o burgo. Sob o domínio destes, o vilarejo testemunha a construção e/ou decoração de uma série de monumentos em seu núcleo administrativo, como arcos, portões de ingresso, edifícios, fontes e o símbolo local, a *Torre Medicea*, que, com sua forma cilíndrica e ameias⁵⁶ na parte superior, domina a paisagem do lugarejo (**Figura 3**).

⁵³ STABILE, Francesca Romana; ZAMPILLI, Michele & CORTESI, Chiara. Santo Stefano di Sessanio (AQ) | Laboratorio di progettazione del Master internazionale di II livello in Restauro architettonico e recupero della bellezza nei centri storici. In: **Centri storici minori** - Progetti per il recupero della bellezza. Roma: Gangemi Editore, 2009, p. 145-184.

⁵⁴ BRIATORE, Samuele. **Valorizzazione dei centri storici minori**: strategie di intervento. Reggio Emilia: Diabasis, 2011, p.16. Disponível em <<http://www.universitaeduropeadiroma.it/archive/images/stories/storia12/valorizzazioneborghi.pdf>>. Acesso em 23/02/2015.

⁵⁵ GIUSTIZIA, Fulvio. **Storia del comune di Santo Stefano di Sessanio**. Disponível em <<http://www.comunesantostefanodisessanio.aq.it/c066091/zf/index.php/storia-comune/>>. Acesso em 17/05/18.

⁵⁶ Termo frequentemente usado por estudiosos da arquitetura militar, fazendo menção ao parapeito das muralhas de um edifício fortificado, por onde os defensores avistavam os inimigos (TRECCANI, 2018).



**Figura 3 - A influência renascentista toscana é visivelmente presente em detalhes que caracterizam muitos edifícios de *Santo Stefano di Sessanio*. Da esquerda para direita, a *Torre Medicea*, a *Porta Urbica* e o *Palazzo Rinascentiale "La Bifora"*.
Fontes: <www.parks.it> / <www.getcoo.com> / <www.flickr.com>. Acesso em 18/05/18.**

Para além da ornamentação e ampliação do aparato arquitetural, os *Medici* também investiram nos produtos locais, com maior destaque à chamada *carfagna*, um tipo de lã preta, rústica, que era a base têxtil dos uniformes militares igualmente das vestimentas dos monges florentinos. Diante desta ocasião que a localidade presencia o nascimento do fenômeno conhecido como *transumanza*. Isto é, nos referimos ao período em que, todo verão, milhares de bovídeos vindos da vizinha região da *Puglia* jornadeavam em direção aos pastos locais⁵⁷. À luz disso, é unânime entre a bibliografia analisada que foi neste contexto que *Santo Stefano di Sessanio* vivenciou o lapso mais glorioso de sua história documentada, aprimorando e divulgando sua expertise no que toca atividades pastoris para outras regiões da península Itálica e da Europa.

Após dois séculos perante senhorio dos *Medici*, o burgo passa a fazer parte do Reino das Duas Sicílias, se tornando patrimônio exclusivo do Rei de Nápoles, em 1810⁵⁸. Com o fim da *transumanza*, na metade final do século XIX, as fontes de análise sugerem que a localidade passa a vivenciar um agudo estado de declínio, acarretando em paulatina estagnação econômica e esvaziamento populacional (**Tabela 2**).

Tabela 2 - Série histórica de população no município de Santo Stefano di Sessanio (1861 – 2016)

Ano	População total	Varição
1861	1.315	-
1871	1.436	9,2%
1881	1.416	-1,4%
1901	1.489	5,2%
1911	1.327	-10,9%
1921	1.206	-9,1%
1931	1.065	-11,7%
1936	979	-8,1%

⁵⁷ STABILE, Francesca Romana; ZAMPILLI, Michele & CORTESI, Chiara. Santo Stefano di Sessanio (AQ) | Laboratorio di progettazione del Master internazionale di II livello in Restauro architettonico e recupero della bellezza nei centri storici. In: **Centri storici minori** - Progetti per il recupero della bellezza. Roma: Gangemi Editore, 2009, p. 145-184.

⁵⁸ BRIATORE, Samuele. **Valorizzazione dei centri storici minori**: strategie di intervento. Reggio Emilia: Diabasis, 2011, p.41. Disponível em: <://www.universitauropeadiroma.it/archive/images/stories/storia12/valorizzazioneborg hi.pdf>. Acesso em 23/02/2015.

1951	791	-19,2%
1961	404	-48,9%
1971	246	-39,1%
1981	199	-19,1%
1991	142	-28,6%
2001	118	-16,9%
2016	113	-4,2%

Fonte: Istituto Nazionale di Statistica - ISTAT (2018).

Com base na tabela acima notamos que, já nos primórdios do século XX, *Santo Stefano di Sessanio* assiste um acelerado estado de recuo demográfico, fruto de uma diáspora que se arrasta desde o fim do século XIX. Em 2001, com apenas 118 residentes, constatamos que o lugar perdeu mais de 90% de sua população em relação a 1901. Os dados mais recentes, alusivos ao ano de 2016, ainda desvelam a desconfortável informação de que, pelo menos com relação ao início das pesquisas censitárias, o lugar apresenta a menor população já registrada, de apenas 113 habitantes. A localização remota associada à condição de marginalização diante das novas estruturas econômicas que gravitavam em torno de pólos industriais e financeiros mais modernos definham não apenas *Santo Stefano di Sessanio*, mas inúmeros outros *paesi* encravados ao longo da cadeia dos *Appenini*.

À esteira disso, não é raro encontrarmos na literatura atenta ao assunto ou em meios midiáticos a expressão “*piaga dello spopolamento*”⁵⁹. Isso corrobora o fato de que o fenômeno do abandono geográfico é, por excelência, uma questão nacional, difundido por todo o país, sobretudo no sul^{60 61 62} (**Tabela 3**).

⁵⁹ Na língua portuguesa, “praga do despovoamento”.

⁶⁰ ESPOSITO, Marco. Mezzogiorno, tracollo demografico: perderà centomila abitanti l’anno. In: **Il mattino**. Fonte: <https://www.ilmattino.it/economia/mezzogiorno_tracollo_demografico_perdera_centomila_abitanti_anno-3708306.html>. Acesso em 15/08/18.

⁶¹ BARATTA, Lidia. Sempre più vecchio, povero e spopolato, il Sud Italia è destinato all’estinzione. In: **Link Iesta**. <<https://www.linkiesta.it/it/article/2018/05/04/sempre-piu-vecchio-povero-e-spopolato-il-sud-italia-e-destinato-allest/37972/>>. Acesso em 18/05/18.

⁶² AMATO, Rosario. Sette milioni di italiani in meno nel 2065, il Sud sempre più vecchio e spopolato. In: **La Repubblica**. Disponível em: <http://www.repubblica.it/economia/2017/04/26/news/sette_milioni_di_italiani_in_meno_nel_2065_il_sud_sempre_piu_vecchio_e_spopolato-163916714/>. Acesso em 15/08/18.

Tabela 3 - Dinâmicas natural e migratória de crescimento populacional na Itália por macrorregião (2016)

Macrorregião	Taxa de crescimento natural	Taxa de crescimento migratório	Taxa de crescimento total
Norte	-2,6	2,1	-0,5
Centro	-2,9	2,8	-0,1
Sul	-1,7	-1,3	-3,0
Itália (total)	-2,3	1,1	-1,3

Fonte: Istituto Nazionale di Statistica - ISTAT (2017).

Mesmo com a expressiva quantidade de imigrantes que ajudam a equilibrar a taxa de crescimento populacional da Itália nas últimas décadas, sobretudo norte africanos e do leste europeu, é inevitável considerar um notório declínio demográfico por todo o país, especialmente na sua porção central e setentrional. Todavia, o saldo migratório no sul é menor, o que implica, em termos gerais, num maior déficit populacional da região em relação ao restante do país. O ISTAT, principal instituição nacional de pesquisas estatísticas, inclusive reporta que os dados referentes ao *Mezzogiorno*⁶³ tendem a piorar nas próximas décadas, considerando o fato de que, há alguns anos, tem se invertido a geografia da fecundidade nacional, quando nas regiões sulinas se observa registrar menos filhos por mulher se comparadas ao norte do país⁶⁴. No que diz respeito a comunas menores, um estudo realizado pela ONG *Legambiente* traz à tona uma questão de interesse: a realidade nacional dos municípios de até 5.000 habitantes que correm riscos de extinção (**Figura 4**).

⁶³ *Mezzogiorno* é uma expressão comumente utilizada pelos italianos se referindo à macrorregião histórico-geográfica que compreende a Itália Meridional e Insular, composta pelos territórios de regiões como *Abruzzo*, *Molise*, *Campania*, *Puglia*, *Basilicata*, *Calabria* e as ilhas da *Sicilia* e *Sardegna*.

⁶⁴ Statistiche report. Natalità e fecondità della popolazione residente. In: **ISTAT - Istituto Nazionale di Statistica**. 28 novembre 2017. Disponível em: <<https://www.istat.it/it/files/2017/11/Report-Nascite-e-fecondit%C3%A0.pdf>> Acesso em 14/08/18.

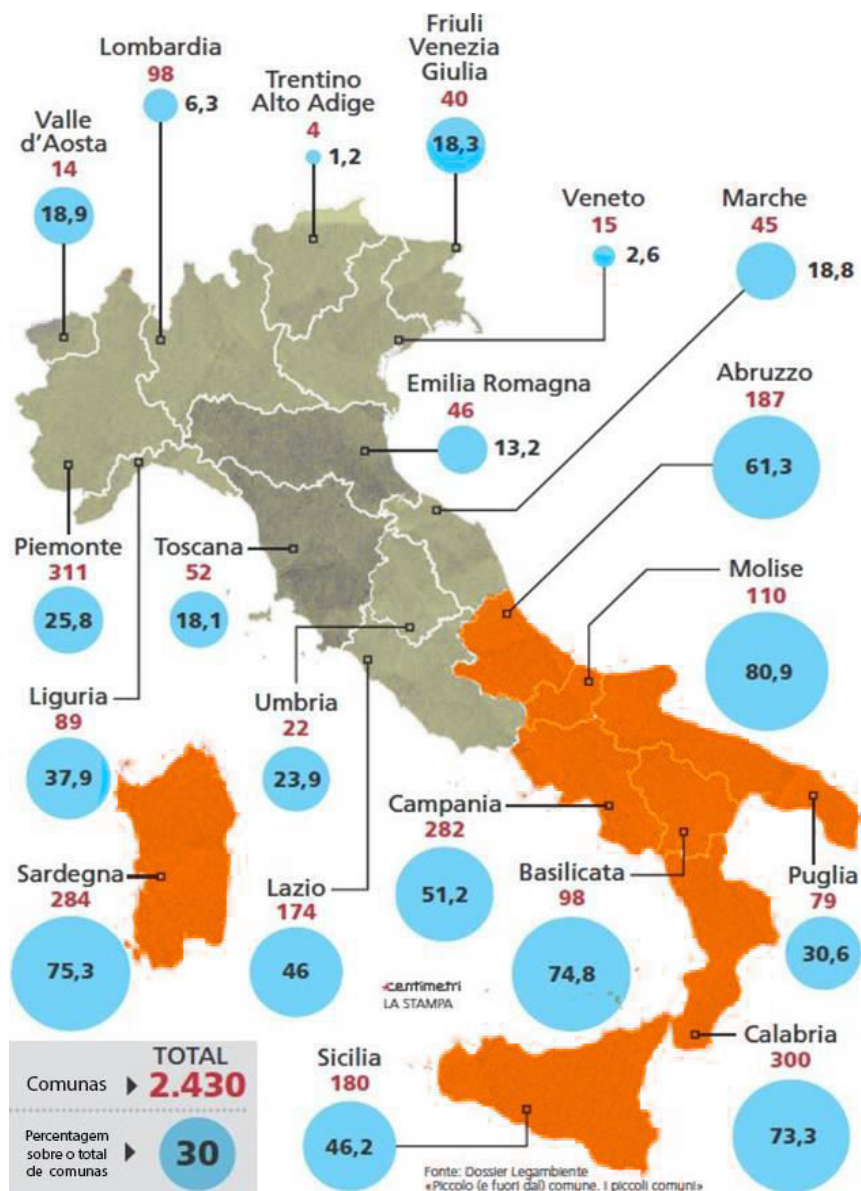


Figura 4 – Representação gráfica indicando municípios italianos de até 5.000 habitantes, por região, que correm risco de se tornarem cidades fantasmas. Os círculos azuis representam a porcentagem de comunas, dentro do total descrito em rosa, que apresentam tal conjuntura. Atenção às áreas de coloração laranja, correspondentes ao *Mezzogiorno*, onde a situação é mais acentuada.

Fonte: Dossier Legambiente / La Stampa, 2016. Adaptação pessoal.

Disponível em:

<https://www.legambiente.it/sites/default/files/docs/dossier_piccoli_e_fuori_dal_comune_piccolicomuni2016.pdf>. Acesso em 18/08/18.

É notável que no centro-norte do país o número de municípios que correm risco de desaparecimento populacional gira em torno de 19%, em média. Já nas regiões que compõem o *Mezzogiorno* - isto é, a Itália meridional e insular – a média aumenta significativamente, rondando valores à volta dos 62%. Regiões como o *Molise* (80,9%), a *Sardegna* (75,3%), a *Basilicata* (74,8%), a *Calabria* (73,3%) e o próprio *Abruzzo* (61,3%) demonstram, respectivamente, os valores mais altos de despovoamento de toda a Itália quando se trata de municipalidades menores. Como já apresentado pela **Tabela 3** deste capítulo, no sul italiano a taxa de crescimento migratório é menor que no resto de seu território, o que reitera a complexa situação de recuo demográfico local, sobretudo das zonas interioranas e daquelas relativamente longe das maiores metrópoles regionais, como Nápoles e Palermo.

Partindo de uma perspectiva histórica, vale ressaltar que os processos de migração e de despovoamento na região do *Abruzzo* se mostraram *sui generis* em comparação ao resto do *Mezzogiorno*. Marinetti⁶⁵, por exemplo, reporta que os eventos migratórios nos últimos 100 anos envolveram mais de meio milhão de *abruzzesi*⁶⁶, especialmente das áreas mais internas. Conforme citado, o ocaso da *transumanza* desdobra em um profundo vácuo sócio-econômico nas zonas montanhosas da região, sinalizando, em tese, o quão dependente eram os povoados deste fenômeno.

Nesse seguimento, abrimos aqui parênteses no que corresponde à situação díspar entre o norte e o sul da Itália, ainda hoje munida de discursos políticos e simbólicos. A unificação tardia do país, que percorreu grande parte do século XIX se consolidando em 1870, fez com que a Itália, assim como a Alemanha, se deparasse com certo retardo industrial quando confrontada aos seus vizinhos europeus. Tal industrialização, todavia, só atingiu plenamente o norte de seu território, enquanto no sul a economia permaneceu rural, com forte concentração fundiária e intensa exploração dos camponeses. Esta situação, inclusive, há muito tem sido explorada por importantes intelectuais italianos, como é o caso de Antonio Gramsci, que, na produção da famosa coleção de artigos reunidos na obra “*La questione meridionale*”⁶⁷, reflete o seguinte:

⁶⁵ MARINETTI, Ernestomaria. **Lo spopolamento montano in Abruzzo: radici storiche, tendenze attuali, problemi di conservazione dei centri storici e proposte di fruizione. Il caso della zona del Gran Sasso.** Università degli Studi di L’Aquila, 2005, 220 p.

⁶⁶ Reporta àquilo e/ou aquele que provem da região do *Abruzzo*.

⁶⁷ “*A questão meridional*”, na língua portuguesa.

A nova Itália se encontrava em condições absolutamente antitéticas: os dois troncos da península, setentrional e meridional, se juntavam depois de mais de mil anos (...). De um lado, a tradição de uma certa autonomia criou uma burguesia audaz e plena de iniciativas, e existia uma organização econômica parecida com aquelas de outros países da Europa, propícia ao desenvolvimento capitalista e à indústria. Do outro lado, as administrações paternas do reino da Espanha e da Casa Bourbon nada haviam criado, não existia uma burguesia, a agricultura era primitiva e não era suficiente nem mesmo a atender o mercado local; não existiam estradas, nem portos, nem a utilização da pouca água que a região, por conformações geológicas, dispunha.⁶⁸

Embora economicamente separadas, essas “duas Itálias” pós unificação – setentrional e meridional – se complementavam a partir das relações estabelecidas entre as elites industriais do norte e os latifundiários do sul. Isto explica, de certa maneira, a sobrevivência desse paradigma, inclusive, até os dias atuais: “em outros termos, a desigualdade era a forma de desenvolvimento capitalista no país”⁶⁹.

No que tange o despovoamento de comunas pelo país afora, fato que se observa mormente nas áreas montanhosas nacionais, novamente desperta atenção um descompasso regional: enquanto no arco dos Alpes – isto é, no norte do país - o recuo demográfico é amortecido graças à aglutinação de municipalidades menores pelo setores do turismo e de atividades esportivas de inverno, ao longo da cadeia apenina, especialmente o trecho que engloba o centro-sul desta, a escassez de infraestruturas como ferrovias e rodovias, aliada a um conjunto de práticas agrícolas que vêm sendo enfraquecidas por grandes produções mecanizadas e mais produtivas diante do capital internacional, tem proporcionado um considerável atrofiamento econômico e, por consequência, abandono territorial na área⁷⁰. Não é por menos que o triângulo industrial italiano, termo cunhado pós segunda-guerra – conhecido no país como To-Mi-Ge - representando a pujança das cidades de Turim, Milão e Gênova, se localizava na sua porção noroeste, respectivamente nas regiões do *Piemonte*, *Lombardia* e *Liguria*. A cidade de Turim, vulgarmente chamada de “*Detroit italiana*”, era a matriz automobilística nacional, reunindo as sedes de grandes empresas como a FIAT e a Alfa Romeo. Já Milão concentrava a sede da bolsa de valores italiana, além de se consolidar como uma das capitais mundiais da moda. E, por fim, Gênova, o maior porto do país e um dos mais trafegados de todo o Mediterrâneo. Contudo, ao

⁶⁸ GRAMSCI, Antonio. **La questione meridionale**. A cura di Franco De Felice e Valentino Parlato. Roma: Editori Riuniti, 1966, p. 4.

⁶⁹ PEREIRA, Laurindo Mékie. **A questão regional no pensamento de Antonio Gramsci e Celso Furtado**. *Topoi (Rio J.)* [online]. 2009, vol.10, n.18, p. 49.

⁷⁰ MARINETTI, Ernestomaria. **Lo spopolamento montano in Abruzzo: radici storiche, tendenze attuali, problemi di conservazione dei centri storici e proposte di fruizione**. Il caso della zona del Gran Sasso. Università degli Studi di L'Aquila, 2005, p. 4, tradução nossa.

fim do século XX, tal região industrial perde espaço e outra, tida como o novo triângulo industrial italiano, começa a prosperar como motor econômico nacional, situada ao nordeste do país. Apenas a cidade de Milão se manteve nessa nova denominação, e junto a ela se uniram Pádua, na região do *Veneto*, e Bolonha, na *Emilia-Romagna*⁷¹.

Notamos que, mais do que uma realidade concreta, a questão meridional na Itália se consolida como um fato simbólico, imbuído de narrativas que incutam o sul da península a uma “condição” impreterivelmente agrícola, campestre e à parte das distintas etapas capitalistas que descrevem a Europa desde a Primeira Revolução Industrial do século XVII. Essa caracterização “vernacular”, todavia, tem sido convertida enquanto capital turístico, visto que a dicotomia “norte industrializado” e fortemente conectado aos interstícios da globalização, supostamente, rompe com a filosofia de uma “Itália autêntica” e secularmente construída, ainda etiquetada ao *Mezzogiorno*. Este discurso, certamente, irá congrega distintas realizadas pelo sul do país, sobretudo aquelas que, devido a condições históricas, mantiveram suas paisagens enquanto objetos que incorporam uma ideia de ruptura com a realidade industrial europeia, como é justamente o caso de *Santo Stefano di Sessanio*.

A propósito, retomando ao quadro local, um minucioso estudo levantado pelo ISTAT, acoplando dados referentes às habitações em todos municípios italianos no ano de 2001, nos evidencia algumas informações emblemáticas quanto à realidade do burgo (**Tabela 4**).

Tabela 4 - Número de residências ocupadas no município de *Santo Stefano di Sessanio* (2001).

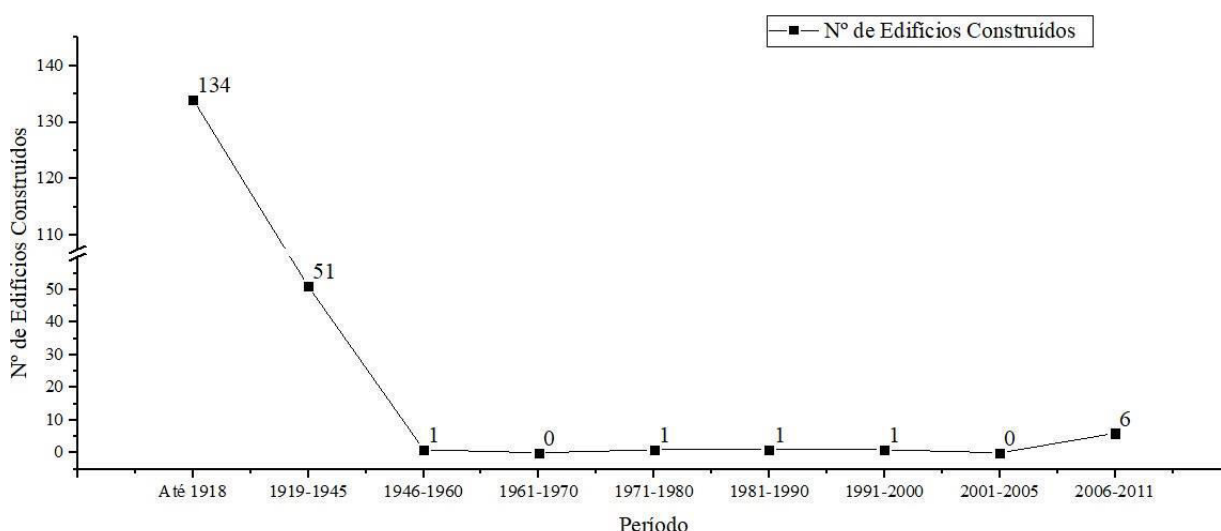
Número de residências ocupadas	Número de residências não ocupadas	Total	% de residências ocupadas
69	205	274	25,2

Fonte: *Istituto Nazionale di Statistica* - ISTAT (2001).

⁷¹ Torino; nascita del triangolo industriale. L'Italia si affaccia al novecento. In: **Rai Storia**. Disponível em: <<http://www.raistoria.rai.it/articoli/torino-nascita-del-triangolo-industriale-litalia-si-affaccia-al-novecento/2995/default.aspx>>. Acesso em 12/08/18.

A **Tabela 4** confronta o número de residências ocupadas, e evidentemente desabitadas, em *Santo Stefano di Sessanio*. Partindo de uma análise mais cuidadosa, verificamos que aproximadamente 75% das habitações locais, no período interessado, se encontravam desocupadas, o que torna a vila praticamente um “*paese fantasma*”⁷². Notamos ainda que o processo de abandono do burgo não foi imediato mas sim gradativo, o que engendrou, de condição contraditória, uma eficiente preservação de seus edifícios de pedras. Adicionalmente, outro dado fornecido pelo ISTAT nos ajuda a compreender um pouco desta retórica (**Gráfico 1**).

Gráfico 1 - Série histórica do número de edifícios construídos em *Santo Stefano di Sessanio* (até 2011)



Fonte: Personalização pessoal a partir dos dados do ISTAT (2011).

É de se constatar que, especialmente a partir da metade final do século XX, não houve um surto de novas edificações no lugarejo como sucedido em outras áreas do país. Na verdade, dos atuais 195 edifícios disponíveis no sítio – segundo os dados de 2011 –, a maior parte é datada de antes de 1919. Aliado a isso, o recorrente envelhecimento da população local foi outro fato determinante para que poucas construções fossem ali levantadas no período descrito. Se de um lado observamos um relativo desinteresse de permanência, e do outro uma notável escassez de construções mais recentes, podemos inferir, à vista disso, que *Santo Stefano di Sessanio* se

⁷² Na língua portuguesa, “cidade fantasma”.

tornou, metaforicamente, um lugar “congelado” no tempo e no espaço, pelo menos do ponto de vista arquitetônico/urbanístico. Conforme já reportado em outros momentos de sua historiografia, na sequência buscaremos refletir, guardadas as devidas particularidades temporais, acerca da condição de um novo “mecena” que virá a atuar no burgo no intuito de não apenas embelezar, mas, sobretudo, ressignificar profundamente o lugarejo, alicerçado na paisagem local enquanto memória nostálgica. Diferente do mecenato *Medici*, que “renovou” *Santo Stefano* em termos de arquitetura e urbanismo, este novo “mecena” visa “retomar” a antiga beleza local, especialmente no que se reporta ao contexto prévio à Segunda Guerra, a partir de suas memórias aparentemente negligenciadas.

1.3 – VELHAS FORMAS, NOVAS FUNÇÕES: O PROJETO “ALBERGUE DIFUSO”

Em uma entrevista cedida à versão italiana da revista *Marie Claire*, o jovem arquiteto e empresário de origem ítalo-sueca, Daniele Kihlgren, relata que ao flunar de motocicleta pelo interior do *Abruzzo*, no ano de 1999, descobriu, por acaso, o burgo *incastellato* de *Santo Stefano di Sessanio* em meio aos montes verdejantes da região. Seduzido pela aparência insólita da localidade, onde reinava uma atmosfera comparável a um “limbo” devido ao elevado despovoamento de suas casas de pedras, o arquiteto passa a se envolver profundamente com o povoado⁷³. Para isso, Kihlgren partiu de estudos teóricos e empíricos que gravitavam em torno das memórias locais, ora saudosas, ora dramáticas, ainda pulverizadas por entre os habitantes mais idosos no intuito de compreender a vertiginosa realidade de “uma Itália pobre do passado”⁷⁴. Indo além do plano da imaginação, Daniele Kihlgren decide, então, se apropriar da cena *stefanara* a partir de um ambicioso projeto de aquisição do patrimônio edílico local, tendo como objetivo primário “revitalizar”⁷⁵ *Santo Stefano di Sessanio* em prol da preservação de sua “beleza histórica”, por meio do incentivo de um tipo turismo mais seletivo e erudito.

⁷³ MANCINELLI, Antonio. Il borgo maestro. Entrevista a Daniele Kihlgren: e il segreto dei suoi alberghi diffusi. In: **Marie Claire**, 02/03/12. Disponível em: <<http://www.marieclaire.it/Lifestyle/Intervista-a-Daniele-Kihlgren-imprenditore-degli-alberghi-diffusi>>. Acesso em 26/03/17.

⁷⁴ Trecho retirado da entrevista de Daniele Kihlgren ao programa *Siamo Noi*, da rede italiana *TV 2000*, em 2014, tradução nossa. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fUQ_ZywPewM>. Acesso em 12/01/18.

⁷⁵ Embora saibamos do forte aceno metafórico impregnado no vocábulo “revitalizar” e suas respectivas derivações, o adotamos aqui no fim de refletir, de forma provocativa, acerca da recorrência na qual este é citado pelas fontes de análise. Além disso, não é raro que este termo indigite alguns artificialismos como, por exemplo, a ideia de um suposto “resgate” de um passado que não mais existe.

O primeiro procedimento concreto foi a compra de um casebre desocupado, em 1999, ao irrisório preço de 60 mil liras italianas (o que equivaleriam a quase 31 euros) por metro quadrado. Isto, porém, não foi suficiente: o arquiteto/empresário funda posteriormente a sociedade *Sextantio*⁷⁶ que, a custos próprios, adquire um terço de todos os edifícios do burgo - ou seja, um patrimônio imobiliário totalizado em aproximadamente 4.000 metros quadrados. Para tal, Kihlgren pede emprestado aos bancos o que atualmente corresponde a quantia de cerca de 8 milhões de euros, no escopo de financiar os projetos de restauro e refuncionalização local, que se revelaram, por si só, muito mais custosos do que a compra de grande parte do burgo edificado⁷⁷⁷⁸⁷⁹⁸⁰. Em posse de uma significativa parcela do centro histórico (**Figura 5**), Kihlgren e os sócios participativos da *Sextantio* deliberam a criação de uma rede de albergues difusos pelo burgo velho, iniciando, portanto, uma nova era na cena local envolvendo turismo, reocupação laboral, gestão do território e fruição do patrimônio (**Figura 6**).

⁷⁶ De modo figurativo, esta palavra é homônima ao epíteto romano, *Sextantia*, já descrito neste texto, o que demonstra a atenção do empresário em relação a história do lugarejo. Isto nos indica, talvez, uma estratégia eficaz de reapropriação do passado local como pano de fundo para as posteriores práticas de valorização de seu patrimônio.

⁷⁷ MANCINELLI, Antonio. Il borgo maestro. Entrevista a Daniele Kihlgren: e il segreto dei suoi alberghi diffusi. In: **Marie Claire**, 02/03/12. Disponível em: <<http://www.marieclaire.it/Lifestyle/Intervista-a-Daniele-Kihlgren-imprenditore-degli-alberghi-diffusi>>. Acesso em 26/03/17.

⁷⁸ Siamo noi – TV 2000. **Daniele Kihlgren, Architetto: l'uomo che salva i borghi**. 2014. Disponível em <https://youtu.be/fUQ_ZywPewM>. Acesso em: 16/01/2018.

⁷⁹ C'è chi dice no. **Daniele Kihlgren – Report**. 2014. In: **RAI 3**. Disponível em <<https://youtu.be/W9R1uXt-5wA>>. Acesso em: 17/01/2018.

⁸⁰ BRIATORE, Samuele. **Valorizzazione dei centri storici minori: strategie di intervento**. Reggio Emilia: Diabasis, 2011, p. 49. Disponível em: <<http://www.universitauropeadiroma.it/archive/images/stories/storia12/valorizzazioneborghi.pdf>>. Acesso em 23/02/2015.



Figura 5 - Croqui indicando os edificios adquiridos pelo grupo *Sextantio* no âmbito do núcleo histórico de *Santo Stefano di Sessanio*, com exceção da *Torre Medicea*, no centro da imagem (A). Fonte: <www.sextantio.it>. Adaptação pessoal. Acesso em 02/06/18.



Figura 6 - Vista de uma ruela local, com destaque a um edifício indicando uma placa com a logomarca do albergue difuso *Sextantio*.
Fonte: <<http://www.classetouriste.be/saving-santo-stefano-di-sessanio/>>. Acesso em 06/06/18.

Os albergues difusos podem ser interpretados como uma categoria de acomodações dispersas por uma zona homogênea, como um bairro ou centro histórico, situadas em diferentes edifícios. Também chamados de “hotéis horizontais”, os albergues difusos, geralmente, vão na contramão da típica verticalização que descreve estruturas de hospedagens padrões, como grandes redes de hotéis e *resorts*. Na verdade, esses tipos de acomodações se baseiam na requalificação e, portanto, reutilização do patrimônio edificado, outrora em desuso, de pequenas comunas, sendo recorrente o fato de cada “edifício-quarto” ser de posse de um proprietário diferente. Essa singular tipologia de acomodação surgiu na década de 1980 na zona histórico-geográfica da *Carnia*, na região do *Friuli-Venezia Giulia*, nordeste da Itália, após a ocasião de um potente terremoto que devastou dezenas de casas locais. Porém foi em 1994 que o termo ganhou notoriedade na Europa, a partir de uma lei especialmente elaborada para essas estruturas⁸¹. Além de valorizar a arquitetura local evitando intervenções que deturpem a leitura dos edifícios, essa lógica também busca incentivar ofícios atrelados à gastronomia, ao artesanato e à produção artística, em um supositício empenho de tutelar certas “identidades” e “memórias” locais⁸². Simultaneamente às acomodações, aos visitantes são possibilitados contatos direto com a população residente, no propósito de introduzir uma experiência turística mais imersiva e contextualizada.

Ao explorar a brochura confeccionada pela sociedade *Sextantio*, intitulada “*Santo Stefano di Sessanio - L’Albergo diffuso*”, que relata os desdobramentos das obras no vilarejo, podemos elencar alguns pontos importantes. Em linhas gerais, o projeto previa, essencialmente, assegurar a continuidade das características de integridade arquitetônica dos objetos de intervenção. Isto é, manter uma atmosfera coerente no que toca a leitura filológica dos edifícios e práticas sócio-culturais dentro do núcleo histórico local, todas com forte apelo turístico. Além da estrutura receptiva composta por quartos, suítes e a própria recepção, ainda foram elaborados espaços para confecção de artesanatos, uma cantina de produção enogastronômica, uma taberna voltada à culinária regional, salas para conferências e alguns outros locais para encontros entre os visitantes e convidados especiais – a exemplo de intelectuais, políticos, empresários e/ou artistas - , tal

⁸¹ L’Invenzione friulana. Alberghi diffusi in Carnia – A vent’anni dall’esordio sono 17 e accolgono oltre 40 mille ospiti. In: **Corriere della Sera**. 14 de dezembro de 2015.

⁸² AVRAM, Maria; ZARRILLI, Luca. The Italian model of “albergo diffuso”: a possible way to preserve the traditional heritage and to encourage the sustainable development of the Apuseni Nature Park. In **GeoJournal of Tourism and Geosites**, year V, n. 1, vol. 9, may 2012, p. 36.

como um centro destinado a assuntos de excursões pela zona circunvizinha e um núcleo que desenvolve atividades de bem-estar corporal⁸³.

Todo este aparato vem propondo, por via de regra, combinar o conforto moderno - a partir de atividades voltadas à erudição, ao turismo de saúde, ao conhecimento culinário e enológico, e a cultuação de práticas tidas como extravagantes - com a elegância do “passado” - através de decorações detalhadas de edifícios, elementos de mobiliário urbano e doméstico, luzes incandescentes e artefatos têxteis e artísticos espalhados pelos cômodos dos albergues difusos e, na extensão, pelas vias e becos do burgo. Também vai ao encontro à sua filosofia, importa reforçar, a máxima reutilização dos imóveis locais, proibindo eminentemente a construção de novas estruturas edilícias, o que impreterivelmente preserva a morfologia urbanística dessas vilas italianas de interesse histórico. Por isso, percebemos que o minucioso cuidado para com a aparência das edificações locais se deu tanto interna quanto externamente (**Figura 7**).

⁸³ SEXTANTIO. **Santo Stefano di Sessanio l'albergo diffuso**. Foto di Mario Paolo: Poligrafica Mancini, 2005.



Figura 7 - Vista interna e externa, respectivamente, de um dos quartos da rede de albergues difusos *Sextantio*. Tanto dentro quanto fora das acomodações percebemos o cuidado em se delinear uma atmosfera antiga e pictórica ao lugarejo, a partir de objetos e adornos simbólicos.
Fontes: Sextantio.com / Annamaria Iezzi, disponível em < <https://www.flickr.com/photos/129868490@N02/20655531848/> >. Acesso em 17/08/18.

Ademais, o discurso que permeia a lógica dos albergues difusos se vale da ideia de forte vínculo com a realidade da área onde se espraiam, o que propicia excursões, refeições e atividades recreativas tendo como protagonista a interação entre residentes e visitantes⁸⁴. Dentro dessa filosofia, não é incomum alguns setores da mídia inferirem algumas observações inquietantes sobre os albergues difusos, a exemplo do seguinte trecho retirado do jornal italiano *Corriere della Sera*, onde diz que “ trata-se de uma forma de hospitalidade muito apreciada pelos turistas de elevado nível cultural, que buscam um tipo de turismo “da alma”, indo no oposto dos tradicionais circuitos de massa”⁸⁵.

A afirmação acima nos aponta uma importante reflexão. Em um contexto de valorização das paisagens que singularizam distintos povoados Itália afora, sobretudo do ponto de vista arquitetônico-estrutural, se entende que a narrativa escolhida gira em torno do público de intelectuais, sendo este o nicho definido, uma vez que se adequam melhor, em tese, à proposta de um turismo mais cognitivo e sensível à realidade desses núcleos menores. Esta hipótese não almeja colocar estes indivíduos em uma condição superior a outros: a sério, mediante observação empírica e contato com a bibliografia e fontes relacionadas à realidade local, buscamos orientar, de forma pontual, nossas reflexões em torno de um grupo específico que foge dos perfis estereotipados que configuram o turismo de massa. Tal argumento pode ser esclarecido ao analisar fotografias, vídeos e entrevistas dos agentes responsáveis pelo incremento da atividade turística no lugar. À vista disso, podemos avaliar este fundamento, de forma figurativa, como uma espécie de “turismo antropológico”, em que o objetivo primário é, mais que observar as respectivas cenas locais, interatuar com elas. Para tal, um conjunto de alegorias frente ao passado serão mobilizadas, na tentativa de “reacender” práticas e discursos fragilizados, ou mesmo drasticamente corrompidos, pela modernidade.

A própria expressão sobredita pelo jornal italiano *Corriere della Sera*, “turismo da alma”, é uma boa amostra de como este tipo de turismo mais “seletivo” tem perseguido uma certa “essência” de algumas questões manifestadas no presente, através de um esforço de compreendê-las pelo passado, tido como ponto de partida. Deste modo, cogitamos que abordar o passado como eixo de nossa realidade nos revela mais sobre os tempos atuais e seus paradoxos do que necessariamente daqueles já transcorridos. No fim das contas “os patrimônios são percebidos

⁸⁴ BERTI, Luisella. Con gli alberghi diffusi rivivono i piccoli centri. In: **Ambiente**. S.d. Disponível em: < <http://www.lalocandadeditirambo.it/wp-content/uploads/25.pdf>>. Acesso em 15/04/18.

⁸⁵ CORRIERE DELLA SERA, 2015, s.p., tradução e grifos nossos.

como “sintomas” de nossas experiências do tempo: ao descrever e analisar suas variações históricas e geográficas, estaríamos na verdade comparando formas diversas de se experimentar o tempo”⁸⁶. Justamente em consonância com esta narrativa que analisaremos, de forma específica, o caso da implementação dos albergues difusos no burgo de *Santo Stefano di Sessanio* entre os anos de 1999 e 2014, se desvelando em dois prismas basilares de reflexão: o primeiro seria uma análise das conjunturas que devotam a paisagem como história e patrimônio, ancoradas numa leitura estética/monumental deste recorte espacial; já o segundo enfoque tende examinar os discursos que convergiram na retórica do patrimônio como fomento à gestão e promoção do território local.

CAPÍTULO 2 – A BELEZA DA ORIGEM OU A ORIGEM DA BELEZA?

No terceiro ensaio contido no livro *Ver a Terra*, Besse nos descreve a experiência paisagística de Goethe à Itália no século XVIII. Naquela altura a paisagem já adquiria um recorte romântico, dotada de devaneios entre aquilo que o estadista alemão havia lido e analisado em obras de arte e o que seus olhos, de fato, lhe ofertavam em tempo real⁸⁷. A paisagem, neste contexto, também representava o reencontro da razão com a emoção, a partir de um olhar sensível. Refletindo nos tempos atuais, esta união ainda se faz presente, uma vez que diante de inúmeras “retóricas de perdas”⁸⁸, as paisagens enquanto artes da natureza, do sublime, do saudosos, são valorizadas num esforço cada vez mais demorado de contrastar os impactos humanos sobre o planeta, além do fato de evocarem memórias afetivas intrínsecas a um passado virtuosamente idealizado. E, pensando no caso da Itália, assim como no âmbito da famosa viagem de Goethe, ainda somos nutridos pelo imaginário de sua “vocalização” enquanto objeto de contemplação histórica, artística, arqueológica e, mais modernamente, turística.

Portanto a paisagem, independentemente de sua tipologia - urbana, rural, periurbana, industrial, arqueológica, ambiental - ou de quais territórios se debruça, pode ser entendida como

⁸⁶ HARTOG, François *apud* GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O Mal-Estar no Patrimônio: identidade, tempo e destruição. In: **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), v. 28, 2015. p. 216 e 217. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/eh/v28n55/0103-2186-eh-28-55-0211.pdf>>. Acesso em: 25/06/18.

⁸⁷ BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Tradução de Vladimir Bartolini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

⁸⁸ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A Retórica da Perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

história, já que apresenta vestígios sócio-culturais dotados de distintos significados temporais. Similarmente, pode ser assimilada como estória, que por vezes comprime, camufla, evidencia, esconde, reverbera, invisibiliza, adultera, destaca ou até mesmo ressignifica memórias e outros símbolos sociais ali grafados.

Como qualquer bem patrimonializado, indubitavelmente estarão sob interesse de variadas narrativas restaurativas que pleiteiam sua preservação enquanto objetos tangíveis. A propósito, é ao abrigo desta ótica que delinearemos a próxima discussão, nos atentando aos estilos e técnicas no plano da restauração que, entre remoções, adições e manutenções, esculpiram a atual paisagem de *Santo Stefano di Sessanio*.

2.1 – ESCULPINDO O PASSADO: UMA BREVE ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E RESTAURO

Em sua obra “A alegoria do patrimônio”⁸⁹, que inclusive pode ser considerada um clássico no que toca a questão do patrimônio cultural no Ocidente, Françoise Choay sublinha que a noção de patrimônio, tal qual hoje é compreendida, surge no século XVIII em meio à Revolução Francesa, quando conjuntos de posses expropriados do clero e da monarquia passam a configurar propriedade nacional. A preocupação em preservar os monumentos nacionais, em oposição à onda de vandalismo que até então assolava o país vide o contexto revolucionário, favoreceu uma concepção patrimonial atrelada ao discurso patriotista. Associado a isto, notamos que, “a exemplo do modelo francês, muitas nações do mundo ocidental vincularam a construção de um acervo patrimonial a um ideal civilizatório”⁹⁰. Ao avançar nessas reflexões, Choay destaca ainda quatro valores simbólicos substanciais impressos sobre o patrimônio enquanto recurso e discurso: nacional, pedagógico, artístico e econômico.

O primeiro faz jus ao caráter nacionalista atribuído aos patrimônios durante a Revolução Francesa, quando os discursos nacionalistas, que se inflariam na Europa anos mais tarde, se utilizam do patrimônio para empoderar o patriotismo ufanista. Já o valor pedagógico faz analogia

⁸⁹ CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado. 3ª. ed. São Paulo: Estação Liberdade/Editora da UNESP, 2006.

⁹⁰ MACHADO, Diego Finder. Pensar sobre o vandalismo: os ataques contra o patrimônio cultural e as possibilidades de investigação no campo da História. In: **XXVIII Simpósio Nacional de História**, 2015, Florianópolis, SC. Anais (on-line), p. 6. Disponível em <[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1441905808_ARQUIVO_Pensarsobreovandalismo\(DiegoFinderMachado\)-ArtigoSNH2015-VERSAOREVISADA.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1441905808_ARQUIVO_Pensarsobreovandalismo(DiegoFinderMachado)-ArtigoSNH2015-VERSAOREVISADA.pdf)>. Acesso em 16/10/18.

à função didática a qual os patrimônios exercem, isto é, enquanto ferramentas que servem de base para estudos mais elaborados acerca de um determinado contexto da memória local. O valor artístico, embora também sirva como aspecto cognitivo, remete principalmente à estética contemplativa, em que atenção se desdobra sobre a arte e suas específicas formas e tonalidades, que evocam diretamente as nuances culturais/estilísticas ali grafadas. E, por fim, o valor econômico, que, potencializado pelas demandas do mercado do turismo, tem-se tornado um notório fator de interesse popular e do capital privado. Por fim, é importante destacar que é durante a revolução francesa “que se estrutura a noção de *restauro*, a partir da necessidade de proteger-se o que é do povo”⁹¹.

Já Dominique Poulot, ao analisar narrativas e práticas patrimoniais mais recentes pelo ocidente, afirma que determinados tipos de objetos ou de edifícios se tornam patrimônios por se oporem a um considerável número de outros que são negligenciados ou destruídos⁹². Para além disso, podemos acrescentar o silogismo de que também são tidos como patrimônios objetos que fazem contraponto, de maneira material e representativa, a outros que são recorrentemente erguidos/gerados na sociedade atual, como é justamente a paisagem, em toda sua completude, de *Santo Stefano di Sessanio*, posto que seus casebres antigos, assim como seu urbanismo datado à Idade Média, fazem antagonismo às construções contemporâneas associadas aos cânones estéticos da modernidade. Assim, muito tem se discutido a questão da “materialidade de objetos e espaços, mostrando que estes não funcionam apenas como “suportes”, mas também como meios de produção de formas de autoconsciência individual e coletiva”⁹³. Diante do exposto, podemos atinar que as práticas de preservação patrimonial ocidentais têm estreitos laços com teorias e técnicas do ramo da restauração, o que pode nos apontar à leitura e interpretação de diferentes discursos envolvendo o uso e manutenção de objetos inventariados.

No intuito de condensar questões como essas no que tange o burgo de *Santo Stefano di Sessanio*, a sociedade *Sextantio* contactou um grupo plural de profissionais, entre engenheiros, antropólogos, arquitetos, restauradores e agrônomos, buscando intervir nos antigos edifícios do

⁹¹ ALOISE, J. M.. O restauro na atualidade e a atualidade dos restauradores. In: **Artigos do Patrimônio**. Iphan, 2014. p. 5. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Artigos_do_patrimonio_O_restauro_na_atualidade_e_a_atualidade_dos_restauradores_JuliaMiranda.pdf>. Acesso em 16/03/18.

⁹² POULOT, Dominique. A memória inspiradora. In: **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XIX**. Do monumento aos valores. São Paulo: Estação da Liberdade, 2009, p. 15.

⁹³ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996, p. 222.

burgo de *Santo Stefano di Sessanio*. Em alguns casos, além de uma restauração pragmática, as fontes de análise nos revelam também um processo que consistiu em replicar, guardadas as devidas peculiaridades, uma suposta cena local atrelada especialmente ao fim do século XIX e início do XX. Mas, por que esta conjuntura histórica em específico? Um material disponibilizado por esta sociedade administrativa nos ajuda a entender tal questão.

Intitulado “*Il patrimonio minore*”⁹⁴, o documento descreve, de maneira sucinta, alguns detalhes da realidade de burgos italianos pós Segunda Guerra, mormente aqueles localizados no sul do país. Julgando algumas situações presentes nestes núcleos menores na condição de descalabro, o impresso destaca a agressiva urbanização que de um lado propiciou o abandono de localidades mais afastadas do capital industrial e financeiro, e do outro deturpou fortemente a coerência estética de certos patrimônios arquitetônicos/artísticos nacionais⁹⁵. Como discutido aqui neste trabalho, o paulatino processo de decadência demográfica e econômica de *Santo Stefano di Sessanio*, iniciado pelo final do século XIX, resguardou relativamente o lugarejo de determinadas intervenções modernas, haja vista sua remota localização que tem lhe rendido uma situação marginalizada quando comparada à outras áreas geográficas da Itália peninsular. Vale ressaltar que essa narrativa da “marginalização” e/ou “declínio” se empenha em aludir as localidades limitadamente inseridas na lógica financeira e industrial global protagonizada por comunas mais dinâmicas, como é a conjuntura de Milão, Roma ou Turim, por exemplo. Em tal caso, podemos assimilar que o vilarejo resistiu a grandes construções ou alterações em sua paisagem, mantendo ainda sua notória expressão “pastoril-medievalista”. Apesar disso, tal preservação fora levemente comprometida em alguns aspectos, a exemplo da inserção de cabos, antenas e reformas a base de concreto armado nas famosas construções de pedra locais, o que, mesmo de forma singela, rompeu com a linearidade das antigas fachadas de suas habitações.

Nesse sentido, reiteramos que a partir do fim da Segunda Guerra, e na sequência com o surto de reconstruções e da nova agenda econômica proveniente dos financiamentos como o plano *Marshall*, as dinâmicas sociais modernas atreladas à urbanização, como a intensa mecanização do campo, tal como o *status* de conforto e consumo impresso sobre as metrópoles mais pujantes, sobretudo com a popularização de televisores, telefones e automóveis,

⁹⁴ Na língua portuguesa, “O patrimônio menor”.

⁹⁵ SEXTANTIO. **Il patrimonio minore** – Da Santo Stefano di Sessanio ai sassi di Matera. 2008, p 9.

estimularam o fenômeno definido por Peixoto como “desaparecimento simbólico do campo”⁹⁶. Ao nosso entendimento, *Santo Stefano di Sessanio* não escapa dessa circunstância, reforçando a hipótese de que, até este contexto, o lugarejo observava transformações em sua paisagem de forma relativamente tênue e simétrica, pelos menos o que indicam os relatos de Daniele Kihlgren e da sociedade *Sextantio*. Este lapso temporal, contudo, é acusado de ser o momento em que certas intervenções detratoras da lógica construtivista local passam a imperar, corrompendo sua “alma”⁹⁷.

É a partir disso que ganham vigor os discursos restaurativos que caracterizaram as obras dali, procurando ora preservar, ora recriar uma atmosfera que, ambigualmente, incorpora e repele alguns padrões contemporâneos de arquitetura e *design* de interiores. Inclusive, essas intervenções foram denominadas pelo grupo *Sextantio* na qualidade de “restauro conservativo”, cujos desdobramentos serão detalhados na sequência. Para isso, nos apoiaremos em duas correntes conceituais no âmbito da restauração protagonizadas por Viollet-le-Duc e Camillo Boito, no fito de refletir como o patrimônio, na qualidade de objeto ornado de múltiplos valores e interesses, pode subsidiar narrativas que, mesmo defronte a profundas singularidades teóricas, conseguem se complementar em um único propósito. Neste caso, no da apreciação estética do cotidiano⁹⁸ do burgo de *Santo Stefano di Sessanio*, cotidiano este profundamente ressignificado.

2.2 – EM BUSCA DO ESTILO E DA ALMA: O “RESTAURO CONSERVATIVO” NO CONTEXTO DE SANTO STEFANO DI SESSANIO E POSSÍVEIS INFLUÊNCIAS DE VIOLETT-LE-DUC E CAMILLO BOITO

De imediato, gostaríamos de enfatizar que não é objetivo deste esboço traçar uma análise histórica pontual das mais variadas correntes no domínio da restauração, tampouco hierarquizá-las conforme o delineamento adotado por esta pesquisa. Embora seja aceito pela comunidade acadêmica que Viollet-le Duc e John Ruskin⁹⁹ foram os precursores à formulação efetiva de teorias

⁹⁶ PEIXOTO, Paulo. **Os meios rurais e a descoberta do patrimônio**. Coimbra: Centro de Estudos Sociais Faculdade de Economia da Univ. de Coimbra, 2001, p. 1. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/11046>>. Acesso em 16/03/16.

⁹⁷ SEXTANTIO. **Il patrimonio minore** – Da Santo Stefano di Sessanio ai sassi di Matera. 2008, p. 9.

⁹⁸ Argumento utilizado por POULOT (2009, p.10) fazendo menção a como a noção de patrimônio no ocidente, especialmente nos séculos XVIII e XIX, tem sido invocada.

⁹⁹ John Ruskin (1819-1900) foi um notório crítico da arte inglês. No que tange o campo da restauração, foi um dos maiores teóricos europeus, sempre antagônico à teoria estilística de Viollet-le-Duc. Ruskin se destacava pelo apreço

competentes ao campo da restauração, foi o italiano Camillo Boito o primeiro a buscar um posicionamento mais comedido de teóricas tão antagônicas, mas igualmente importantes, sintetizando-as ao fim.

Como qualquer escrito, os postulados teóricos de Viollet-le-Duc e Camillo Boito podem ter distintas interpretações, o que sinaliza uma certa percepção individual por parte dos estudiosos destes renomados autores. O esforço aqui é, na prática, confrontar suas respectivas noções de restauro, além de, longe de anacronismos, compreender como intervenções em prol de uma narrativa patrimonial preservacionista, como é o quadro contemporâneo do povoado de *Santo Stefano di Sessanio*, podem ser influenciadas por concepções tão distintas. A escolha destes autores se justifica pelo modo como conseguimos traçar analogias entre seus pensamentos conceituais sobre a restauração e os materiais de restauro disponibilizados pelo grupo *Sextantio*. Isto quer dizer que nossa interpretação das intervenções no pequeno burgo italiano de *Santo Stefano di Sessanio* nos fizeram remeter a alguns detalhes que caracterizam os estudos de le-Duc e Boito sobre as práticas de restauro. Buscaremos, desta maneira, minuciar tais detalhes durante este momento da pesquisa, correlacionando-os a estes importantes autores.

Diante disso, o nosso compromisso se baseia na tentativa de explicitar como em um atual contexto ressignificação do passado, e de tudo aquilo que possivelmente se vincula a este, uma teoria polêmica como a de Viollet-le-Duc assim como reflexões mais moderadas como as de Camillo Boito podem se afluir em defesa de um intuito exclusivo: o de promover objetos antigos – o que neste caso seriam os edifícios e elementos de mobiliário doméstico e urbano de *Santo Stefano di Sessanio* - enquanto instrumentos utilitaristas e, sobretudo, simbólicos que “reativam” um passado onírico e relativamente antinômico em relação a um presente incongruente e a um futuro um tanto cético. Em suma, esta lógica temporal que percorre os objetos tidos como patrimônios, para muito além do contexto do burgo italiano em questão, pode ser também compreendida através da seguinte reflexão:

O futuro vem a ser inibido em favor de um passado que invade o presente na forma de “patrimônios”, ou na forma de objetos e formas de vida que são colecionados e expostos em museus e em espaços musealizados nas cidades, para serem apreciados e consumidos num presente que se configura como eterno¹⁰⁰.

ao arruinamento sobre o objeto causado pelo tempo. Para ele, a restauração leduciana tal qual se praticava se resumiria a uma imitação da arquitetura original, ganhando a condição de mera réplica (Oliveira, 2008).

¹⁰⁰ HARTOG, 2003, p. 207 *apud* GONÇALVES, 1996, p. 216-217.

Neste sentido, considerar e confrontar tais teorias não se limita somente ao plano técnico/instrumental do mundo da restauração, mas também à leitura mais madura do modo como as intervenções restaurativas podem imprimir aos objetos patrimonializados uma narrativa por vezes idealizada do passado e seus interstícios.

* * *

Nascido e crescido no seio de uma família burguesa em Paris, Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc (1814-1879) construiu sua formação profissional e artística sob influência de arquitetos, pintores e historiadores, dentre outros intelectuais. Isto lhe despertou competências no tocando à técnicas construtivas, aparato restaurativo e noções de história e estilos arquitetônicos relativos à Idade Média, especialmente o gótico. O horizonte cultural da França do início do século XIX, em que o crítico de arte Quatremère de Quincy¹⁰¹ representava a personificação da academia e dos ideais do classicismo, seguia uma estética multifacetada, com agrupamento de distintas correntes estilísticas. No entanto, também ressurgia o interesse pela arquitetura medieval, assumida por muitos como manifestação do gênio nacional, em clara impugnação à corrente academicista de Quincy. Além disso, o corolário advindo da Revolução Francesa, caracterizando todo o século XVIII por uma generalizada depredação de monumentos vinculados ao clero e monarquia, induziu as autoridades francesas a uma preocupação no que diz respeito a tutela de edifícios medievais¹⁰². É à esteira dessa conjuntura que o trabalho de Viollet-le-Duc viria ganhar destaque no país e, na sequência, no restante do mundo.

Ao longo de sua carreira, le-Duc interveio em importantes monumentos franceses, como a igreja de *Vézelay* (1840), a catedral de *Notre-Dame* em Paris (1844), a cidadela medieval de *Carcassonne* (1844), e as basílicas de *Saint-Sernin de Toulouse* (1846) e de *Amiens* (1849). Em 1860 foi designado Inspetor Geral dos Edifícios Diocesanos, ficando responsável pela tutela de várias igrejas por toda a França. Até então, os órgãos dirigentes pela salvaguarda do patrimônio histórico francês eram repartidos entre o “Serviço de Cultos”, que atuava em torno das

¹⁰¹ Antoine-Chrysostome Quatremère de Quincy (1755-1849) foi um importante arquiteto, escultor, acadêmico e intelectual parisiense. Dedicou inteiramente sua carreira à formulação do postulado disciplinar para as artes e a arquitetura. Foi um dos grandes defensores do ideal clássico na arquitetura francesa, em oposição ao ecletismo e romantismo vigentes naquele contexto (Pereira, 2008).

¹⁰² VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. **Restauração** / Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc; apresentação e tradução Beatriz Mugayar Kuhl; revisão Renata Maria Parreira Cordeiro – 4. Ed. – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006, (Artes & Ofícios), p. 11.

edificações eclesiásticas, e a “Comissão dos Monumentos Históricos”, a carga dos demais prédios de valor arquitetônico¹⁰³. Frente a esta movimentada agenda laboral que seu trabalho intelectual vai ganhando pujança, autenticando, *a posteriori*, os princípios do “restauro estilístico”, um processo baseado “na unidade formal e estilística das edificações que buscava criar um modelo idealizado na “pureza” de seu estilo”¹⁰⁴. Assim, Viollet-le-Duc se posicionava no *hall* da história dos mais influentes, e polêmicos, teóricos europeus no campo da restauração.

De fato, entre 1863 e 1872 o autor publica as *Entretiens sur l'Architecture*¹⁰⁵ e, entre 1854 e 1868, o *Dictionnaire Raisoné de l'Architecture Française du XI au XVI Siècle*¹⁰⁶, obras que difundiram sua teoria para o restante da França e da Europa. Nestes textos em especial, le-Duc projeta um sistema teórico arquetipo coligando os elementos da forma, estrutura e função, no intuito de explorar a lógica do conjunto arquitetônico, enquanto componente único, partindo do contexto em que este fora concebido. Para tal, desenvolvia uma metodologia de trabalho que, em muitos casos, o desfecho da atuação conferia uma obra completamente diferente daquela original, o que lhe rendeu fortes críticas por parte de outros arquitetos/restauradores.

Em verdade, o pensamento leduciano acreditava que ao dominar o sistema construtivo da edificação, além de estudar profundamente seu estilo arquitetônico, seria possível atingir integralmente os objetivos do processo de restauração. Portanto as formas do passado deveriam, impreterivelmente, ser entendidas em suas instâncias formais e espaciais, servindo de base para contornar os problemas e desafios da arquitetura presente¹⁰⁷. Inclusive, ao citar o termo “restauração” em um de seus verbetes, o arquiteto pondera que “a palavra e o assunto são modernos. Restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo em um estado completo que pode não ter existido nunca em um dado momento”¹⁰⁸. Por se concentrar consideravelmente sobre edificações góticas, percebemos o caráter profissional de le-Duc sendo influenciado pelo modo como a própria arquitetura gótica era projetada, cujas mudanças, através

¹⁰³ OLIVEIRA, Rogério Pinto Dias. O idealismo de Viollet-le-Duc. In: **Resenhas Online - Vitruvius**. 087.04, ano 08, março 2009. Disponível em <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.087/3045>>. Acesso em 29/09/17.

¹⁰⁴ *Ibidem*.

¹⁰⁵ Na língua portuguesa, “*Entrevistas sobre Arquitetura*”.

¹⁰⁶ Na língua portuguesa, “*Dicionário fundamentado de arquitetura francesa do século XI ao XVI*”.

¹⁰⁷ OLIVEIRA, Rogério Pinto Dias. O idealismo de Viollet-le-Duc. In: **Resenhas Online - Vitruvius**. 087.04, ano 08, março 2009. Disponível em <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.087/3045>>. Acesso em 29/09/17.

¹⁰⁸ VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. **Restauração** / Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc; apresentação e tradução Beatriz Mugayar Kuhl; revisão Renata Maria Parreira Cordeiro – 4. Ed. – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006, (Artes & Ofícios), p. 17.

de etapas temporais distintas, faziam parte do fundamento do edifício, o que lhe destinava recorrentes reformulações. Outro ponto de relevância de sua prática laboral era a atenção quanto aos elementos antigos e novos presentes na edificação objeto de intervenção, onde se fazia necessário destacar os traços das modificações, ao invés de dissimulá-los¹⁰⁹. Neste ângulo de atuação, a busca pela “pureza” da obra, o que representa o cerne de sua teoria, renderia intervenções incisivas e invasivas, modificando drasticamente alguns de seus detalhes, inclusive originários (**Figura 8**).

¹⁰⁹ OLIVEIRA, Rogério Pinto Dias. O idealismo de Viollet-le-Duc. In: **Resenhas Online - Vitruvius**. 087.04, ano 08, março 2009. Disponível em <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.087/3045>>. Acesso em 29/09/17.

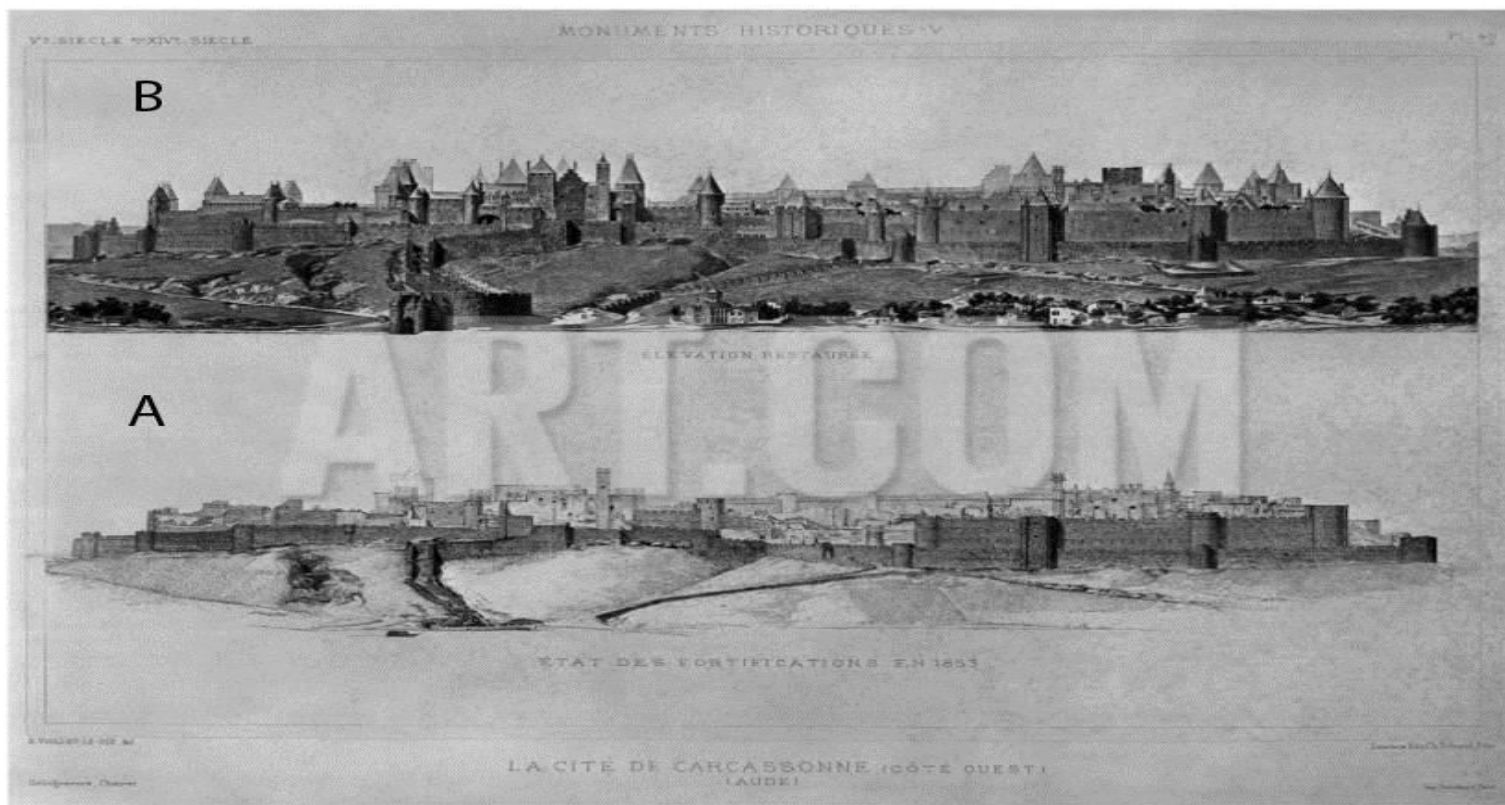


Figura 8 - Gravura datada do ano de 1853 da cidadela francesa de *Carcassonne* antes (A) e depois (B) do processo de restauração liderado por Viollet-le-Duc. Após o desfecho das obras, percebemos a ornamentação das torres no sítio, tal como modificações estruturais e/ou morfológicas de algumas construções locais, na busca da “pureza estilística”, o que, por vezes, se traduz em dramáticas transformações da arquitetura original. Fonte: <https://www.unitheque.com/Livre/cairn/La_cite_de_Carcassonne-51696.html>. Acesso em 07/08/18. Adaptação pessoal.

* * *

Crítico da arte e estudioso do restauro, Camillo Boito (1836-1914) foi um importante intelectual romano que ganhou notoriedade pelo modo ponderado em que dialogava com postulados teóricos antagônicos e mais radicais, como os de Viollet-le-Duc e John Ruskin.

O contexto em que Boito estava inserido se caracterizava pelo prelúdio de um discurso nacionalista que décadas mais tarde culminaria na tardia Unificação Italiana, concretizada efetivamente no ano de 1871. Enquanto Viollet-le-Duc se destacava inicialmente como um intelectual do gótico - e em muitos casos fora injustamente reduzido a esta condição -, Camillo Boito se debruçava sobre a arquitetura medieval como um todo, o que impreterivelmente o avizinhou das reflexões leducianas. Ingressando na Academia de Belas Artes de Veneza em 1849, Camillo Boito tem como mentor o professor Pietro Selvatico¹¹⁰, que mantinha relacionamento profissional direto com John Ruskin, fato que aproximaria o teórico romano do famoso restaurador inglês¹¹¹.

Sua mais importante publicação, “Os restauradores”, foi inicialmente apresentada em uma conferência na cidade de Turim, na Itália, em 1884. Neste texto, Boito destacava as diferenças conceituais entre conservação e restauração, expondo uma sutil crítica aos extremismos presentes nos pensamentos de le-Duc e Ruskin. Contudo, o intelectual italiano ressaltava “a prevalência da conservação sobre a restauração, defendendo que o restauro se restrinja ao mínimo necessário, e cunha assim seu principal preceito: A mínima intervenção”¹¹².

Ainda que suas reflexões contemplassem obras de arte como pinturas e esculturas enquanto objetos restauráveis, sua mais importante contribuição teórica se deu em torno da arquitetura. E é sob esta perspectiva que ele vai tecer alguns questionamentos aos ideais leducianos e ruskinianos. Em seu entendimento, Boito pondera que:

¹¹⁰ Pietro Selvatico foi um arquiteto e crítico da arte italiano, atuando particularmente com o estilo neogótico em importantes edifícios venezianos e florentinos (Cresti, Cozzi, Carapelli, 1987).

¹¹¹ OLIVEIRA, Rogério Pinto Dias. O equilíbrio em Camillo Boito. In: **Resenhas Online - Vitruvius**. 086.01, ano 08, fevereiro 2009. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.086/3049>>. Acesso em 02/12/18.

¹¹² CUNHA, Tiago. Entre a intervenção e a conservação: Camilo Boito e os aspectos universais da restauração. In: **Artefato - Revista Contemporantes**. 31 de agosto de 2018. Disponível em <<http://revistacontemporantes.com.br/2018/08/31/entre-a-intervencao-e-a-conservacao-camillo-boito-e-os-aspectos-universais-da-restauracao/>>. Acesso em 24/01/19.

Le-Duc apresentava posturas potencialmente danosas na busca por uma unidade estilística, o que poderia alterar irremediavelmente as feições dos edifícios, por outro lado, Ruskin poderia deixar os edifícios deveras abandonados, podendo entrar em arruinamento¹¹³.

Embora não tenha formulado uma teoria robusta como o restauro estilístico de le-Duc, a importância de Camillo Boito para o ramo da restauração conceitual e prática é inegável por justamente condensar as duas teorias até então centrais às intervenções restaurativas. Devido as suas disparidades conceituais, os postulados de Viollet-le-Duc e John Ruskin sinalizavam um marco divisório das práticas restaurativas entre os profissionais do restauro, que ora interpretavam o restauro como uma oportunidade de ressignificar um edifício e, assim, mesclar elementos originais com aqueles do presente, criando uma nova arquitetura, de caráter contemporâneo e ao mesmo tempo fortemente atrelada ao passado, ou que ora representaria um risco à estética simbólica do edifício, rompendo com a linearidade temporal e suas consequências sobre os objetos.

* * *

Trazendo as contribuições de Viollet-le-Duc e Camillo Boito ao campo da restauração conceitual e prática para o bojo de reflexões desta pesquisa – isto é, as intervenções no centro histórico de *Santo Stefano di Sessanio* -, é de utilidade sublinhar que nenhum material disponibilizado pelo grupo *Sextantio* analisado pelo presente trabalho expressou, de maneira explícita e concreta, as influências teóricas destes autores dentro do corpo teórico-metodológico das ações no burgo. O que percebemos é a utilização de um termo um tanto quanto interessante, o já citado “restauro conservativo”, que propõe, em tese, retomar rigorosamente uma fisionomia de objetos e edifícios característica ao período pré Segunda Guerra Mundial – isto é, fim do século XIX e início do XX. Todavia, numa leitura mais diagnosticada das entrelinhas de nossas fontes de investigação, notamos algumas influências leducianas e boitianas e nas atuações locais.

De imediato, podemos mencionar este ensaio de, mais que reinserir certas memórias locais, materializá-las, em que o grupo *Sextantio*, intermediado por antropólogos, dá início a uma

¹¹³ CUNHA, Tiago. Entre a intervenção e a conservação: Camilo Boito e os aspectos universais da restauração. In: **Artefato - Revista Contemporantes**. 31 de agosto de 2018. Disponível em <<http://revistacontemporantes.com.br/2018/08/31/entre-a-intervencao-e-a-conservacao-camillo-boito-e-os-aspectos-universais-da-restauracao/>>. Acesso em 24/01/19.

série de consultas ao *Museo della Genti d'Abruzzo*¹¹⁴, onde foram coletados dados e informações que pudessem nutrir o teor das intervenções. Detalhes como o arranjo das mobílias, a composição dos cômodos e instalações, a disposição de certos utensílios e ferramentas habituais ao cotidiano local, dentre outros, foram minuciosamente estudados, cevando a ornamentação “retrô” que atualmente descreve o vilarejo. Além deste museu regional, a equipe de profissionais também se debruçou sobre um conjunto de fotografias datadas dos anos 1920, cuja autoria é de Paul Sheurmeir¹¹⁵, na tentativa de replicar a organização doméstica de uma *Santo Stefano di Sessanio* pobre e rural, porém ainda habitada na maior parte de suas casas (**Figura 9**). Também cabe menção ao trabalho liderado pela antropóloga italiana Nunzia Taraschi, que se dedicou à realização de entrevistas orais com os moradores mais velhos da região, explorando memórias e relatos envolvendo especialmente a culinária e tecelagem locais.

¹¹⁴ Na língua portuguesa, *Museu do povo do Abruzzo*. Se localiza na cidade de *Pescara*, a cerca de 82 km da comuna de *Santo Stefano di Sessanio*.

¹¹⁵ De acordo com a página eletrônica do grupo *Sextantio*, Paul Sheurmeir foi um linguista suíço que visitou a região do *Abruzzo* na década de 1920, retratando, a partir de fotografias sugestivas, o cotidiano dos povoados rurais locais.

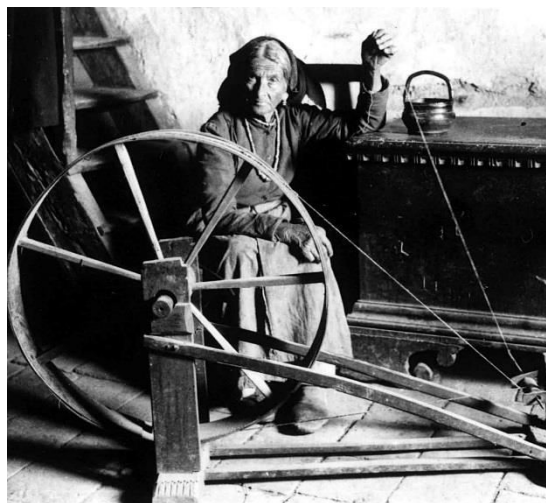


Figura 9 – Retratos da cena doméstica em *Santo Stefano di Sessanio* no início do século XX, incluindo aparelhado característico à confecção têxtil. Estas fotografias, assim como outras, exerceram grande influência à restauração e organização das mobílias atualmente dispostas nos quartos e suítes do albergue difuso *Sextantio*. Fonte: Società Sextantio / Paul Sheurmeir. Acesso em 05/06/18.

Importa ressaltar que essas fontes não escritas foram a base inspiratória das ações devido à condição da praticamente ausência de uma bibliografia tratante às memórias locais datadas à circunstância temporal analisada. Tal qual as intervenções leducianas em seu contexto – que se pautavam em “entender a lógica da concepção do projeto que, quando compreendida como um todo, daria respostas unívocas”¹¹⁶ - neste caso observamos uma grande atenção para com documentos e informações obtidos relacionados às estruturas alvos das atuações, que assinalaram, ao que tudo indica, o conceito estético da arquitetura do burgo. Logo, postulamos o prognóstico de que o “estilo local” – que será o fio condutor das obras no lugarejo - passa a ser decifrado, principalmente, através das percepções visuais de objetos tangíveis – que se encontram no museu regional, como mobílias, adereços e utensílios domésticos, fato que por si já demonstra o forte teor simbólico destes objetos – e de fotografias – que conforme relatado, foram tiradas por um linguista suíço, portanto cabe refletir acerca da ideia de um recorte externo da cena local - , o que pode engendrar, ao nosso entendimento, em alguns ideários do passado de *Santo Stefano di Sessanio* um tanto quanto alegóricos.

Assim como le-Duc, Camillo Boito orientava sua metodologia de ação em torno de fotografias datadas do objeto de intervenção. Contudo, o teórico italiano defendia a diferenciação dos materiais assim como o registro fotográfico de todas as etapas da obra, descrevendo, inclusive, peças suprimidas durante as intervenções¹¹⁷. Se somarmos este raciocínio às práticas em *Santo Stefano di Sessanio*, percebemos o esforço do grupo *Sextantio* em confrontar fotografias antigas de certos ambientes com o momento das ações de restauro. Isto nos revela, dentre outras coisas, os detalhes que se mantiveram, assim como outros que foram cancelados (**Figura 10**).

¹¹⁶ VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. **Restauração** / Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc; apresentação e tradução Beatriz Mugayar Kuhl; revisão Renata Maria Parreira Cordeiro – 4. Ed. – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006, (Artes & Ofícios), p. 18.

¹¹⁷ BOITO, Camillo. **Os restauradores**. Tradução: Paulo Mugayar Kuhl – Cotia- SP: Ateliê Editorial, 2014.



Figura 10 – Cenas da vida cotidiana *stefanara* no início do século XX e durante as obras de restauro em meados dos anos 2000. Publicadas pela sociedade *Sextantio*, estas imagens buscam ilustrar uma espécie de confrontação temporal, o que sinaliza o interesse do grupo privado em reforçar os teores nostálgicos por detrás dos ambientes que compõem os edifícios do burgo. Fonte: *Società Sextantio*.

Em uma brochura confeccionada pelo grupo *Sextantio*, publicizando as particularidades e possíveis trunfos dos processos de restauração no burgo de *Santo Stefano di Sessanio*, nos deparamos com o seguinte:

Da extensa pesquisa sobre as características tipológicas dos elementos arquitetônicos locais (portas, lareiras, pisos, etc.) até as investigações laboratoriais sobre argamassas e emplastros originais buscamos, conseqüentemente, uma pesquisa sistemática sobre o território para encontrar materiais de recuperação arquitetural compatível através da origem geográfica e, por conseguinte, das características tipológicas e estilísticas para integração correta (...) os estaleiros de intervenção, em situações de possível interesse arqueológico, serão supervisionados por estudiosos especializados em arqueologia medieval ¹¹⁸.

Notamos neste trecho um discurso que se compromete a conciliar, partindo de uma leitura estilística de objetos e utensílios, a arquitetura do sítio mediante características tipológicas e geográficas tidas como “compatíveis” com a realidade local. Bem se sabe, entretanto, que a ideia de “características geográficas corretas” pode causar algumas indagações, afinal os estudos historiográficos sobre o burgo de *Santo Stefano di Sessanio* apontam, de forma unânime, a notória presença da família *Medici* de Florença, por volta dos séculos XVI e XVII, como principal responsável pela construção e/ou embelezamento dos mais importantes edifícios locais, como igrejas, portais, torres e palácios administrativos. Neste sentido, não é novidade o argumento de que os *Medici* estão entre as famílias mais poderosas de toda a Toscana renascentista, fato que nos faz refletir acerca desta noção de “compatibilidade geográfica” enquanto discurso atado a noção de “pureza”. É evidente que a intenção da *Sextantio* neste contexto seria, partindo de inspirações memorialísticas, priorizar o uso de pedras, lenhas e outros elementos íntimos ao perfil geográfico local – na contramão do uso do concreto armado, por exemplo, comumente relacionado à prática construtivista contemporânea -, num esforço de visibilizar o elo entre os recursos disponíveis no território *stefanaro* e sua relação, simbólica e utilitarista, com aqueles que ali produziram sua paisagem.

Esta reflexão se volta, na verdade, às múltiplas retóricas que semeiam a concepção de uma certa originalidade – isto é, muitas vezes não influenciada por elementos exógenos - fortemente atribuída aos territórios, especialmente aqueles cujas paisagens, numa leitura

¹¹⁸ SEXTANTIO. *Santo Stefano di Sessanio l'albergo diffuso*. Foto di Mario Paolo: Poligrafica Mancini, 2005. Tradução e grifo nossos.

superficial destas, expressam uma aparente temporalidade, que em muitas ocasiões passa a ser entendida como linear e, portanto, coesa.

Podemos constatar, à luz disso, a teoria de Viollet-le-Duc sendo retratada, posto que a coerência apresentada pelo semblante da obra, na busca de um nexos estilístico, ganha mais destaque que sua própria história, que eventualmente pode expressar uma estética plurifacetada. Por isso que identificamos o empenho da *Sextantio* em praticamente “camuflar” todas e quaisquer instalações que possam perturbar a *vibe* requintada das construções antigas do burgo. Cabos, fiações, tomadas, antenas, adaptadores, interruptores, dentre outros, foram cuidadosamente ocultados em muitas ocasiões, evitando “contaminar” com suas feições modernas os respectivos ambientes “nostálgicos” que tipificam os cômodos. Sobre isso, inclusive, o grupo privado declara um ponto inquietante:

Foi experimentado o uso de técnicas, pioneiras entre burgos históricos da Itália, como sistema de aquecimento a partir de gerenciamento remoto, evitando comprometer a unitariedade arquitetônica dos edifícios. A distribuição foi feita por um sistema de baixa tensão, o que evita a presença generalizada dos elementos constituintes padrões, como interruptores de luz. Cada quarto terá conexões multimídia de maneira não visível, o que manterá o rigor ascético da “arte pobre” desses lugares¹¹⁹.

Não é por menos que nessa investida de preservar uma certa “identidade local”, a *Sextantio* usualmente profere a metáfora de “alma”, o que nos indicia uma relativa ligação com os ideais de Viollet-le-Duc, que, neste caso, adotava o termo “estilo”. Explorando essa noção de “alma” e/ou “identidade”, entendemos que se trata, ao fim e ao cabo, de uma narrativa em torno da “essência” de *Santo Stefano di Sessanio*, que, a julgar somente pela sua sugestiva arquitetura, introjeta aos mais despercebidos um ideário de “paisagem petrificada”, tal qual era desde o final do século XIX.

Na confluência desta retórica, é de nosso cuidado ainda observar como a iluminação local foi meticulosamente projetada, no fundamento de presentear os visitantes com uma ambiência incandescente que foge completamente da luminosidade fluorescente, por exemplo, que caracteriza lugares associados à densa urbanização, como avenidas movimentadas ou centros comerciais metropolitanos. Por isso notamos a presença de velas e castiçais espalhados pelos aposentos - não se restringindo somente aos quartos, incluindo também cantinas, refeitórios,

¹¹⁹ SEXTANTIO. *Santo Stefano di Sessanio l'albergo diffuso*. Foto di Mario Paolo: Poligrafica Mancini, 2005, p 31. Tradução e grifo nossos.

banheiros, corredores e varandas – em que, combinados à característica mobília local, podem transmitir um aparente sentimento de contemplação de um passado remoto em pleno século XXI (**Figura 11**). Além disso, o grupo privado se propôs a ornamentar cômodos locais com objetos provenientes do próprio contexto de inspiração, como mesas, cadeiras, livros, dentre outros, que se encontravam, segundo trechos retirados de entrevistas com Daniele Kihlgren aqui analisadas¹²⁰, tanto no interior das construções abandonadas, quanto perdidos na vegetação que caracteriza as encostas do burgo (**Figura 12**). Sobre este episódio em especial, podemos atinar que, conforme assinala o pensamento de Camillo Boito amparado por influências leducianas, o grupo *Sextantio* buscou “alcançar a unidade formal do monumento a partir da formulação de um “modelo” característico baseado em seu estilo original”¹²¹.

Na prática, a intenção de manter os tons rústicos de móveis, paredes, tetos, pavimentos, luzes e objetos, sugerindo uma leitura nostálgica da arquitetura local, impreterivelmente germina uma noção de “conjuração” de um passado dramático, o que nos possibilita pensar em uma proposta de turismo pedagógico e, mutuamente, singular e/ou exótico, recorrendo às nuances entre a retórica de um passado sofrido/instável e um presente confortável e, possivelmente, monótono. Inclusive, retomando a uma possível influência de Boito às intervenções locais, notamos aqui uma espécie de “romantismo ruskiniano” contido no pensamento deste teórico italiano, haja vista que o grupo *Sextantio* tem assumido um certo orgulho em ter preservado aspectos da degradação natural das edificações locais, a começar pela pátina desgastada e pelo semblante rústico dos tetos, paredes e pavimentos.

À rasteira disso, essa conjuntura nos aponta a uma reflexão em torno de um ideário de “aventura temporal”, que pode ser melhor explorada mediante uma problematização do termo “arte pobre”, comumente citado nos documentos analisados. Hoje o que se chama de “arte pobre” – podendo ser traduzido também pela ideia de “arte popular”, visto a difusão dessa expressão por ali – na verdade representa a realidade vivida das famílias locais, sob condições de carestia e penúria. Dito de outra forma, esse jogo inverso de valores presentes na narrativa histórica da paisagem de *Santo Stefano di Sessanio* se revelam também homólogos: em um dado momento, o

¹²⁰ Informação extraída do vídeo intitulado “*Santo Stefano di Sessanio – Documentario*”, produzido pelo canal Model TV, e que se encontra hospedado na página <<https://www.youtube.com/watch?v=saD5K0KkQdw&t=406s>>. Acesso em 16/03/18.

¹²¹ OLIVEIRA, Rogério Pinto Dias. O equilíbrio em Camillo Boito. In: **Resenhas Online - Vitruvius**. 086.01, ano 08, fevereiro 2009. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.086/3049>>. Acesso em 02/12/18.

discurso se ampara na ideia da pobreza e decadência que expurgam a população e condicionam o burgo à deserção demográfica e econômica; num contexto posterior, a narrativa se desdobra em torno do bucolismo, charme e beleza, que são invocados na tentativa de repovoar, permanentemente ou não, a localidade, além de promovê-la como espetáculo estético. Nessa situação se faz necessário refletir como esse entusiasmo contemporâneo pelo passado pode idealizar até mesmo suas adversidades, a começar pela disseminada carestia que dominava a cena local. No entanto, tal juízo não busca desmerecer e/ou anular as memórias atreladas às situações de dificuldades ali expostas. Se trata de um esforço, mais analítico, de discutir como no decorrer da história aquilo que antes era o motivo de repulsão populacional passa a ser, atualmente, ressignificado como singularidade e, logo, meritoso de valoração. Afinal, é de interesse pensarmos que, assim como a memória, “a história combina, comprime, exagera; momentos raros do passado sobressaem, uniformidades e detalhes desaparecem”¹²². E este silogismo, certamente, também pode ser aplicado aos discursos intervencionistas vinculados à restauração.

¹²² LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. **Projeto História**, São Paulo, no. 17, nov. 1998, p. 98, p. 116.



Figura 11 – A luminosidade incandescente de velas e luminárias, que ornem cômodos como quartos, cantinas, corredores e refeitórios, conferem uma atmosfera simples e, paradoxalmente, requintada às estruturas locais. Aliado a isso, percebemos a ausência de abajures, lustres e outros objetos luminosos, contribuindo ao delineamento da tão divulgada “arte pobre” que, em tese, simboliza a estética domiciliar do burgo no final do século XIX. Inclusive, essa noção de “arte pobre” revela um certo romantismo ruskiano contido nos postulados teóricos de Camillo Boito. Fontes: Sextantio.com / Booking.com / Intohistory.com. Acesso em 21/06/18.



Figura 12 – Vasos, livros, teares, mesas, cadeiras e baús, dentre outros objetos, foram tanto replicados quanto encontrados abandonados e, por isso, restaurados. Além de nutrir a ambiência nostálgica, esta prática buscou incorporar esses objetos aos aposentos locais. O discurso da *Sextantio*, assim, se baseia na noção de reposição de materiais originais provenientes do contexto de inspiração, evitando qualquer tipo de “musealização” meramente decorativa. Fontes: Christian Rosa (Google Maps) / Elena Rezzesi (Google Maps) / Gaiba Robby (Google Maps). Acesso em 03/09/18.

Em termos estruturais, a página eletrônica oficial do grupo *Sextantio* reporta que, a rede é dotada de quatro categorias de acomodação – clássica, superior, suíte e suíte executiva – que variam conforme preço, tamanho, localização e detalhamento estrutural (presença de lareiras, banheiros privativos, confluência entre cômodos, etc). Em adição, cada quarto possui um nome figurativo próprio, que indica determinada característica local – a título de exemplo, “As andorinhas”, fazendo referência a um ninho destes pássaros em suas instalações; “Lareira redonda”, que indica uma grande lareira arredondada disposta de frente à cama matrimonial; “Escada secreta”, onde se assinala uma pequena escada de lenha que conecta a porção térrea do quarto à sua parte superior; “O estábulo”, mencionando a sugestiva sala em que se recorda vagamente a atmosfera “espartana” das celas monásticas; ou o “Quarto sobre o lago”, em que, da janela local, se avista um pequeno lago¹²³. Todas estas singularidades nos trazem a ideia de uma suposta vantagem comparativa da rede *Sextantio* frente a outros albergues convencionais, em que para além de triviais hospedagens, tais estruturas propiciam vivenciar, mesmo que de forma quimérica, “memórias líricas” relativamente convincentes.

Embora não temos encontrado em nossas leituras alguma relação das teorias de Viollet-le-Duc e Camillo Boito com nomes figurativos de objetos restaurados em seus respectivos contextos de atuação, convém postergar a ideia de que, ao nosso entendimento, sobretudo os preceitos teóricos do autor francês foram utilizados na condição supracitada, em razão de que inferir nomes metafóricos a estes cômodos da rede *Sextantio* se torna uma refinada estratégia de aclamação da estética local, sugerindo aos visitantes a noção de uma vivência um tanto quanto “romanesca” – ou estilística, fazendo menção ao pensamento leduciano -, a partir de objetos e elementos simbólicos, especialmente de cunho visível, que descrevem os aposentos dessa rede de hospedagem, como por exemplo os já citados ninhos de andorinhas, as ladeiras redondas rústicas ou as janelas por onde se descortinam paisagens sugestivas. Contudo, apesar de todo este cuidado e esforço para com a ambiência local por parte do grupo *Sextantio*, podemos encontrar algumas incongruências.

Em uma entrevista disponibilizada ao canal *RAI 3*, Daniele Kihlgren, relatando a forte inclinação de uma antiga escada de madeira já restaurada situada dentro de um edifício local, confessa o seguinte: “estamos aqui, mas não deveria dizer isso na TV, mas estamos todos ilegais.

¹²³ SEXTANTIO. Disponível em: <www.sextantio.it>. Acesso em: 25/04/18.

A tutela desses patrimônios históricos menores vai contra as normas e leis dos albergues”¹²⁴ (**Figura 13**). Notamos neste excerto a tentativa de se recorrer ao passado, e a tudo aquilo que se vincula a este, mesmo que para isso se tenha que contornar certas demandas modernas, como é o caso da inviabilidade para alguns indivíduos de utilizarem uma escada íngreme. Isto nos faz ponderar a possibilidade do patrimônio, enquanto objeto atrelado ao passado e à memória e, conseqüentemente, incumbido ao “mito da origem”, como materialidade discursiva que pode ratificar exercícios incompatíveis à inclusão social, ou, ainda, à cidadania, no sentido pleno da expressão. Ainda que não tenhamos encontrado nenhuma literatura explicitando esta questão dentro da lógica intervencionista leduciana ou de Camillo Boito, notamos novamente o desejo incessante de manter o estilo dos casebres intacto, mesmo que para tal surjam questões que envolvem a viabilidade de se transitar, por exemplo. Em outras palavras, neste caso percebemos o valor simbólico do objeto ter maior relevância que o seu caráter utilitário. E este teor simbólico se dá, principalmente, pela possível coerência estilística pré-existente entre os objetos e os ambientes em que estes se dispõem. Neste caso, se faz pertinente ponderar uma possível influência de ambos teóricos da restauração na conjuntura local.

¹²⁴ C’è chi dice no. Daniele Kihlgren – Report. In: **RAI** 3. 2014. Disponível em <<https://youtu.be/W9R1uXt-5wA>>. Acesso em: 17/01/2018, tradução nossa.



Figura 13 - Como observa o próprio Daniele Kihlgren, algumas questões colocadas nas intervenções locais vão na contramão da legislação nacional de normas de hotelaria. A título de exemplo, temos a tentativa de se replicar objetos exatamente como eram no passado, como algumas escadas disponíveis nos quartos do albergue difuso *Sextantio*, que hoje causam certa polêmica por serem consideradas extremamente íngremes e/ou não disporem de corrimãos. Fontes das imagens: Booking.com / Google Maps (Junayd Salimo e Peppe M.). Acesso em 15/07/18.

É de devida atenção, ainda, às banheiras inseridas nos quartos, que intencionalmente apresentam *design* contemporâneo – aliás, a própria *Sextantio*, de forma elegante diga-se de passagem, faz referências a estes objetos utilizando o termo “licença poética”, a fim de justificar tais divergências no que tange sua filosofia de “restauro conservativo” (**Figura 14**). Neste eixo reflexivo, percebemos a *finesse* nostálgica de tempos passados sendo fortemente ressaltada, enquanto objetos arrojados despontam em meio a uma atmosfera rústica e campesina, criando um contrastante, e provocativo, convívio entre “velho” e “novo”, ou, num linguajar promocional/turístico, entre “passado” e “presente”. Ao encontro disso, a *Sextantio* optou por não erguer novas paredes e partições que pudessem comprometer, em termos estruturais, a arquitetura particular dos casebres do burgo. Como inicialmente não haviam banheiros nos quartos dessas construções antigas, foram projetadas placas de coloração branca – cujo material de composição não conseguimos identificar até o momento - servindo como divisórias entre quartos e sanitários (**Figura 15**). Em termos estéticos, tais estruturas poderiam corromper com a leitura arquitetônica dos edifícios alvos das intervenções. Por isso que a *Sextantio* reforça o fato de que, por serem facilmente removíveis quando comparadas a estruturas de cimentos, por exemplo, estas placas não constituem em objetos que comprometam estruturalmente a base das edificações locais. A propósito, o grupo lança uma nota sobre este conteúdo em específico:

O *design* de interiores dos nossos quartos é inspirado nas imagens que Paul Scheuermeier fez na região do *Abruzzo* nos anos 20 do século XX. Para preservar a unidade do interior estético-afetivo e evitar o uso excessivo de elementos contemporâneos, utilizamos objetos nativos, muitas vezes armazenados em museus, e materiais locais antigos e tradicionais. A busca pela alma arcaica desses espaços levou à preservação de pequenas janelas, da luz fraca, dos pisos irregulares e a escolha de detalhes únicos, como sabonetes artesanais, feitos de azeite e produtos estritamente de acordo com os métodos tradicionais. A única “licença poética”, por razões óbvias, é a escolha de louças sanitárias contemporâneas, sóbrias, geométricas e com um *design* extremamente reconhecível¹²⁵.

¹²⁵ Disponível em <www.sextantio.it>. Acesso em 21/04/18. Tradução e grifo nossos.



Figura 14 - Um dos quartos do albergue difuso Sextantio. Destaque a aparência simples e rústica das paredes, pavimento, teto e móveis que, antagonicamente, imprimem um tom elegante e alegórico ao sítio. Adicionalmente, a banheira ao fundo desperta atenção pelo design propositalmente contemporâneo, indicando um estratégico e contrastante convívio entre “antigo” e “novo”. Fonte: Società Sextantio. Acesso em 04/05/18.



Figura 15 – Ao invés de erguer paredes ou novos cômodos que pudessem comprometer, de forma estrutural, as edificações locais, o grupo *Sextantio* optou por incorporar placas brancas que servissem de repartições entre quartos e banheiros privativos.
Fonte: <www.sextantio.com>. Acesso em 14/08/18.

Identificamos aqui, em especial, um descompasso entre as teorias de le-Duc e Boito. Para o teórico francês, a concepção de restauro também “defendia a ideia de reutilização funcional das edificações, lhes atribuindo utilizações concretas enquanto arquiteturas, com o objetivo de torná-las úteis à sociedade”¹²⁶. À esteira deste pensamento, Aloise¹²⁷ observa que Viollet-le-Duc também se empenhou à modernização da prática da arquitetura e da restauração, incentivando o uso do ferro, por exemplo, nas construções em processo de intervenção, na pretensão de conciliá-las com a Revolução Industrial que estava em curso naquela época. Do ponto de vista de sua teoria “estilística”, a junção de arquiteturas de outros tempos – a exemplo do gótico, sua maior base de atuação – com ferramentas e técnicas modernas – na conjuntura do século XIX, como já mencionado, o ferro - calharia na criação de uma nova arquitetura, própria do seu tempo.

Já Camillo Boito, ao ser convocado à restauração de uma basílica na cidade de *Murano*, norte da Itália, fundamenta sua proposta de intervenção procurando entender a arquitetura do passado. Deste modo, o italiano defendeu, além da preservação da pátina, a remoção dos elementos acrescentados ao longo do tempo que se diferenciavam do estilo original do edifício, recomendando a adição de novos elementos em consonância com a arquitetura pré-existente¹²⁸.

Transportando essas questões ao contexto do burgo de *Santo Stefano di Sessanio*, podemos pensar que a inserção das banheiras nas antigas construções dali pela sociedade *Sextantio* no intento de propiciar conforto aos hóspedes, conflui com a proposição leduciana em dar serventia a objetos restaurados, mesmo que para tal seja necessário agregar a estes outros elementos jamais contidos antes. Já no âmbito do pensamento de Camillo Boito, esta prática se faz incompatível, dado que o teórico italiano, mesmo influenciado por Viollet-le-Duc, herda também parte do conservadorismo de Ruskin em suas ações. Logo, a questão central dessa reflexão gira em torno da percepção individual frente aos objetos alvo das restaurações, podendo evidenciar ou omitir juízos pessoais que irão influir à leitura e apreciação de objetos, incluindo aqueles interpretados na categoria de patrimônio. Assim, temos neste segmento a noção

¹²⁶ OLIVEIRA, Rogério Pinto Dias. O idealismo de Viollet-le-Duc. In: **Resenhas Online - Vitruvius**. 087.04, ano 08, março 2009, s.p. Disponível em <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.087/3045>>. Acesso em 29/09/17.

¹²⁷ ALOISE, J. M.. O restauro na atualidade e a atualidade dos restauradores. In: **Artigos do Patrimônio**. Iphan, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Artigos_do_patrimonio_O_restauro_na_atualidade_e_a_atualidade_dos_restauradores_JuliaMiranda.pdf>. Acesso em 16/03/18.

¹²⁸ OLIVEIRA, Rogério Pinto Dias. O equilíbrio em Camillo Boito. In: **Resenhas Online - Vitruvius**. 086.01, ano 08, fevereiro 2009. Disponível em < <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.086/3049>>. Acesso em 02/12/18.

explicitada do patrimônio enquanto objeto ornado de discursos e narrativas, o que nos leva a comprovar sua condição de, entre outras coisas, ferramenta precursora e/ou estimuladora de memórias.

Tornando aos detalhes das intervenções em *Santo Stefano di Sessanii*, um folheto turístico confeccionado pelo grupo *Sextantio* nos relata o enunciado abaixo:

Nos lugares onde elementos são adicionados para o conforto, atendendo os padrões da vida moderna - como banheiras, que não existiam nas estruturas originais - um design minimalista é o mais adequado. A elegância simples, formal e neutra do *design* moderno (como uma banheira estilo Starck) não entrará em conflito com o contexto histórico. Esse tipo de *design* deve enquadrar e aprimorar o ambiente histórico, tornando-o ainda mais puro, limpo¹²⁹.

Fica evidente nesta passagem o caráter premeditado da sociedade *Sextantio* em agregar à cena local elementos claramente “estranhos” ao ambiente antigo que a mesma se inspirou para recriar a tão comentada atmosfera nostálgica. O discurso aqui se alimenta da retórica de que esses objetos “externos” podem melhorar a leitura da estética local. O que notamos, na verdade, é uma sofisticada estratégia de justificar uma possível discrepância das ações locais, que em geral prezam pela ambiência retrô dos cômodos dos albergues difusos, porém neste contexto se utiliza da inserção de banheiras modernas alegando melhor compreensão da atmosfera local a partir destas. Neste caso, percebemos uma confluência íntima com os princípios leducianos de restauro, baseados na noção de “criar cenários completamente irreais, modificando as edificações no estado em que as encontrava (...) para algo que poderia nunca ter existido, nem mesmo nas idéias do construtor original”¹³⁰.

Com base nas informações e discussões apresentadas, analisamos que a noção de “restauro conservativo”, recorrentemente citada pelos materiais confeccionados e divulgados pela sociedade *Sextantio*, tal como nos discursos e entrevistas protagonizados por seu presidente, Daniele Kihlgren, procura trazer uma leitura por vezes conservadora e consagrada do passado de *Santo Stefano di Sessanio*, por intermédio de narrativas que chancelam uma metodologia de atuação que, em certas ocasiões, replicam memórias e objetos simbólicos. Somado a isso,

¹²⁹ Sextantio. A project to restore the abandoned historic hilltowns of Apennine mountains and the sassi di Matera. In: *Albergo diffuso Sextantio*. s.d., s.p. Tradução e grifo nossos.

¹³⁰ OLIVEIRA, Rogério Pinto Dias. O idealismo de Viollet-le-Duc. In: *Resenhas Online - Vitruvius*. 087.04, ano 08, março 2009, s.p. Disponível em <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.087/3045>>. Acesso em 29/09/17.

notamos também, de forma colateral, um discurso que, no endosso de proporcionar conforto e praticidade aos visitantes, ostenta a inclusão de objetos que, em teoria, nunca compuseram a ambiência local, pelo menos quando se trata do lapso temporal de inspiração – final do século XIX e início do século XX. A problematização que aqui podemos delinear se dá em volta da intenção em se equivaler tanto da comodidade moderna quanto de uma ideia de requinte, que simbolicamente, representaria o passado local, podendo engendrar naqueles mais despercebidos a ilusória sensação de trafegar por entre momentos históricos distintos e, paradoxalmente, justapostos.

Podemos postular, assim, que toda essa ideia de “resgate” da memória local é, de fato, uma poderosa prática moderna, justamente por ter no seu âmago uma espécie de devoção ao passado. E a paisagem, enquanto recorte espacial dotado de grafias sociais, externaliza narrativas como estas. Não é por menos que em todo o globo distintos cientistas sociais vêm chamando atenção à maneira como as noções de espaço e tempo têm se tornado fluidas, desdobrando num perfil de sociedade, em geral, mais concentrado às questões vinculadas ao passado do que necessariamente as do futuro.

Assim como Viollet-le-Duc, que atuava a partir de uma interpretação notadamente personificada daquilo assimilado enquanto “estilo” dos edifícios franceses durante o século XIX, ou tal qual Camillo Boito, que trabalhava o restauro a partir de recorte comedido de seus precedentes, podemos confrontar que a sociedade *Sextantio*, através de um conjunto de narrativas fomentadas por peças de museus, relatos orais, fotografias datadas, elementos contemporâneos de *design* de interiores e objetos abandonados nos casebres do burgo, tem esculpido a paisagem *stefanara* de modo complexo e sofisticado, ao resultado de como esta se caracteriza hoje. Ao nosso entendimento, mais do que um processo de restauração, as atuações no burgo de *Santo Stefano di Sessanio* se desvelam como um sintoma da recorrente ressignificação que tem pormenorizado objetos interpretados enquanto patrimônios mundo afora. Isso se dá, pois, graças as narrativas ali observadas, cujo escopo das ações não se resume apenas em prolongar a vida útil dos objetos foco das intervenções. Em verdade, estes objetos, e tudo aquilo que a eles se atrela, como lugares, personagens, contextos históricos, memórias e funções utilitaristas, são reinterpretados à luz da circunstância vigente, o que engendra alegorias personificadas frente as demandas do presente em curso (**Figura 16**).



Figura 16 - Em alguns momentos, é nítido o esforço em se reproduzir memórias atreladas ao contexto de inspiração das ações nos casebres do lugarejo. A foto à esquerda, datada da década de 1920, indica a vida cotidiana no burgo, com destaque a presença de uma mulher manuseando um tear de madeira. Atrás dela, observamos ainda uma lareira e, acima desta, alguns utensílios domésticos como xicaras e jarras. Se analisarmos com atenção os detalhes da imagem à direita, percebemos uma reprodução gráfica de uma lareira e alguns elementos de uso doméstico, o que representaria uma réplica, mesmo que imagética, de um ambiente similar ao da primeira fotografia, porém dessa vez sobre uma parede de um dos quartos da rede *Sextantio* de albergues difusos. Este exemplo nos comprova o quão refinadas foram as estratégias de consagração de algumas memórias locais, apelando para uma leitura aparentemente linear e coerente do passado, o que embasou o processo de refuncionalização da atual paisagem que configura *Santo Stefano di Sessanio*. Fontes: Società Sextantio / Paul Sheurmeir e Claudio Zito, 2014 (Google Maps). Acesso em 02/09/18.

Neste sentido, atinamos que esse exercício de refuncionalizar o passado pode passar aos mais desatentos, por exemplo, um ideário meramente restaurativo, já que a *Sextantio* se utiliza da arquitetura e de alguns objetos emblemáticos, como mesas, cadeiras, teares, vasos, dentre outros – isto é, dos tradicionais objetos tidos como patrimônio de *cal e pedra* -, como elementos a serem restaurados. Porém esta prática não se aplica somente a esses tipos de objetos enquanto materialidades tangíveis, mas também a forma alegórica empregada a estes. A própria opção adotada pelo grupo *Sextantio* em não “musealizar” uma cadeira velha encontrada nos casebres abandonados, a título de exemplo, dando função prática a este objeto, nos revela um discurso sobretudo simbólico, amparado por uma narrativa de um “passado” por vezes onírico e, assim, replicável. Tal premissa nos indicia que, assim como uma leitura das teorias de Viollet-le-Duc e Camillo Boito em suas respectivas conjunturas de intervenção, lidar com o passado, e tudo que gravita em torno deste, é na verdade uma noção individual e, concomitantemente, coletiva, que varia conforme se altera o contexto, seja geográfico, seja histórico. E isso não faz dessa prática um elemento necessariamente inadequado, mas sim íntimo a cada sociedade fruto de seu contexto temporal.

Concluimos, diante do exposto, que as obras no lugarejo se revelaram muito mais complexas que uma prática restaurativa padrão. Na verdade, ao nosso entendimento, estas obras representam um processo de profunda ressignificação da paisagem local, em que em alguns momentos são visíveis as ações de realocação de objetos que, por um contexto específico, se encontravam em desuso nos arredores do burgo e, mediante uma conjuntura contemporânea de valorização do passado e da memória, foram retomadas a um ambiente tido como coerente às suas possíveis funções, sejam simbólicas ou utilitaristas.

Neste sentido, a apreciação de dois importantes teóricos da restauração nos auxilia a uma compreensão mais madura acerca da condição ressignificada do patrimônio *stefanaro*. Na qualidade de objeto carregado de múltiplos valores e interesses, o patrimônio cultural pode subsidiar narrativas que, mesmo defronte a profundas disparidades teóricas, conseguem se complementar em um único propósito. Neste caso, dentre outros, o propósito seria valorizar a memória de uma localidade empobrecida no passado que, graças a essa condição, tem despontado ações que se pautam em reordenar o território local, de modo competitivo, em uma conjuntura econômica internacional amparada, especialmente, pelo turismo.

Mais do que uma categoria de análise de interesse da Geografia, da História, da Arquitetura, das Artes ou da Antropologia, entendemos que a paisagem pode se revelar também como um elemento central a se compreender, de modo crítico, as narrativas vinculadas ao mundo da restauração em todas suas complexidades e pluralidades.

PARTE II

CAPÍTULO 3 – “DO DECLÍNIO AO FASCÍNIO”: ESTRATÉGIAS DE VALORIZAÇÃO E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO LOCAL A PARTIR DO PATRIMÔNIO PAISAGÍSTICO

Vimos no capítulo anterior que a paisagem pode ser assimilada enquanto narrativa tal como materialidade tangível e, portanto, alvo de interesses distintos, a exemplo dos discursos restaurativos. Neste capítulo não será diferente. Contudo, nosso foco neste momento é nos concentrarmos em torno da ideia da paisagem como ferramenta ao ordenamento e à promoção territorial, a partir de seus aspectos simbólicos, como a fruição e as memórias ali referenciadas, que a tornam singular e, diante de uma lógica competitiva de mercado, objeto de consumo.

Com o *boom* dos artifícios de valorização regional-paisagística, os recursos geográficos, sejam eles culturais ou ambientais, tendem reforçar a singularização dos lugares, o que demanda reflexões mais densas acerca dos usos e discursos sobre o espaço. Isto implica dizer que inteiros territórios vêm se desdobrando na tentativa de atrair investimentos econômicos, alternativas laborais e fixação populacional a partir da carga mercadológica e simbólica de seus respectivos patrimônios e paisagens, apostando no turismo, por exemplo, como um importante motor econômico. A provável uniformização do mundo através da globalização, paradoxalmente, tem surtido um efeito inverso de “particularização” de distintas regiões, já que, para sustentar a competitiva indústria do turismo moderno, “os territórios utilizam-se de suas vantagens comparativas”¹³¹. Expressões fortemente carregadas de acenos alegóricos, como “pitoresco”, “cinematográfico”, “bucólico”, “fotogênico”, “tradicional”, dentre outras, têm sido cruciais para fetichização dos lugares, especialmente aqueles que fogem dos estereótipos “metropolitanos” do último século, condicionados, diante disso, a um ideário “rural”. Inclusive, nas palavras de Meneses:

É nas últimas duas décadas do século XIX, quando os efeitos da industrialização e da urbanização acelerada se agravam ainda mais, colocando em risco paisagens tradicionais – que a conjugação de turismo de massa e fotografia de massa começa a produzir impacto. De fato, em muitas partes, (...) ela assume o papel declarado de fixar uma realidade em transformação acentuada e, por isso, caracteriza-se por uma função de registro e de refúgio de visões nostálgicas, modelares ou mesmo quintessenciais¹³².

¹³¹ BRUNEL, Sylvie. **Turismo e mundialização**: rumo a uma disneylandização universal? Trad. Eustógio Correia Dantas e Raimundo Freitas Aragão. Mercator/Revista Geografia da UFC, ano 08, n. 15, 2009, p. 7. Disponível em: < <http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/273/221> >. Acesso em 12/05/2016.

¹³² MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). In: **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 36.

Na tentativa de uma melhor conceituação, partimos do pressuposto de que o patrimônio rural corresponde às edificações da estética involuntária, da arquitetura sem arquitetos¹³³ e das paisagens cujas transformações são, ou pelos deveriam ser, relativamente morosas. Isto lhes confere, pois, aspectos de “tipicidade” que hoje são fortemente propagandeados quer pelos entes vinculados à atividade turística, quer por instituições/figuras mais saudosistas. O objetivo central desta retórica seria, justamente, valorizar aquilo que a própria ruralidade vem rompendo, ou, talvez, ressignificando, que seria seus respectivos *genius loci*. Toda essa ideia de singularização espacial tem gerado forças de resistência que se ancoram, impreterivelmente, nos respectivos patrimônios enquanto recursos territoriais, na busca de estratégias de construção e valorização de identidades, nas reivindicações de cunho político e na fomentação de *brand*¹³⁴ turísticos.

Neste sentido que, subsidiados por discussões teóricas como esta, propomos a confecção de um conjunto de *tours* virtuais nomeado “*Santo Stefano di Sessanio, além do cartão-postal*”. Sua articulação se desdobra em torno das discussões que inferem a alguns povoados e cidades menores da Itália, como o caso da própria *Santo Stefano*, a categoria de patrimônios, ora por metodologias de incentivo econômico e identitário, ora por práticas de contraste ao fenômeno do abandono geográfico.

Previstos como parte das exigências do programa de Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da UFV, estes *tours* virtuais procuram ilustrar, de modo interativo, um recorte da realidade do burgo de Santo Stefano di Sessanio, que vêm se promovendo de maneira material e simbólica graças ao caráter contemplativo de sua paisagem. Tal conjuntura, inclusive, pode ser também associada ao conceito de “*territori lenti*”¹³⁵, termo figurativo que será melhor estudado na sequência deste capítulo. Contudo, ressaltamos que, antes de detalharmos o desenrolar logístico e metodológico do processo de confecção do *tour* virtual, vamos direcionar nossos esforços a uma síntese teórica que ronda esses patrimônios menores,

¹³³ PEIXOTO, Paulo. **Os meios rurais e a descoberta do patrimônio**. Coimbra: Centro de Estudos Sociais Faculdade de Economia da Univ. de Coimbra, 2001, p. 8. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/11046>>. Acesso em 16/03/16.

¹³⁴ Palavra inglesa que significa marca, *status*.

¹³⁵ “*Territórios lentos e patrimônio menor*”, na língua portuguesa.

buscando compreender algumas narrativas que os adjetivam, em muitos casos, à condição alegórica de “espetáculos do pastoralismo”¹³⁶.

3.1 – *TERRITORI LENTI E PATRIMONIO MINORE*¹³⁷: ALGUMAS REFLEXÕES

No início do mês de maio de 2016, o Ministério da Cultura da Itália, até então vinculado ao governo do primeiro ministro naquela altura, Matteo Renzi, lança um edital convocando as distintas municipalidades nacionais a pleitearem auxílio financeiro no que compete à tutela de seus respectivos patrimônios. De nome emblemático, o “*Progetto bellezza*”¹³⁸ previa aproximadamente 150 milhões de euros à manutenção e reforma de múltiplos sítios de interesse cultural da Itália, especialmente “aqueles mais esquecidos”, conforme reiterava o próprio ministro Renzi em um discurso¹³⁹. Ainda que esta seja uma notícia relativamente recente, podemos considerar que esse tipo de política em torno do “patrimônio menor” nacional tem sido recorrentemente explorado nas últimas décadas. E o exemplo das obras em *Santo Stefano di Sessanio*, iniciadas por volta de 1999, ilustra este silogismo.

Como previamente abordado por este texto, sabemos que a Itália desfruta da liderança em relação ao número de sítios inventariados como Patrimônios Mundiais da Humanidade, totalizados em 54 inscrições até o momento¹⁴⁰. Interessante notarmos que das 20 maiores cidades do país, 12 dispõem de territórios específicos – como centros históricos e bairros – e/ou conjuntos isolados de monumentos – como complexos religiosos ou edifícios de caráter militar – que apreciam deste importante atestado emitido pela UNESCO (**Tabela 5**). Isto pressupõe refletir acerca de uma certa conjuntura de prestígio global que estas municipalidades têm adquirido e, paralelo disso, como estas cidades tem reforçado uma lógica de autopromoção partindo do ordenamento de seus respectivos territórios.

¹³⁶ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). In: **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

¹³⁷ No português, *Territórios lentos e patrimônio menor*.

¹³⁸ Do italiano, “Projeto beleza”.

¹³⁹ Governo italiano. **Presidenza del consiglio dei ministri**. Disponível em: <<http://www.governo.it/articolo/bellezz-recuperiamo-i-luoghi-culturali-dimenticati-modalit-di-accesso-alla-stipula-della>>. Acesso em 25/04/18.

¹⁴⁰ UNESCO. **Italy - Properties inscribed on the World Heritage List**. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/statesparties/it>>. Acesso em 25/07/16.

Tabela 5 - Relação entre maiores cidades italianas e sítios catalogados como Patrimônios Mundiais pela UNESCO.

Comuna/ Região Metropolitna	Região	Ranking nacional de população	População total (2018)	Patrimônio Mundial da Humanidade	Observações
Roma	Lazio	1°	2.873.494	Sim	Centro Histórico de Roma juntamente os territórios de propriedade da Santa Sé, certificados em 1980.
Milão	Lombardia	2°	1.351.562	Sim	Convento de <i>Santa Maria dele Grazie</i> , onde se localiza o afresco original da obra “A última ceia”, de Leonardo da Vinci. O sítio foi reconhecido pela UNESCO em 1980.
Nápoles	Campania	3°	970.185	Sim	Centro Histórico de Nápoles, uma das cidades mais antigas do mundo ocidental ainda habitada. Foi reconhecido partir de 1995.
Turim	Piemonte	4°	886.837	Sim	Conjunto de edificios que compuseram as residências da <i>Casa de Savoia</i> , uma das mais importantes famílias nobres da Europa. O reconhecimento se deu em 1997.
Palermo	Sicilia	5°	673.735	Sim	Compreende nove bens monumentais, dentre igrejas e palácios, que representam a arquitetura que funde culturas árabe e normanda na ilha da Sicilia. O atestado ocorreu em 2015.
Genova	Liguria	6°	583.601	Sim	Certificado em 2006, elenca alguns edificios imponentes que simbolizam o poderio político da Republica Marítima de Genova, por volta dos séculos XV e XVI.
Bologna	Emilia-Romagna	7°	388.367	Não	-
Florença	Toscana	8°	382.258	Sim	Símbolo do movimento mecenato na

					Europa, Florença herdou uma série de edifícios, igrejas e monumentos, além de pinturas e esculturas, que a posicionaram como ícone do Renascimento italiano. Seu centro histórico foi reconhecido no ano de 1982.
Bari	Puglia	9°	324.198	Não	-
Catania	Sicilia	10°	313.396	Não	-
Veneza	Veneto	11°	261.905	Sim	Uma das mais importantes Repúblicas Marítimas da Idade Média, Veneza simboliza a engenhosidade humana ao ser construída sob um conjunto de ilhotas, ligadas por canais e pontes. Tal como Florença, Veneza foi uma das cidades mais importantes para o movimento Renascentista. Reconhecimento concedido em 1987.
Verona	Veneto	12°	257.353	Sim	Ornamentada com diversos monumentos de importância histórica, a cidade de Verona representa um excepcional exemplo de fortaleza militar renascentista. Sua inclusão se deu em 2000.
Messina	Sicilia	13°	236.962	Não	-
Padova	Veneto	14°	209.829	Sim	O <i>Orto botanico di Padova</i> , fundado em 1545, é o mais antigo horto botânico ainda em funcionamento no mundo. Além disso, é o único ainda localizado no mesmo sítio de origem. Sua certificação ocorreu em 1997.
Trieste	Friuli-Venezia Giulia	15°	201.234	Não	-

Taranto	Puglia	16°	199.561	Não	-
Brescia	Lombardia	17°	196.670	Sim	Incluem um monastério e uma área arqueológica, que simbolizam as realizações de uma tribo germânica em específico, conhecida como <i>Longobardi</i> , que se estabeleceu na península Itálica por volta do século VI. O reconhecimento se deu em 2011.
Parma	Emilia-Romagna	18°	194.417	Não* *(candidatura recusada)	Cidade onde se misturam traços medievais, renascentistas, neoclássicos e maneiristas, Parma testemunhou um conjunto expressivo de trabalhos artísticos e monumentais que se igualam as de uma capital europeia de prestígio. Contudo, sua tentativa de inclusão foi indeferida no ano de 2006.
Prato	Toscana	19°	192.469	Não	-
Modena	Emilia-Romagna	20°	184.727	Sim	A Catedral de Modena, a <i>Torre Civica</i> e a Praça Grande representam um complexo arquitetônico de prestígio por simbolizarem exemplos de arte Romanesca em seus primórdios. A UNESCO concedeu este título no ano de 1997.

Fontes: ISTAT (2008) e UNESCO (2018).

Embora estas cidades italianas se apresentem como verdadeiros laboratórios de estudos artísticos, arqueológicos e historiográficos, seria limitado de nossa parte subestimar a bagagem mercadológica que a condição de patrimônios mundiais lhes atribui. Sobre isso, o sociólogo português Paulo Peixoto nos chama atenção:

O facto de o regime de património comum da humanidade emergir no contexto de uma abordagem anti-mercantil e anti-hegemónica do património e da História, não evitou que a filosofia inerente ao estatuto de património comum da humanidade acabasse por ser subvertida pelos usos mercantilistas que se foram impondo com a intensificação da globalização. Muito menos evitou a imposição de uma concepção ocidentalizada de património. (...) Pelos usos que permite, o património urbano certificado pela Unesco adquire mais facilmente uma imagem ligada aos processos mercantis e políticos, do que uma imagem associada a uma comunidade humana empenhada em fomentar relações internacionais emancipadoras¹⁴¹.

Com todo resguardo teórico, compreendemos que esta reflexão também se aplica a localidades menores, posto que Itália afora têm surgido movimentos que reconhecem e estimulam os assim chamados “patrimônios menores”, a exemplo do anteriormente citado “*Progetto bellezza*”, que circunscrevem localidades que conseguiram manter preservados seus respectivos aparatos arquitetônicos e urbanísticos, além de outros elementos de caráter cultural como dialetos, gastronomia e manifestações religiosas¹⁴². Somado a isso, notamos uma tendência nacional em promover territórios caracterizados, em geral, pelas transformações em suas dinâmicas sociais bem como de suas paisagens de forma relativamente lenta, o que prenuncia uma conjuntura endógena destes lugares como resposta às dinâmicas econômicas e culturais subsidiadas pelo processo de globalização.

A propósito, tal circunstância foi interpretada pela socióloga italiana Viviana Calzati na condição de “territórios lentos”¹⁴³, que menciona o modo como estas localidades menores têm manifestado interesse em se impulsionarem economicamente a partir de seus respectivos patrimônios arquitetônicos, arqueológicos, linguísticos, gastronômicos, artísticos, religiosos e ambientais, compilados em complexos conjuntos paisagísticos de fortes teores estéticos e identitários.

Ao seguir com a interpretação deste conceito, a professora Calzati observa que, via de regra, os “territórios lentos” se caracterizam por baixa densidade demográfica, panoramas de forte apelo rural, presença de algum tipo de arquitetura vernacular de interesse patrimonial, além de significativo percentual de residentes envolvidos em atividades como artesanato, gastronomia, pastoreio e agricultura. Além disso, estes territórios, em tese, não evidenciam necessariamente

¹⁴¹ PEIXOTO, Paulo. **O património mundial como fundamento de uma comunidade humana e como recurso das indústrias culturais urbanas**. Coimbra: Centro de Estudos Sociais Faculdade de Economia da Univ. de Coimbra, 2001, p 9-10. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/155/155.pdf>>. Acesso em 16/03/16.

¹⁴² CALZATI, Viviana. **Territori lenti, nuove traiottorie di sviluppo**. Milano, 2011.

¹⁴³ *Idem*.

uma situação de atraso econômico e social em relação às zonas metropolitanas. Em verdade, apresentam taxas de crescimento e desenvolvimento econômico menos aceleradas, orientadas sobretudo em benefício da alta qualidade de vida e de certa coerência estética para com as paisagens que os circundam, o que nos assinala uma lógica socioeconômica diferente daquela que, em geral, descreve os centros urbanos mais populosos¹⁴⁴.

Independente da abordagem teórica, é notável que esses lugares representam uma noção de contraponto simbólico a uma modernidade etérea e caótica. Não é por menos que determinadas associações nacionais, que nos últimos anos têm ganhado fama em outros cantos da Europa e do mundo, como os coletivos “*I borghi più belli d’Italia*”¹⁴⁵, “*Città del vino*”¹⁴⁶, “*Città d’olio*”¹⁴⁷ e *Slow Food*¹⁴⁸, vêm procurando valorizar um conjunto de práticas culturais e artísticas, que inevitavelmente ficam impressas nas paisagens onde se manifestam, em prol de maior competitividade desses territórios até então à margem do grande capital global. Em síntese, essa filosofia visa valorizar a antítese por trás da “morosidade” dessas localidades que, justamente por terem conseguido se inserir na modernidade de forma restringida, atualmente se envaidecem de uma narrativa em torno de uma certa concepção de “pureza cultural” que contrasta diretamente a rotina de centros urbanos dinâmicos do ponto de vista internacional, como a capital Roma ou a industrial Milão.

Em vista disso que esta etapa da dissertação se constroi, no intuito de compreender como o processo de resignificação do burgo de *Santo Stefano di Sessanio* tem se dirigido a uma narrativa “antimodernidade”. Ao que tudo indica, esta tese se revela mais como um sofisticado artifício de propagação de hipotéticas singularidades locais, fato que, numa leitura mais genérica da paisagem local, pode gerar um ideário de privilégio espacial. Dito de outro modo, este silogismo se traduz em um tipo de discurso que mescla tônicas “antiurbana” e “pró-regionalismo”, calcadas nas particularidades locais que, *a priori*, anunciam uma noção “antissistema”. Entretanto, numa reflexão mais criteriosa deste fenômeno, percebemos um movimento que se demonstra igualmente absorvido pela lógica capitalista mundial, propriamente por lançar um ideário de “contraponto à modernidade” que, neste caso em especial, seria um

¹⁴⁴ SABATINO, Michele. **Il ruolo dell’identità nello sviluppo turistico dei territori minori in Europa**. Milano, s.d. p. 3

¹⁴⁵ Da língua italiana, “*Os burgos mais belos da Itália*”.

¹⁴⁶ Na língua portuguesa, “*Cidades do vinho*”.

¹⁴⁷ Em português, “*Cidades do azeite*”.

¹⁴⁸ Do inglês, “*Comida lenta*”

grande fomento à atividade turística na procura de certas “particularidades” territoriais. Logo, podemos pensar que tal enunciado de “ruptura” com a modernidade faz coro a uma variável contemporânea que, mais que apelo simbólico, representa uma importante estratégia de cunho comercial e também político-administrativo.

3.2 – A “PAISAGEM HISTÓRICA” *STEFANARA* COMO RECURSO AO ORDENAMENTO TERRITORIAL

Em um estudo que analisa múltiplas ações de requalificação¹⁴⁹ urbana em povoados semiabandonados da Itália, Briatore¹⁵⁰ reporta que a construção de novas estruturas turísticas em distintos burgos de interesse histórico portou a perda das respectivas identidades locais, tal qual da unicidade e do vínculo entre estes núcleos e os territórios que os circundam. Trazendo questões como esta ao contexto do burgo de *Santo Stefano di Sessanio*, notamos que o grande *imbróglio* de Daniele Khilgren e de outros atores envolvidos na *Sextantio* seria, pois, exatamente trazer uma nova funcionalidade aos edifícios desocupados do lugarejo, sem que estes perdessem, em termos estéticos, uma espécie de “coerência filológica” grafada pela poeira do tempo. A valer, isto se comprova nas palavras da própria *Sextantio*:

Enquanto administradores de uma sociedade que adquiriu, por finalidades receptivas, uma consistente porção deste burgo histórico do *Abruzzo* montanhoso, juntamente aos profissionais responsáveis pelo projeto, tentamos nos questionar, desde o princípio, sobre a complexa questão em torno das consequências, diretas ou indiretas, que este tipo de intervenção poderá surtir sobre a autenticidade difusa, tão extraordinariamente presente e tão característica dos antigos burgos abandonados ou semiabandonados da nossa montanha¹⁵¹.

Deste modo, foi formalizada no ano de 2002 a “*Carta dei valori per Santo Stefano di Sessanio*”¹⁵², documento que entra no “mérito da tutela dos distintos bens patrimoniais locais

¹⁴⁹ A palavra “requalificação” é recorrentemente utilizada pela literatura estudada, o que não camufla algumas contradições no seu uso. Neste caso, contudo, usamos no fito de adjetivar os diferentes projetos em torno do patrimônio arquitetônico italiano.

¹⁵⁰ BRIATORE, Samuele. *Valorizzazione dei centri storici minori: strategie di intervento*. Reggio Emilia: Diabasis, 2011, p. 42. Disponível em: <://www.universitaediroma.it/archive/images/stories/storia12/valorizzazioneborg hi.pdf>. Acesso em 23/02/2015.

¹⁵¹ SEXTANTIO. *Santo Stefano di Sessanio – L'albergo diffuso*. Foto di Mario Paolo: Poligrafica Mancini. 2005, p. 20, tradução nossa.

¹⁵² Na língua portuguesa, “*Carta pelos valores de Santo Stefano di Sessanio*”.

atrelados ao conceito de “autenticidade” e “identidade autóctone” como pressupostos base às intervenções”¹⁵³. Tal ofício, assinado pelo prefeito local naquela altura, Tonino d’Aloisio, pelo presidente do *Parco Nazionale del Gran Sasso e Monti della Laga*, Walter Mazzitti, e pelo próprio Daniele Kihlgren, elenca um conjunto de justificativas no endosso de preservar os aspectos arquitetônicos, urbanísticos, ambientais e artísticos do povoado de *Santo Stefano di Sessanio* e entorno. São mencionadas constantemente a “vocalização” comercial de suas lãs, a diversidade faunística e florística locais, sua paisagem agrária e a valorização arquitetural-estética do burgo. À luz disso, a carta responsabiliza cada um dos signatários a dez procedimentos bem específicos, elencados na sequência:

- Remover os detratores da qualidade arquitetônica e ambiental ainda presentes no burgo e em seu entorno;
- Impedir quaisquer ações que possam prejudicar ou alterar a autenticidade e a qualidade de cada imóvel único, ou do tecido urbano enquanto um coletivo;
- Requalificar as áreas adjacentes ao perímetro edificado, reconhecendo na integração entre espaço antrópico e contexto natural uma peculiaridade de alto valor para o *Parco Nazionale del Gran Sasso e Monti della Laga*, assim como para a municipalidade de *Santo Stefano di Sessanio*;
- Tutelar e promover o conhecimento acerca da excepcional paisagem agrária nas zonas imediatas ao núcleo povoado de *Santo Stefano di Sessanio*;
- Conservar e promover as características formas de assentamentos locais, a exemplo das cavernas suburbanas usadas para conservação de gêneros alimentícios;
- Promover a ideia de *Santo Stefano di Sessanio* enquanto um lugar representante dos valores ambientais, antropológicos e histórico-culturais do *Parco Nazionale del Gran Sasso e Monti della Laga*;
- Iniciar e/ou apoiar iniciativas calcadas no desenvolvimento turístico sensível à qualidade e autenticidade difusa de *Santo Stefano di Sessanio*, assim como do *Parco Nazionale del Gran Sasso e Monti della Laga*;

¹⁵³ SEXTANTIO. **Restauri Italiani**. Real Italia: s.d. p. 23, tradução nossa.

- Promover e sustentar qualquer ação que respeite os princípios expressos pela “*Carta dei valori*”;
- Impedir qualquer ação contrária aos princípios expressos pela “*Carta dei valori*”;
- Inspirar, por parte da comuna de *Santo Stefano di Sessanio*, os seus próprios instrumentos de planejamento urbano condizentes com os princípios da “*Carta dei Valori*”¹⁵⁴.

Fica manifesto, mediante inspeção dos fundamentos enumerados na “*Carta dei valori*”, o fato de que o projeto de ressignificação de *Santo Stefano di Sessanio* não se limita somente ao núcleo edificado do burgo, se estendendo também às imediações locais, o que engloba campos de cultivo, pastagens e elementos “naturais” associados ao parque onde o lugarejo se insere. Em outras palavras, a finalidade do documento foi sugerir a simbiose entre aquilo entendido como patrimônio cultural – isto é, as construções e saberes locais, partindo de suas memórias documentadas – e patrimônio paisagístico e/ou “natural” – que envolveria a paisagem cênica do parque, através de seus acidentes geográficos, por exemplo (**Figura 17**).

Dada a condição de “unicidade orgânica” que pormenoriza os burgos italianos, cujo eixo gravita em torno da leitura integral de sua estética material e simbólica, além do diálogo com o ambiente circunstante, não é obra do acaso que as políticas de desenvolvimento locais sejam fundamentadas em ações integradas e, por isso, menos seccionadas. Conforme anteriormente mencionado neste trabalho, isso se dá graças à razão de que o grande trunfo dos burgos seria, justamente, sua conformação análoga a um grande “quebra-cabeças”, em que a leitura de cada “peça” – ou, no que se refere aos burgos, cada edifício – seja incompreensível caso se apresente de maneira isolada. Assim, uma parte deve ser impreterivelmente ligada a outras para se constituir e, conseqüentemente, apreciar o conjunto total. E compreender a lógica da gestão territorial, impreterivelmente, também perpassa por este preceito.

¹⁵⁴ PARCO NAZIONALE GRAN SASSO E MONTI DELLA LAGA. **Carta dei valori per Santo Stefano di Sessanio**. Santo Stefano di Sessanio, 7 agosto 2002. Tradução nossa. Disponível em < <http://www.gransassolagapark.it/pdf/Carta.Stefano.pdf> >. Acesso em 12/02/18.



Figura 17 – Vista de *Santo Stefano di Sessanio*, com destaque ao núcleo edificado e aos montes que o rodeiam. Conforme assegura a “*Carta dei valori per Santo Stefano de Sessanio*”, a excepcionalidade da paisagem local merece ser preservada de abusos construtivos e da inserção de elementos que possam depreciar sua contemplação. Embora o documento incentive o turismo no lugarejo, fica claramente manifestada a proibição de qualquer instalação, a exemplo de *resorts* e chalés, que possam deturpar a leitura “pastoril-medievalista” que caracteriza o local. Fonte: <http://www.gransassolagapark.it/paesi_dettaglio.php?id=66091>. Acesso em 02/10/18.

Voltando à análise da “*Carta dei valori*”, é notável que, de certo modo, todos os princípios apontados pelo manuscrito pairam sobre a implementação dos albergues difusos e sua relação com a paisagem *stefanara*. Dois dos três signatários do documento em questão são importantes representantes do poder público local – respectivamente o prefeito de *Santo Stefano di Sessanio* e o presidente do *Parco Nazionale del Gran Sasso e Monti della Laga* -, o que nos indicia também o interesse público no que toca o desenvolvimento do turismo na localidade. Mediante este raciocínio, faz-se necessário citar um trecho instigante de outro documento público, o “*Regolamento edilizio*”¹⁵⁵, disponibilizado pela prefeitura local, que diz:

Os elementos de mobiliário urbano, entre vasos de plantas, bancos, árvores, grades e muros, cabines telefônicas, quiosques, tendas e quaisquer instalações provisórias, assentadas em espaços públicos, estão sujeitas a prévia inspeção para análise de seus vínculos com a paisagem local¹⁵⁶.

No parágrafo acima notamos uma considerável atenção pelos objetos de aparelhado urbano, interpretados, para além de suas respectivas funções práticas, como elementos que ornamentam os lugares e, portanto, suas paisagens. Seguindo com essa teoria, o “*Statuto del comune di Santo Stefano di Sessanio*”¹⁵⁷, outro importante documento confeccionado pelas autoridades políticas locais, aponta o seguinte:

O planejamento urbano constitui um instrumento fundamental de tutela do território. Assegura, de forma adequada, a conservação das características dos centros habitados e daqueles de valor histórico, facilitando as atividades de restauro conservativo e também de transformação urbana, com destaque ao transferimento de atividades incompatíveis com as residências para outras áreas do território comunal. Estão previstas garantias especiais para limitar a construção nas zonas adjacentes às colinas, assegurando avaliações preventivas das condições hidrogeológicas, além de preservar a paisagem de intervenções que possam causar danos e deturpações¹⁵⁸.

¹⁵⁵ O “*Regolamento edilizio comunale*” (“Regulamento construtivo municipal”, em português) é um documento disponível no site da prefeitura de *Santo Stefano di Sessanio*, informando diretrizes municipais concernentes à administração local. Seu *download* se encontra no seguinte endereço:

< <https://www.halleyweb.com/c066091/images/statuto%20comunale.pdf>>. Acesso em 01/05/17.

¹⁵⁶ COMUNE SANTO STEFANO DI SESSANI. **Regolamento Edilizio**. Santo Stefano di Sessanio, 2010, p. 26. Tradução e grifo nossos.

¹⁵⁷ **STATUTO DEL COMUNE DI SANTO STEFANO DI SESSANIO**, p. 10, tradução e grifo nossos. Disponível em <<https://www.halleyweb.com/c066091/images/statuto%20comunale.pdf>>. Acesso em 01/05/17.

¹⁵⁸ COMUNE SANTO STEFANO DI SESSANI. **Statuto del comune di Santo Stefano di Sessanio**. Santo Stefano di Sessanio, s.d., p. 10. Tradução e grifo nossos.

Interessa ressaltar que o posicionamento do poder público local conflui com aquele de Daniele Kihlgren no que diz respeito ao controle da expansão urbana e tutela da paisagem. De acordo com as fontes de análise, essa sinergia de ideias e ações entre a sociedade *Sextantio* e os órgãos públicos de *Santo Stefano di Sessanio* tem culminado em um opulento período econômico de *Santo Stefano*, especialmente ao fim das restaurações. De fato, a ideia de reutilizar os casebres locais como estruturas de hospedagens não se circunscreveu apenas ao grupo *Sextantio*, contagiando também outros moradores, visto a multiplicação do número de casas e pousadas para aluguel em temporada de férias. Contudo, a sociedade privada ainda domina o cenário local, concentrando em torno de 30% do aparato hoteleiro, o que lhe confere a condição de principal grupo turístico a atuar na localidade¹⁵⁹.

Em tom otimista, alguns documentos apresentados pela prefeitura de *Santo Stefano di Sessanio* afirmam que a taxa de ocupação laboral subiu por volta de 30 vezes em 2009 quando comparada ao ano de 2001, toda ela gravitando em prol das atividades turísticas. A título de curiosidade, somente no ano de 2008 o burgo recebeu cerca de 7.300 turistas, sendo quase 90% destes italianos, ofertando a estes indivíduos mais de 200 tipos acomodações, entre quartos, apartamentos e suítes. Já em 2001, quando o lugar ainda estava fora dos holofotes da mídia e as atividades de restauro e refuncionalização debutavam, o número de visitantes era páreo a 285, e a contagem de acomodações disponíveis a fins turísticos era de no máximo 80 cômodos^{160 161}. Como de práxis, toda essa nova dinâmica engendrou um incremento do preço dos imóveis locais, como ressalta a **Tabela 6**.

¹⁵⁹ BRIATORE, Samuele. **Valorizzazione dei centri storici minori**: strategie di intervento. Reggio Emilia: Diabasis, 2011, p. 44. Disponível em: <://www.universitauropeadiroma.it/archive/images/stories/storia12/valorizzazioneborg hi.pdf>. Acesso em 23/02/2015.

¹⁶⁰ BRIATORE, Samuele. **Valorizzazione dei centri storici minori**: strategie di intervento. Reggio Emilia: Diabasis, 2011, p. 44. Disponível em: <://www.universitauropeadiroma.it/archive/images/stories/storia12/valorizzazioneborg hi.pdf>. Acesso em 23/02/2015.

¹⁶¹ PANDAKOVIC, Darko & KLARMANN, Lorenzo. **Rivitalizzazione dei nuclei storici minori - L'esempio dell'Albergo Diffuso**. Milano: Facoltà di Architettura e Società Politecnico di Milano, 2014, p. 13.

Disponível em: <https://www.albergodiffusolaico.it/contenuti/articoli/Tesi_Triennale_Klarmann_30.pdf>. Acesso em 22/09/18.

Tabela 6 - Série histórica de preço dos imóveis em *Santo Stefano di Sessanio* (2006-2008).

Valor médio do imóvel (€/metro ²)			Incremento (%)
Ano de 2006	Ano de 2007	Ano de 2008	Anos de 2006-2008
455	598	860	89

Fonte: Agenzia delle Entrate *apud* Pandakovic & Klarmann (2013).

Outro ponto de destaque no que versa a promoção do burgo de *Santo Stefano di Sessanio* provém da maneira como o projeto dos albergues difusos vem modelando um certo tipo de “paisagem laboral” local. Observando a lógica dos albergues difusos, é sabido que a população local exerce grande influência nos processos de acomodação e imersão cultural dos visitantes, através do compartilhamento de valores e saberes tidos como íntimos ao território. Por esse motivo, o grupo *Sextantio* investiu em pesquisas memorialísticas e ações específicas – como elaboração de oficinas e encontros com os cidadãos locais - no escopo de reintroduzir possíveis antigos costumes profissionais que, até então, se encontravam praticamente abandonados, como os de ferreiro, carpinteiro e marceneiro. Um dos mais noticiados é, sem dúvidas, a tecelagem, que, novamente incorporada ao local, tem tido grande articulação entre o público feminino residente, sendo comum a confecção dos estofos que decoram as hospedagens (**Figura 18**). Inclusive, a *Sextantio* reforça que todos esses materiais têxteis são produzidos a partir de teares “tradicionais”, de madeiras disponíveis na área¹⁶².

¹⁶² SEXTANTIO. *Santo Stefano di Sessanio l'albergo diffuso*. Foto di Mario Paolo: Poligrafica Mancini, 2005, p. 31.



Figura 18 – Os materiais, cores, formas e detalhes que caracterizam lençóis, toalhas, cobertores e colchões distribuídos pelos quartos dos albergues difusos *Sextantio* foram inspirados pelos documentos e fotografias coletados nos estudos memorialísticos locais.
 Fonte: <www.sextantio.it>. Acesso em: 15/06/18.

Além da atividade tecelã, a agricultura e gastronomia locais têm apresentado certa pujança nos últimos anos. Na entrevista concedida ao programa televisivo *C'è chi di Ce no* em 2014, da rede estatal italiana *RAI 3*, a antropóloga Nunzia Taraschi, contratada pela *Sextantio* no intento de realizar entrevistas orais com os moradores mais velho de *Santo Stefano di Sessanio* e entorno, revela o seguinte:

Em sua empresa agrícola, Daniele (Kihlgren) incluiu sementes que haviam desaparecido, que estavam presentes apenas na memória das pessoas, em particular o que chamam de “*riveglia*”¹⁶³, no dialeto local. Praticamente os engenheiros agrônomos reencontraram a semente, e a replantaram; então é possível comer este legume, coisa que talvez por 50 anos não se fizesse mais¹⁶⁴.

Não é casualidade que, hoje, a *riveglia* é apresentada em diversas cantinas locais como produto “tradicional” do lugarejo. A propósito, a página eletrônica do grupo *Sextantio* exibe uma afirmação um tanto quanto emblemática e passível de juízos mais críticos referentes a essa questão: “Toda comida se baseia no que estaria disponível e consumido naquela época. Usamos safras locais, nativas e recriamos receitas originais”¹⁶⁵.

Um ponto que nos interessa observar é o modo como o grupo privado propõe “recriar receitas originais”, enfatizada em sua página eletrônica. O próprio termo “recriar” denota a uma espécie de ruptura, de transformação, podendo conceber outro aspecto e abordagem a um objeto ou ideia. Neste caso, pensamos que este processo de “recriação” se aplica, em verdade, ao contexto; contexto este que tem sido reformulado mediante uma leitura de um ideário do passado local através das marcas e memórias herdadas pelo presente, contidas ou omitidas em sua paisagem. Ora, por ser um alimento barato e acessível, a *riveglia* era a base nutricional das famílias de *Santo Stefano* no contexto de carestia que pormenoriza o burgo anos atrás. Tal tônica, evidentemente, vem sendo nutrida no fito de ressignificar esta lentilha como um produto de forte apelo turístico/identitário devido a sua íntima relação histórica com o vilarejo, o que lhe atribui caráter distintivo e uma condição de “primazia identitária”. Isto colocado, é de interesse pensarmos em uma prática simbólica que tem ecoado no reconhecimento de um alimento até

¹⁶³ De acordo a antropóloga referenciada, trata-se de um legume da família da lentilha, apenas encontrado nas montanhas da região. Todavia, não conseguimos identificar uma possível tradução para a língua portuguesa do referido vocábulo.

¹⁶⁴ C'è chi dice no. Daniele Kihlgren – Report. In: **RAI 3**. 2014. Disponível em <<https://youtu.be/W9R1uXt-5wA>>. Acesso em: 17/01/2018. Tradução pessoal.

¹⁶⁵ Sextantio. Disponível em: <<http://santostefano.sextantio.it/en/abruzzo-traditional-local-cuisine/>>. Acesso em: 22/06/18. Tradução e grifos nossos.

então “trivial”, vide o contexto de pobreza e repulsão demográfica o qual este se inseria, metamorfoseado, hoje, a um conceito *gourmet*.

Apesar de estarmos cientes do apelo figurativo carregado pelo vocábulo supracitado, sendo recorrentemente associado à alta gastronomia, o utilizamos de forma instigante no desígnio de questionar a intensa apreciação contemporânea daquilo que outrora estava fadado à excentricidade, como é exatamente o quadro da lentilha local. Englobar “identidade” e “cultura”, com um toque de requinte a partir de certas crônicas relatadas por documentos tangíveis e por memórias orais, associando às peculiaridades geográficas dos respectivos territórios como, no caso local, uma paisagem que parece destoar dos preceitos estéticos modernos, se revela como uma poderosa tendência que tem *gourmetizado* alimentos, produtos, hábitos e, com toda atenção teórica, inteiros lugares e paisagens mundo afora. Contudo, isto não desqualifica este empenho de refuncionalizar a cena cotidiana *stefanara*: em verdade, se refere a uma tentativa de questionar este exercício hodierno de, constantemente, reinterpretar os lugares não necessariamente pelo que são, mas sim como gostariam que fossem, à luz, muitas vezes, de certas memórias grafadas em suas paisagens¹⁶⁶.

Também chamada de *lenticchia di Santo Stefano di Sessanio*¹⁶⁷, o legume é certificado pelos selos *PAT*¹⁶⁸ e *Presidio Slow Food*¹⁶⁹, o que lhe podem inferir certa condição vantajosa diante de uma perspectiva econômica contemporânea que tem estimulado as singularidades dos lugares. Seja entre os amantes de gastronomia regional, ou entre turistas ávidos por “excepcionalidades” espaciais, o fato de um alimento ser reconhecido e promovido através de notáveis instituições como “produto local” gera uma série de implicações de ordens simbólica e econômica.

Cruzando esta circunstância com o conceito de “*territori lenti*”, Viviana Calzati relata a importância que as assim chamadas “*certificazioni territoriali*”¹⁷⁰ imprimem aos territórios mais

¹⁶⁶ CANCLINI, Néstor Garcia. O patrimônio cultural e a construção do imaginário nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, no. 23, 1994.

¹⁶⁷ Na língua portuguesa, “*lentilha de Santo Stefano di Sessanio*”

¹⁶⁸ A sigla *PAT* (na língua portuguesa, *Produtos Agroalimentares Tradicionais*) se refere aos gêneros alimentícios cujos métodos de processamento, preservação e maturação são consolidados ao longo do tempo de forma homogênea dentro de um território. Para receber este certificado, tais práticas de tratamento e estoque dos produtos devem apresentar uma rotina temporal de pelo menos vinte e cinco anos (GRAN SASSO LAGA PARK, 2018).

¹⁶⁹ *Slow Food* (do inglês, “comida lenta”) é uma chancela que apoia pequenas produções que correm o risco de desaparecimento, através da valorização do território e seus recursos, da inserção de ofícios e técnicas de trabalho tidas como artesanais e da reintrodução e comercialização de espécies autóctones de frutas, hortaliças e sementes.

¹⁷⁰ Na língua portuguesa, “*certificações territoriais*”.

ruralizados. Esta concepção abarcaria, em tese, as práticas culturais e tudo aquilo que gravita em torno destas. Íntimas a um território em particular, essas práticas se desdobrariam em outras atividades, o que inclui aquelas de arranjo econômico. Neste sentido que a autora reforça que os chamados “selos territoriais” se distinguem dos “selos empresariais”, já que os primeiros se caracterizam por estarem vinculados não a um produto ou serviço em si, isolado, mas a um inteiro território constituído da presença de recursos e atores envolvidos na oferta do turismo e da hospitalidade¹⁷¹. Prosseguindo com este raciocínio, Calzati ainda descreve como nestes territórios lentos se configuram modelos de desenvolvimento de modo diverso daqueles padrões, que em geral são orientados para o lucro imediato e o consumo em massa. Nessa nova lógica econômica, continua a professora, se mesclam atividades agrícolas a partir de saberes locais, atividades artesanais de vínculo geracional e turismo inovador, fugindo dos padrões massificados vigentes. Deste modo, a cultura da hospitalidade - que Calzati enfatiza ser distinta do turismo padrão globalizado - seria o engenho que conduziria a inserção destes territórios ao sistema econômico mundial, sem deturparem suas respectivas características contextuais. Logo, atinamos que esta concepção se imbraca à seguinte reflexão:

“Valor cultural e valor econômico não se contradizem, não se excluem. O conflito grave ocorre entre lógica de mercado e a lógica cultural. A paisagem, em nossa sociedade, é, não há dúvida, mercadoria e pretender lhe negar este caráter seria uma utopia irresponsável”¹⁷².

Retomando ao contexto *stefanaro*, a originalidade e complexidade do projeto de implementação dos albergues difusos no lugarejo ganharam destaque para além da Itália. Notáveis meios de comunicação europeus e norte-americanos se dedicaram a noticiar e analisar o caso local, como *The New York Times*^{173 174 175}, *Financial Times*¹⁷⁶, *The Guardian*¹⁷⁷, *The*

¹⁷¹ CALZATI, Viviana. **Territori lenti, nuove traiettorie di sviluppo**. Milano, 2011, p. 269, tradução pessoal.

¹⁷² MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). In: **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 59.

¹⁷³ <<http://www.nytimes.com/2008/09/21/style/tmagazine/21materaw.html>>. Acesso em 26/03/17.

¹⁷⁴ <<https://mobile.nytimes.com/2010/05/23/travel/23journeys.html>>. Acesso em 19/04/17.

¹⁷⁵ <<http://www.nytimes.com/2006/08/13/travel/13next.html>>. Acesso em 27/03/17.

¹⁷⁶ Arquivo disponível no endereço: <<http://santostefano.sextantio.it/wp-content/uploads/2015/10/financial-times-january-2014.pdf>>. Acesso em 13/09/17.

¹⁷⁷ MCLEAN, Gareth. Room with a viewfinder. In: **The Guardian**. 19 de julho de 2008. Disponível em <<https://www.theguardian.com/travel/2008/jul/19/italy.photography>>. Acesso em: 26/03/17.

*Independent*¹⁷⁸, *Vogue Italia*¹⁷⁹, *Marie Claire*¹⁸⁰, dentre outros. De fato, ao considerarmos a conjuntura a qual se encontrava a pequena comuna de *Santo Stefano di Sessanio* no fim dos anos 1990, as informações contidas na **Tabela 7** e na **Tabela 8** podem nos ajudar a compreender o motivo da grande repercussão das obras.

¹⁷⁸<<http://www.independent.co.uk/news/world/europe/saviourofsantostefanoonemanscrusadetosavesouthernitalysancientvillages1944769.html>>. Acesso em 26/03/17.

¹⁷⁹ TURCI, Alessandra. Recuperati creativi. In: **Vogue Italia**. 10 de dezembro de 2013. Disponível em: <<http://santostefano.sextantio.it/wp-content/uploads/2015/10/vogue-italia-10-12-2013.pdf>>. Acesso em 12/01/18.

¹⁸⁰MANCINELLI, Antonio. Il borgo maestro. Intervista a Daniele Kihlgren: e il segreto dei suoi alberghi diffusi. In: **Marie Claire**, 02/03/12. Disponível em: <<http://www.marieclaire.it/Lifestyle/Intervista-a-Daniele-Kihlgren-imprenditore-degli-alberghi-diffusi>>. Acesso em 26/03/17.

Tabela 7 - Etapas do projeto de implementação dos albergues difusos em *Santo Stefano di Sessanio* (1999-2008)

Ano	Etapas
1999-2000	Identificação e aquisição do patrimônio edilício local, incluindo aquele em risco de desabamento e em abandono.
2001	Pesquisa historiográfica das características tipológicas e geográficas dos materiais de construção locais.
2002-2003	Elaboração do projeto de restauração.
2002-2005	Pesquisa dos materiais de restauro compatíveis com o perfil arquitetônico local.
2003	Início das obras.
2004	Ativação do restaurante e da sala de encontros.
2005	Abertura da recepção dos albergues difusos, além de 6 quartos e 2 espaços de convívio coletivo.
2006 (junho)	Inauguração de mais 20 quartos, além de outros espaços de uso coletivo.
2006 (dezembro)	Inauguração de 15 novos quartos.
2008	Finalizada a implementação de um <i>spa</i> nos albergues difusos.

Fonte: Sextatio/Briatore (2001)

Tabela 8 – O projeto em números

Valores/Quantidade	Descrição
4000 m ²	Superfície das obras
4.500.000 €	Investimento total, sendo 90% privado e 10% público.
42	Número de aposentos.
8	Espaços coletivos.
1	Sala de jantar/restaurante.
1	Sala para reuniões e/ou concertos musicais.
6	Lojas.
1	Spa.

Fonte: Sextatio/Briatore (2001)

Em 2009, quando as obras de instalação dos albergues difusos se encontravam finalizadas, um terremoto de 6,3 graus de magnitude sacudiu o interior da região do *Abruzzo*, incluindo também a comuna de *Santo Stefano di Sessanio* e arredores. Dentre alguns edifícios locais danificados, a *Torre Medicea*, símbolo do burgo, caiu. Alguns estudiosos relatam que, anos antes do evento sismológico, o monumento já sofria intervenções a base de cimento em parte de sua estrutura, fato que favoreceu sua queda em 2009. Entretanto, as edificações restauradas pelo grupo *Sextantio*, que optou em intervir privilegiando materiais tidos como originais de seu contexto geográfico como pedras e lenhas, não sofreram grandes danos. Isso foi sinalizado como uma prática virtuosa de restauração¹⁸¹, posto que, em regiões sísmicas como a que descreve o burgo de *Santo Stefano di Sessanio*, edifícios a base de concreto armado são considerados perigosos. Esse assunto, como esperado, gerou algumas discussões país afora¹⁸². Mais do que um possível risco a vida humana, um discurso “anti-cimento” tem sido colocado em pauta entre profissionais da restauração e arquitetos que se atem à leitura contemplativa do

¹⁸¹ STABILE, Francesca Romana; ZAMPILLI, Michele & CORTESI, Chiara. Santo Stefano di Sessanio (AQ) | Laboratorio di progettazione del Master internazionale di II livello in Restauro architettonico e recupero della bellezza nei centri storici. In: **Centri storici minori** - Progetti per il recupero della bellezza. Roma: Gangemi Editore, 2009, p. 190.

¹⁸² Dunamis Architettura. **Torre Medicea**. Disponível em <<http://www.dunamisarchitettura.com/work/torre-medicea/>>. Acesso em 29/01/19.

patrimônio cultural italiano. A justificativa se desenrola, entre outras questões, em torno do fato que intervenções a base de concreto armado deturpariam a coerência estética de inteiros conjuntos de arquitetura vernacular que caracterizam povoados de interesse histórico nacionais, como *Santo Stefano di Sessanio*.

A questão do cimento na Itália não é uma pauta recente. Alguns estudos têm revelado que, além de certo respaldo patrimonial/estético, a abolição das práticas construtivas subsidiadas pelo cimento no país presume menores chances de acidentes hidrogeológicos, como alagamentos e deslizamentos de terra¹⁸³. A partir deste exemplo, podemos destacar novamente a relação íntima entre patrimônio e ordenamento do território como propõe este capítulo. Aliás, sobre este tópico, é importante apreender que, no caso da vila de *Santo Stefano di Sessanio*, a noção de gestão territorial, a partir de seu patrimônio paisagístico, se deriva de duas premissas: bem-estar coletivo (ou qualidade de vida) e rearranjo econômico.

Como enunciado pela “*Carta dei valori per Santo Stefano di Sessanio*”, documento analisado por esta investigação, as diretrizes que gravitam ao redor da tutela da paisagem local rigorosamente limitam a inserção de novas estruturas edilícias, além de examinarem com atenção a compatibilidade entre a paisagem “medieval-pastoril” do burgo com os elementos de mobiliário urbano e doméstico. Esse discurso aponta a ideia de que, a partir de políticas concretas, os objetos interpretados como patrimônios podem ratificar e/ou se oporem a diferentes modos de se interagir e, portanto, produzir a paisagem e o território local. Em outras palavras, a busca por um ideário de qualidade de vida decorre de um discurso estético que promove a fruição da paisagem de *Santo Stefano di Sessanio* enquanto recurso territorial e bem coletivo.

Já a noção do rearranjo econômico do território *stefanaro*, através de seus respectivos objetos patrimonializados, remete às novas dinâmicas na esfera da economia popular, à relação local com o meio ambiente, aos tipos de ofícios que foram se instalando, ao controle da repulsão demográfica que caracterizou o lugar entre os séculos XIX e XX e também às narrativas que têm engendrado um conceito de “identidade local”, que passa a ser alvo de interesses comerciais, especialmente da atividade turística. Isso quer dizer que a concretização do projeto “*alberghi diffusi*”, mais do que uma mera obra restaurativa, sinaliza um profundo episódio de ressignificação do burgo velho de *Santo Stefano di Sessanio*, se desdobrando em práticas que,

¹⁸³ ISPRA. **Consumo di suolo, edizione 2018.** Disponível em <<http://www.isprambiente.gov.it/it/pubblicazioni/rapporti/consumo-di-suolo-dinamiche-territoriali-e-servizi-ecosistemici.-edizione-2018>>. Acesso em 12/01/19.

seja no âmbito da economia ou na esfera da cultura/folclore, atribuem à localidade uma condição contemporânea que se baseia em inferir aos distintos lugares o conforto moderno com a elegância do passado. E, evidentemente, vale ressaltar o papel de alguns intelectuais nesse processo.

Quanto a isso, Costa observa como o turismo na Itália, para além dos circuitos tradicionais, tem se direcionado ao que o autor chama de “*ri-ruralizzazione*”¹⁸⁴, que consiste num movimento amparado pela nostalgia em retornar às zonas interioranas. Continuando este dircurso, o sociólogo italiano argumenta que este tipo “*viaggio lento*”¹⁸⁵ vem sendo protagonizado por intelectuais críticos, que “são contra os fabricantes de viagens turísticas aos moldes fordistas-tayloristas, que se utilizam da velocidade como parâmetro de análise da qualidade de um produto ou serviço”¹⁸⁶.

Vale ressaltar que este aceno turístico em direção a um interior mais ruralizado não circunscreve somente o burgo de *Santo Stefano di Sessanio*. Muito longe disso, aliás. Essa concepção bucólica de certos conjuntos de paisagens italianas vem ganhando destaque pelo mundo. E um dos atores mais envolvidos neste movimento é o clube privado “*I borghi più belli d’Italia*”¹⁸⁷, no qual a comuna de *Santo Stefano di Sessanio* faz parte. Diante disso, analisaremos esta associação na sequência deste trabalho investigativo.

3.3 - A PAISAGEM CARTÃO-POSTAL DOS TERRITÓRIOS LENTOS

É evidente que a partir do momento em que a paisagem se torna um mero objeto de contemplação, e é valorizada unicamente por razões estéticas, as relações sociais ali atuantes se esvaziam de significado. A monumentalidade de uma paisagem, assim, pode destoar de uma leitura mais crítica de suas iconografias, o que acarreta em idealizações dos lugares. Se abordar as paisagens unicamente por critérios estéticos é um procedimento limitado, entretanto o seu inverso, isto é, não considerar as suas devidas potencialidades enquanto objeto de fruição, também provoca questionamentos.

¹⁸⁴ Do italiano, “viagem lenta”.

¹⁸⁵ Na visão do autor, este termo, “re-ruralização”, faz menção ao movimento protagonizado por intelectuais e artistas na procura de contemplar ambientes rurais, em contraponto à rotina estressante das metrópoles.

¹⁸⁶ COSTA, Nicolò. *Verso l’ospitalità made in Italy. Avviare la crescita con la competitività turistica delle diversità locali*. Roma: Armando, 2013, p. 233.

¹⁸⁷ Na língua portuguesa, “*Os mais belos burgos da Itália*”

Zecchi¹⁸⁸, ainda que não se limite unicamente ao discurso estético sobre as mesmas, critica a acepção deturpada da beleza no mundo moderno. Esta, para ele, começa hoje a ser (re) pensada como o ponto de partida, de retomada, perante as mais convictas exigências de se amenizar os impactos antrópicos sobre o planeta. Dessa maneira, a beleza vem se tornando o cerne da integridade entre homem e natureza, pois:

Os poucos que defenderam o ideal de beleza cometeram o erro de defini-la como harmonia, como perfeição, como equilíbrio, invocando as formas clássicas e esquecendo que beleza é tensão simbólica à origem da cultura, é desejo e experiência que instiga a dúvida e provoca a ação¹⁸⁹.

O conceito de beleza, ainda para o referido escritor, sustenta uma sólida carga aristocrática. Diante das exigências democráticas atuais, contudo, este conceito pode se revelar abstrato. Ao denunciar a intensa cimentificação de costas e montanhas, igualmente o caos instaurado nas grandes cidades, onde proliferam construções de pouca coerência filológica, percebemos que a concepção do belo abordada pelo autor italiano denota a um discurso voltado ao subjetivo, cujas aspirações religiosas e pessoais se tornam eficazes à organização de reflexões mais profícuas acerca da relação indivíduo-mundo. Mais do que um juízo estético, o discurso da beleza aponta à origem, à essência, e, por isso, é fortemente associado à preservação. E por mais contrastante que seja, essa prática visa salvaguardar justamente as paisagens, recorte geográfico que, por excelência, é historicamente mutável.

Seria um pleonismo de nossa parte, à vista disso, referirmos ao termo “paisagem histórica” dado que, ao nosso entendimento, toda e qualquer paisagem, mesmo mediante as múltiplas entradas neste conceito advindas dos distintos conhecimentos acadêmicos, carrega consigo certos vestígios frutos da ação do tempo. Ou, como argumenta Berque, a paisagem guarda para si e seu respectivo observador sua marca e matriz simbólicas¹⁹⁰. Na circunstância a qual se insere este texto, todavia, tal vocábulo - “paisagem histórica” - visa invocar os conjuntos de paisagens, em particular aqueles menos corrompidos pela potente urbanização que se estica

¹⁸⁸ ZECCHI, Stefano. Il significato della bellezza e il problema dell’educazione estetica. In: **Historia Artium**. Cluj-Napoca, Romania, 2015. Disponível em: <<http://studia.ubbcluj.ro/download/pdf/972.pdf>>. Acesso em 15/05/2016.

¹⁸⁹ *Ibidem*, p. 8, tradução nossa.

¹⁹⁰ BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Editora da VERI, 1998. p. 84- 91.

desde o desfecho da Segunda Grande Guerra, que vêm se moldando como verdadeiros patrimônios, como preliminarmente amostrado por esta dissertação (**Figura 19**).



Figura 19 – *Santo Stefano di Sessanio*, vista do alto de uma colina. O espetáculo estético que simboliza a arquitetura preservada dos casebres locais, os montes que contornam o vilarejo, o pequeno lago e os campos e pastagens invocam a noção de “paisagem histórica”, o que qualifica o sítio, de modo incontornável, à condição de patrimônio. Patrimônio este que, em teoria, contrasta uma modernidade caótica e volátil.
Fonte: <<http://www.unconventionaltour.net/santo-stefano-di-sessanio/>>. Acesso em 12/06/18.

Ao encontro disso que, no ano 2001, foi criada a associação privada “*I borghi più belli d’Italia*”¹⁹¹, que parte de uma série de requisitos específicos no intuito de divulgar um “circuito de beleza” protagonizado por comunas e frações geográficas¹⁹² que melhor ambientem, a partir de suas respectivas paisagens, o charme de uma Itália rural e/ou litorânea do “passado”.

A referida organização se pauta em torno dos objetivos de proteger, promover e repovoar os vilarejos de antiga fundação dispersos pelo país, a partir de uma série de campanhas de divulgação turística de seus recursos paisagísticos e culturais. Apoiado pela ANCI¹⁹³, o clube adota um *slogan* um tanto quanto metafórico: “*Il fascino dell’Italia nascosta*”¹⁹⁴, o que evidencia o forte *marketing* territorial que gravita em torno das comunidades afiliadas ao ente em pauta (Figura 20).



Figura 20 – Logotipo do clube *I borghi più belli d’Italia*. Uma vez admitido, ao burgo é permitido o uso desta marca em placas de estradas, guias turísticos e *web sites* institucionais. Fonte da imagem: Turismo Seborga (acesso em 29/11/17).

Em 2001, ano de sua fundação, o clube contava com apenas 13 vilarejos elencados; em 2014, os burgos selecionados já passavam dos 200, espalhados desde os Alpes à ilha da Sicília.

¹⁹¹ Na língua portuguesa, “*Os mais belos burgos da Itália*”.

¹⁹² Fração geográfica é a porção do território municipal compreendendo, por regra, um centro habitado além de núcleos menores e casas esparsas que gravitam em torno deste centro. Trata-se de uma pequena localidade que constitui, dentro de um município, um núcleo de habitações relativamente isolado de sua sede (SERIE STORICHE ISTAT, 2015).

¹⁹³ *Associazione Nazionale Comuni Italiani* (em português, Associação Nacional dos Municípios Italianos) foi criada em 1901 com intuito promover o estudo de distintos problemas enfrentados pelas municipalidades italianas, reforçando o contato entre seus societários e os organismos de administração pública nacional. Cerca de 7.300 municípios já aderiram à referida associação (ANCI, 2015).

¹⁹⁴ Em português, “*O fascínio da Itália secreta*”.

A associação é composta por um elenco específico de sócios, divididos entre o presidente, o diretor, tesoureiros, membros de assembleia e auditores, além de uma comissão científica especializada, e possui um escritório na capital Roma onde são realizadas as reuniões administrativas. No caso das candidaturas de localidades sob processo de análise, conta-se também com a presença de seus respectivos prefeitos e delegações. Todos os membros pagam uma cota anual, que é convertida na confecção de cartilhas ilustrativas, propagandas e eventos com intenção de propagar a associação. Por vez, os associados pagantes da taxa anual podem usufruir de descontos em serviços de hotelaria e alimentação em alguns burgos conveniados com o clube¹⁹⁵.

Para participar das iniciativas e ações propostas pela entidade, cada vilarejo concorrente deve satisfazer os seguintes critérios:

- Haver população no núcleo histórico, ou na fração indicada, igual ou menor que 2.000 habitantes. Já no município inteiro, o número total de moradores não deve exceder o valor de 15.000. Este requisito é de caráter eliminatório;
- Possuir patrimônio arquitetônico e/ou ambiental certificado, através de documentos oficiais, pela prefeitura local e/ou *Soprintendenza delle Belle Arti*¹⁹⁶. Os edifícios históricos devem ser predominantes em meio ao conjunto das construções locais, conotando ao vilarejo relativa homogeneidade estético-arquitetônica. Tal condição também é eliminatória;
- Dispor de fácil acesso tanto ao núcleo edificado de interesse histórico quanto ao seu entorno cênico, o que inclui bosques, riachos, praias, montanhas, trilhas, mirantes, plantações e campos que melhor permitam apreciar a paisagem local;
- Apresentar ornamentação estética do aparelhado urbanístico local, englobando a decoração de tetos, fachadas, portas, janelas, portões de ingresso, muros, bancos e fontes;
- Fechamento temporário do burgo à circulação de veículos automotivos, além de organizar estacionamento fora do núcleo histórico;

¹⁹⁵ *I borghi più belli d'Italia. Carta Qualità*. Disponível em: <www.borghipiubelliditalia.it>. Acesso em 12/11/2017.

¹⁹⁶ *Soprintendenza delle Belle Arti* é um órgão periférico do Ministério de Bens e Atividades Culturais da Itália que cataloga e tutela o vasto patrimônio artístico, cultural, paisagístico e arqueológico nacional, atuando de forma autônoma em 17 regiões do país.

- Ajuste adequado às placas de propagandas publicitárias, além de controle rigoroso contra pichações e outras expressões urbanas em espaços não autorizados, visando não deturpar a atmosfera pitoresca local;
- Tratamento estético buscando minimizar fiações elétricas e telefônicas, assim como à iluminação pública, evitando, por exemplo, materiais extremamente luminosos;
- Tutela de parques e jardins públicos e incentivos à instalação de canteiros de flores;
- Abrigar infraestrutura receptiva de estímulo ao turismo (hotéis, albergues, *campings*, restaurantes, além de placas informativas e centros de apoio ao visitante), bem como organizar visitas guiadas;
- Incentivar e/ou reintroduzir possíveis costumes locais, como festivais, feiras enogastronômicas ou festas de ruas. Também é de importância a promoção de atividades artesanais, artísticas e culturais no núcleo histórico do vilarejo.

Na data de 8 de julho de 2012, na pequena comuna francesa de *Gordes*, foi estabelecida oficialmente a federação *Les plus beaux villages de la Terre*¹⁹⁷, composta pelas associações da França, Itália, *Wallonie* (Bélgica), *Québec* (Canadá), Japão e Espanha. O clube, assim, prevê diversos intercâmbios de propostas e atividades entre os associados no intuito de expandir suas diretrizes a outros países¹⁹⁸, além de propagandear o patrimônio rural dos países signatários.

Mesmo que as paisagens não se resumam a seu caráter estético, é de devida atenção uma análise ao ritmo acelerado de transformações que as dinâmicas capitalistas, com especial interesse à especulação imobiliária, têm surtido sobre estas. Os apelos ético e estético, desassociados da “espontaneidade” do ambiente, com intervenções externas/surrealistas, se rompem, tal qual afirma Andreotti¹⁹⁹. Os conjuntos de paisagens, em particular aqueles menos deturpados pela agressiva urbanização pós-guerra, vêm se configurando, ao fim e ao cabo, como patrimônios, tendo em vista evidenciar, concomitantemente, as singularidades e os pluralismos

¹⁹⁷ Na língua portuguesa, *As mais belas vila da Terra*.

¹⁹⁸ Para maiores informações, < <http://www.lpbvt.org/>>.

¹⁹⁹ ANDREOTTI, Giuliana. **O senso ético e estético da paisagem**. Trad. Beatriz Helena Furlanetto. Curitiba: RAEGA, 2012. Disponível em <<http://revistas.ufpr.br/raega/article/view/26191>>. Acesso em 22/02/2016.

regionais. Seguindo essa filosofia, Briatore²⁰⁰ reproduz a narrativa que relata o papel crucial cujos vilarejos italianos desempenham no apreço e compreensão das “paisagens históricas” nacionais, posto que tais núcleos menores se revelam como elementos chave que compõem a idiossincrasia entre o homem e o seu entorno.

Estes grupos de “paisagens históricas” que integram o território da Itália, neste caso em especial os vilarejos de arquiteturas vernaculares e entornos cênicos, se revelam como elementos arquétipos para cultuação da “tradição”, do “típico”. Tais detalhes, ao que parece, têm amparado demandas modernas pela procura infundável de panoramas que manifestam minimamente possível os resquícios da massiva urbanização que tem pontuado algumas áreas da Europa há anos. Mais do que as atividades utilitaristas em si, essas paisagens “arcádicas” espelham uma ressignificação simbolicamente confortável do passado. Chantal, à vista disso, nos lembra que:

Se também houver a preocupação de preservar o “ambiente natural” em regiões que parecem ter perdido qualquer interesse produtivo, mas que podem ser ainda fonte de lucros graças ao turismo, esquecemos, aliás muitas vezes e numa perspectiva a curto prazo, que a “paisagem” que apreciamos resulta de um equilíbrio produtivo da natureza explorada pelo homem e que pretender conservá-la sem a valorizar é inseri-la numa evolução regressiva. Inversamente, outras regiões consideradas de rentabilidade econômica imediata são também tidas como menos “pitorescas”, e descuradas do ponto de vista “paisagístico”²⁰¹.

Como capital turístico, por isso sujeitas a um determinado conceito de preservação e tutela tais quais os patrimônios, as paisagens podem perder “a eficácia funcional dos espaços humanizados”²⁰². As atribuições quanto aos seus usos, desta maneira, tendem a traduzir um discurso vertical calcado numa restrita apropriação dos seus recursos, o que, diretamente, suscita uma abordagem das paisagens enquanto ferramentas de domínio espacial.

Em tal caso, analisando a noção das paisagens enquanto objetos patrimoniais, observamos uma recorrente preocupação pelos seus teores estéticos e simbólicos. Assim como os

²⁰⁰ BRIATORE, Samuele. **Valorizzazione dei centri storici minori**: strategie di intervento. Reggio Emilia: Diabasis, 2011. Disponível em: <://www.universitauropeadiroma.it/archive/images/stories/storia12/valorizzazioneborg hi.pdf>. Acesso em 23/02/2015.

²⁰¹ CHANTAL, Blanc-Pamard & RAISON, Jean-Pierre. Paisagem. In: **Enciclopédia Einaudi**. v.8. Lisboa: Imprensa Nacional. 1986, p. 154.

²⁰² CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Trad. Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3ª ed. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007, p. 316.

tradicionais objetos interpretados como patrimônios de *cal e pedra*²⁰³, as paisagens tendem a ser entendidas enquanto elementos que compõem as narrativas espaciais, evidenciando, ou não, fatos e acontecimentos de certa relevância histórica. À luz dessa tônica, porém no que tange os usos da memória, Lowenthal entende que esta “transforma o passado vivido naquilo que posteriormente pensamos que ele deveria ter sido, eliminando cenas indesejáveis e privilegiando as desejáveis”²⁰⁴. Neste caso, poderíamos ampliar, para além dessa possível exclusão de determinadas cenas desagradáveis, a condição de que certos conjuntos de paisagens também são descartados, no discurso de estes não representariam um ambiente cênico que desse suporte espacial à difusão de tais memórias extasiadas. Mais do que materialidade, a paisagem pode ser analisada também como narrativa.

Aliás, em relação ao exemplo de *Santo Stefano di Sessanio*, o cuidado da sociedade *Sextantio* com os detalhes que caracterizaram as obras de instalação dos albergues difusos, calcadas na construção de uma paisagem cênica ao estilo medieval-pastoril, não se limitou somente a este burgo do *Abruzzo*. Tanto que o grupo privado adquiriu alguns casebres em desuso na comuna de *Matera*, região da *Basilicata*, no sul do país atuando aos moldes da experiência *stefarana* ao replicar e/ou realocar objetos e adornos do passado, o que nos indicia um discurso que aposta na ideia simultânea do patrimônio associado ao requinte e à nostalgia (**Figura 21**). O centro histórico de *Matera*, popularmente conhecido como *Sassi di Matera*²⁰⁵, é patrimônio da Humanidade atestado pela UNESCO desde 1993, se gabando de ser o primeiro sítio situado na Itália meridional a receber este importante reconhecimento. A esse respeito, podemos presumir, longe de determinismos e generalizações triviais, que a *Sextantio* ampliou notoriamente sua escala de atuação, e que as ações concernentes à cidade velha de *Matera* podem ganhar ainda mais repercussão que aquelas processadas em *Santo Stefano di Sessanio*, graças ao peso advindo do título de patrimônio mundial atribuído à comuna *lucana*²⁰⁶.

²⁰³ Expressão comumente empregada para designar a dimensão dos estudos sobre patrimônio que abrangem artefatos tangíveis, como estruturas arquitetônicos, pinturas, estátuas e outros elementos de interesse histórico-artístico.

²⁰⁴ LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. **Projeto História**, São Paulo, no. 17, nov. 1998, p. 98.

²⁰⁵ Da língua italiana, “Pedras de Matera”.

²⁰⁶ *Lucano*, na língua italiana, faz menção a aquele ou aquilo que provem da região meridional da *Basilicata*, em que séculos atrás era conhecida entre os povos locais como *Lucania*.

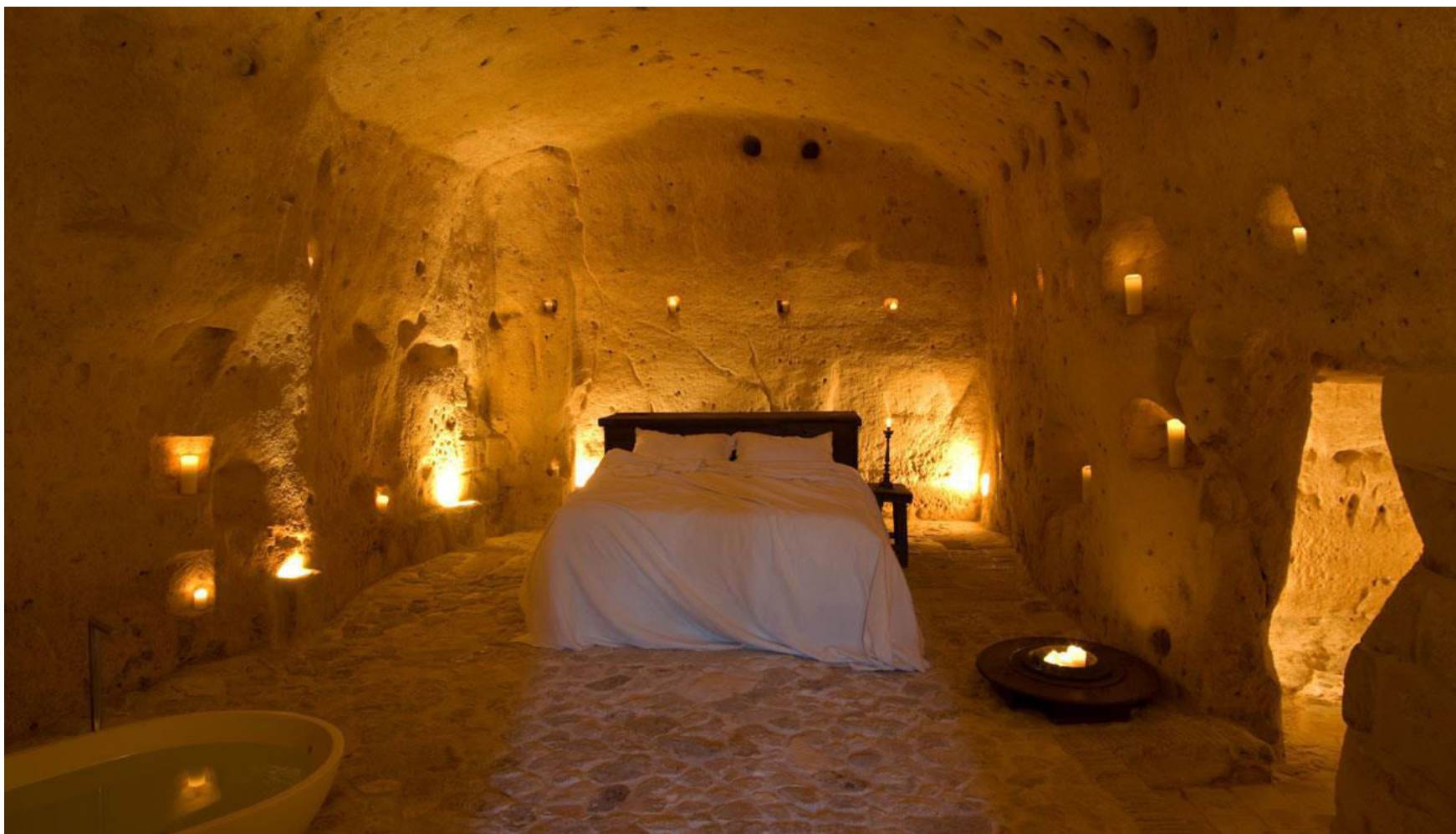


Figura 21 – Um dos quartos da rede de albergues difusos “*le Grotta della Civita*”. Usando uma metodologia semelhante aquela adotada em *Santo Stefano di Sessanio*, o grupo *Sextantio* interveio em casebres em desuso no centro histórico da comuna de *Matera*, buscando mesclar uma atmosfera alegórica do passado com o conforto moderno. Fonte: Società Sextantio. Acesso em 21/01/19.

A partir desses exemplos, podemos compreender que as reflexões em torno do patrimônio não se limitam somente à esfera cultural-identitária. Para Castriota, o futuro das cidades, a tutela do meio ambiente e o ordenamento territorial também compõem o bojo dos discursos que descrevem as práticas de patrimonialização contemporâneas. E é essa linha de pensamento que buscamos conduzir neste capítulo, associando a memória, enquanto elemento social que materializa suas narrativas na paisagem, aos instrumentos de arranjo do território e seus recursos.

A partir do exemplo do burgo de *Santo Stefano di Sessanio*, ponderamos que seria um descuido de nossa parte subestimar o papel crucial que as paisagens assumem dentro das ações de reconhecimento e promoção patrimonial recentes. Concebidas dentro de um ideário pictórico, os conjuntos de paisagens, a partir de suas morfologias e símbolos, corroboram discursos que, numa leitura mais genérica, podem omitir alguns artificilismos de cunho alegórico. Mais do que um juízo estético, o discurso da beleza aponta à origem, à essência, e, por isso, é fortemente associado à preservação. E por mais controverso que seja, essa prática visa salvaguardar as paisagens, recorte geográfico que, por excelência, é historicamente mutável. A refuncionalização do passado, carregada de devaneios, se apresenta como uma poderosa prática ideológica que, ao adquirir formas específicas de caso para caso, atribui aos patrimônios *status* central em seus respectivos discursos. Conforme reitera Peixoto, este tipo de configuração espacial nos revela que “o patrimônio se tornou uma “ideologia territorial””²⁰⁷. Frente a um voraz processo de mundialização econômica e também cultural muitos grupos sociais se vêem atarantados e, nessa situação, aspiram um conjunto de idealizações de si mesmos, bem como dos lugares que vivem, enquanto outros.

Diante disso, se reconhece aqui a importância e benefícios do turismo para o perfil de vilarejo estudado, a propósito, prática empregada comumente em outras áreas da Europa. Contudo, é de reforçamos a relevância em se questionar o valor meramente comercial aplicado sobre os distintos patrimônios, o que muitas vezes apequena suas outras faces, tão ou mais importantes quanto.

²⁰⁷ PEIXOTO, Paulo. **Os meios rurais e a descoberta do patrimônio**. Coimbra: Centro de Estudos Sociais Faculdade de Economia da Univ. de Coimbra, 2001, p. 9. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/11046>>. Acesso em 16/03/16.

PRODUTO

TOUR VIRTUAL: “SANTO STEFANO DI SESSANIO, ALÉM DO CARTÃO-POSTAL”

LINK DE ACESSO

Disponível em: <<https://roundme.com/tour/356112/view/1206274/>>

SOBRE A PROPOSTA

Intitulada “*Santo Stefano di Sessanio, além do cartão-postal*”, essa proposta de *tour virtual* tem por escopo sugerir, a partir de recursos interativos, uma leitura das ruelas, praças, edifícios, becos, túneis e mirantes que identificam o povoado homônimo. Recomendamos ao espectador, portanto, uma apreciação tanto estética quanto crítica da paisagem local, a partir de um recorte de imagens panorâmicas – isto é, na angulação de 360° - que melhor evidenciem a atmosfera “medieval-pastoril” do lugarejo. Aliado a isso, propomos trazer ao centro das análises algumas questões suscitadas pelo processo de ressignificação da paisagem do burgo através das intervenções lideradas pelo grupo *Sextantio*. Estas imagens foram descarregadas de plataformas gratuitas, como *Google Maps*, e seus respectivos autores serão devidamente certificados quando constados. Também procuramos ornar essa jornada virtual com efeitos sonoros e canções na tentativa de propiciar maior imersão do público-leitor com o conteúdo proposto. De modo pedagógico, inserimos no item **Figura 22** uma fotografia panorâmica de *Santo Stefano di Sessanio*, no desígnio de ilustrar nosso raciocínio, bem como exemplificar este protótipo de imagem que será a base estruturante do conteúdo interativo confeccionado.



Figura 22 - Vista parcial do burgo de *Santo Stefano di Sessanio*. Tal como outras imagens dispostas na angulação de 360°, este tipo de figura, a partir das tecnologias de realidade virtual e dos giroscópios, permite ao leitor interagir tanto para a vertical quanto para a horizontal, possibilitando maior imersão para com os detalhes que a caracterizam. Fotografia disponível no Google Maps. Autoria não reportada. Acesso em 14/10/18.

JUSTIFICATIVA E PÚBLICO-ALVO

Nossa fundamentação parte do prognóstico de que a realidade espaço-temporal que descreve o burgo de *Santo Stefano di Sessanio* seja desconhecida para a maioria dos brasileiros, incluindo intelectuais como arquitetos, restauradores, geógrafos e historiados, tal como estudantes de ensino superior e profissionais que lidam com a temática do patrimônio cultural – em teoria, os possíveis leitores deste trabalho investigativo. Mediante este cenário, optamos pela tentativa em conduzir a esta pesquisa, através de um compilado interativo de imagens, efeitos sonoros e detalhes descritivos que compõem os *tours virtuais*, algumas questões discutidas durante o **Capítulo 3** desta dissertação, pairando entre os temas do “patrimônio menor” e da paisagem enquanto categoria de patrimônio e de recurso à gestão territorial. Além de oportunizar uma viagem virtualmente participativa pela paisagem *stefanara*, o que impreterivelmente retoma algumas questões instigadas pela PARTE 1 deste trabalho, esta metodologia procura ocasionar, mesmo que de forma limitada, numa maior imersão visual-sonora à cena local. Ao nosso juízo, esta prática ainda possibilita contornar algumas lacunas e carências que, por ventura, possam rondar a primeira parte desta pesquisa, como, a título de exemplo, uma possível descrição relativamente precária de algum elemento paisagístico e/ou arquitetônico que particulariza o vilarejo italiano. Também destacamos que, por se tratar de uma proposta que se orienta sobre conteúdos interativos de ordem visual-sonora, buscamos estender o alcance deste trabalho a indivíduos com certas dificuldades cognitivas que, eventualmente, demonstrem interesse pela temática.

METODOLOGIA DE CONFIGURAÇÃO

O *software* utilizado é o *Roundme*, disponível para computadores *desktop* e *smartphones* dotados com os sistemas *Android* e *IOS*. Dentre as versões que o software disponibiliza, optamos pela opção “*Pro Embed*”, custeada no valor de 15 dólares. O primeiro requisito à confecção dos *tours virtuais* se dá pela criação de uma conta gratuita à plataforma, inserindo endereço de e-mail e uma senha de no mínimo seis caracteres. Também é possível acessar o sistema através de uma conta já cadastrada no *Facebook* ou no *Google +*. Após o cadastro, no menu principal do

Roundme surge a opção “*create tour*”²⁰⁸, por onde ocorrerá toda a programação do conteúdo interativo. De imediato, o sistema demanda do usuário o *upload*²⁰⁹ de uma imagem angulada no formato de 360° - inclusive, tais imagens são também conhecidas como panorâmicas -, que será a base inicial de confecção do *tour virtual* e dos respectivos elementos gráfico-sonoros que o irão integrar. Os padrões de figuras aceitos são as extensões em .jpg e .tiff. Após o carregamento da imagem base, o sistema pede que o usuário insira algumas informações sobre o conteúdo, como título, breve descrição e localização geográfica – esta ferramenta se utiliza do posicionamento via GPS através da parceria com o *Google Maps*. Também há a possibilidade de inserir detalhes específicos da câmera utilizada à composição da fotografia inserida, como modelo, marca, atributos técnicos, dentre outros. Assim que a imagem base for anexada à plataforma, será possível iniciar a configuração do *tour virtual*. Na sequência são oferecidas as possibilidades de georreferenciar um ponto específico da imagem, de controlar a aproximação ou afastamento de visualização através da ferramenta de *zoom*, assim como de anexar outra fotografia que, ao ser selecionada, representará um ambiente de transição. Além disso, o sistema também permite adicionar recursos sonoros e *pop ups* informativas em lugares específicos da imagem. Toda e qualquer alteração é facilmente substituível, o que agiliza o processo de produção do conteúdo multimídia.

Cabe sublinhar que na versão solicitada desta aplicação é possível incorporar até 15 fotografias panorâmicas, além de alguns recursos estéticos mais elaborados. Em ambas versões, gratuita e paga, tanto o conteúdo em fase de elaboração quanto aquele já finalizado ficam hospedados na tecnologia de nuvem²¹⁰ do sistema *Roundme*, o que impreterivelmente demanda acesso à internet no caso de posteriores reproduções e/ou edições.

Ademais de viabilizar a programação do conteúdo para a tecnologia *VR*²¹¹ - neste caso, somente em dispositivos que contem giroscópios -, o *Roundme* ainda permite o manuseio do

²⁰⁸ Do inglês, “criar passeio”.

²⁰⁹ Do inglês, “carregamento”, “transferimento”. Este termo é frequentemente utilizado no linguajar tecnológico, e faz menção aos arquivos que são carregados de um dispositivo físico, como computadores e celulares, à rede de internet, o que propicia futuros compartilhamentos.

²¹⁰ A computação em nuvem (do inglês, *cloud computing*) é uma tecnologia que permite acesso remoto a programas e arquivos por meio da rede de internet. O termo foi citado pela primeira vez pelo professor Ramnath Chellappa, no ano de 1997, dando ideia de algo que estava “no ar”, porém impalpável, como aperfeiçoamento tecnológico face aos tradicionais objetos tangíveis de armazenamento de dados, como disquetes, *CD's roms* e *drivers USB*, por exemplo (Taurion, 2009).

²¹¹ Do inglês, “*virtual reality*”, que na língua portuguesa significa “realidade virtual”.

material multimídia através de *mouses*²¹² e do sistema de *touch screen*²¹³, no caso de celulares *smartphones* e *tablets*. Após a finalização do projeto, o sistema permite o compartilhamento do *link* de acesso através de plataformas como *Facebook*, *Twitter* e *Google +*. Na versão gratuita, somente o usuário autor da proposta pode acessá-la, a partir de *login* em sua conta particular. Já na versão paga, é possível compartilhar o tour através de outras mídias sociais, como *WhatsApp* e endereço de e-mail. Esclarecemos que este procedimento foi testado numa versão para o sistema operacional *Android 9*, em um celular da linha Xiami Mi 8. Assim, ressaltamos que nossos esforços gravitaram em torno desses respectivos *software* e *hardware*, o que não necessariamente garante, de acordo com proposta delineada, o funcionamento de nosso material interativo do modo estipulado em outros sistemas e plataformas.

Os óculos de realidade virtual adquiridos foram o modelo VR BOX de coloração branca e material plástico, em que se acompanha um pequeno *joystick*²¹⁴ que abriga a tecnologia de comando remoto via *bluetooth*, ao valor total de R\$ 38,00. A aquisição destes objetos se deu durante organização e participação de um minicurso intitulado “Introdução à realidade virtual”, em parceria com o colega de curso Herbert Pardini, o Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFV e a equipe do Museu Histórico e Pinacoteca da UFV, entre os dias 6 e 12 de novembro de 2017. O evento procurou apresentar à comunidade regional e universitária um compilado de tecnologias virtuais que se encontram disponíveis na internet e que, em geral, demandam pouco conhecimento técnico de programação, conduzindo um leque possibilidades que vão desde o lazer e recreação pessoais, até estratégias de *marketing* e propaganda comercial. Na rasteira disso, buscamos assimilar tais conteúdos na tentativa de formular um material didático que pudesse contemplar as demandas que descrevem a parte tangível do programa de Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania do Departamento de História da UFV. O material digital finalizado, juntamente ao texto dissertativo, ficará hospedado na página eletrônica do programa de mestrado supracitado, além do próprio sistema *Roundme* de armazenamento em nuvem. Isso permite seu acesso a partir de qualquer dispositivo *desktop* e/ou móvel.

²¹² Periférico de entrada para computadores que propicia melhor manuseio deste dispositivo.

²¹³ *Toque de tela*, em português.

²¹⁴ Tipo de manípulo eletrônico, utilizado comumente para gráfica em videogames e fliperamas. No caso dos óculos, funcionam como *mouses*, possibilitando controle mais preciso da interação com o ecrã.

TUTORIAL DE USO

1. Inicialmente é necessário acessar o seguinte endereço eletrônico: <<https://roundme.com/tour/356112/view/1206274/>>. O sistema *Roundme* vai abrir uma tela rotativa, com uma paisagem de *Santo Stefano di Sessanio*, além de alguns ícones clicáveis. Espere o carregamento da página terminar.
2. Com o recurso de ecrã tátil, ou com o auxílio de um *mouse*, gire tanto na vertical quanto na horizontal a fotografia que se apresenta à tela, explorando seus detalhes.
3. A medida que houver interação com a imagem, irão surgir ícones que podem ser clicados. O ícone de balão branco com a letra “i” dentro indica as *pop ups* informativas, ou seja, pequenos textos de caráter didático com detalhes e dados sobre o burgo de *Santo Stefano di Sessanio* e sua relação com seu patrimônio paisagístico. Já o ícone semelhante a um *gps* aponta os ambientes de transição das imagens anexadas ao *tour*.
4. Durante o passeio pelos distintos ambientes que descrevem este *tour* virtual, será possível ouvir sons e canções cuidadosamente escolhidas. Estes recursos buscam dar mais interatividade ao produto, além de canalizar a atenção do telespectador aos detalhes que caracterizam as questões discutidas pela dissertação situadas no *tour* virtual.
5. Ao transitar para outros ambientes, em alguns momentos o telespectador não poderá retomar a cena anterior. Esse detalhe foi pensado de forma proposital, procurando conduzir o telespectador, tal como fazem os próprios cartões-postais tradicionais, à contemplação de narrativas cuidadosamente construídas sobre os distintos lugares. Portanto, caso queira revisitar algum detalhe do passeio, o telespectador deverá finalizar o *tour*, ou reiniciar a aplicação e navegar até onde lhe interessa.

6. No caso de apreciar este *tour* a partir da tecnologia de óculos virtuais, é necessário ir ao item “*more functions*”²¹⁵ e selecionar a opção “*WebVR Mode*”. Caso o usuário opte por utilizar um *joystick* acoplado aos óculos de realidade virtual, é necessário configurar este elemento com o dispositivo em uso (PC ou celular *smartphone*). À vista disso, recomendamos que entre em contato com a assistência técnica/fabricante do produto em questão.
7. O usuário também pode observar o *tour* de modo passivo. Para isso, o *Roundme* oferece a opção “*slideshow*”, em que as fotografias contidas no *tour* serão projetadas na tela e transitarão de forma automática.
8. Na parte superior da tela do *tour* virtual é possível identificar uma aba que permite a postagem de comentários. À luz disso, qualquer *feedback* sobre este trabalho pode ser inserido neste item, apontando sugestões, críticas e observações de ordem construtiva.
9. Na busca de melhor apreciação dessa iniciativa, sugerimos que o telespectador use fones de ouvido durante o percurso, além de permitir a rolagem do conteúdo em tela cheia (*full screen*).
10. Caso persistam dúvidas, os usuários podem entrar em contato com os seguintes endereços de e-mail: **wlo.william@gmail.com** e **william.lopes@ufv.br**. Buscaremos esclarecer quaisquer questões sobre a confecção e manuseio deste produto. Apesar disso, abaixo apresentamos um pequeno esboço pictórico de alguns elementos que compõem o *tour* virtual (**Figura 23**).

²¹⁵ Na língua portuguesa, “mais funções”.

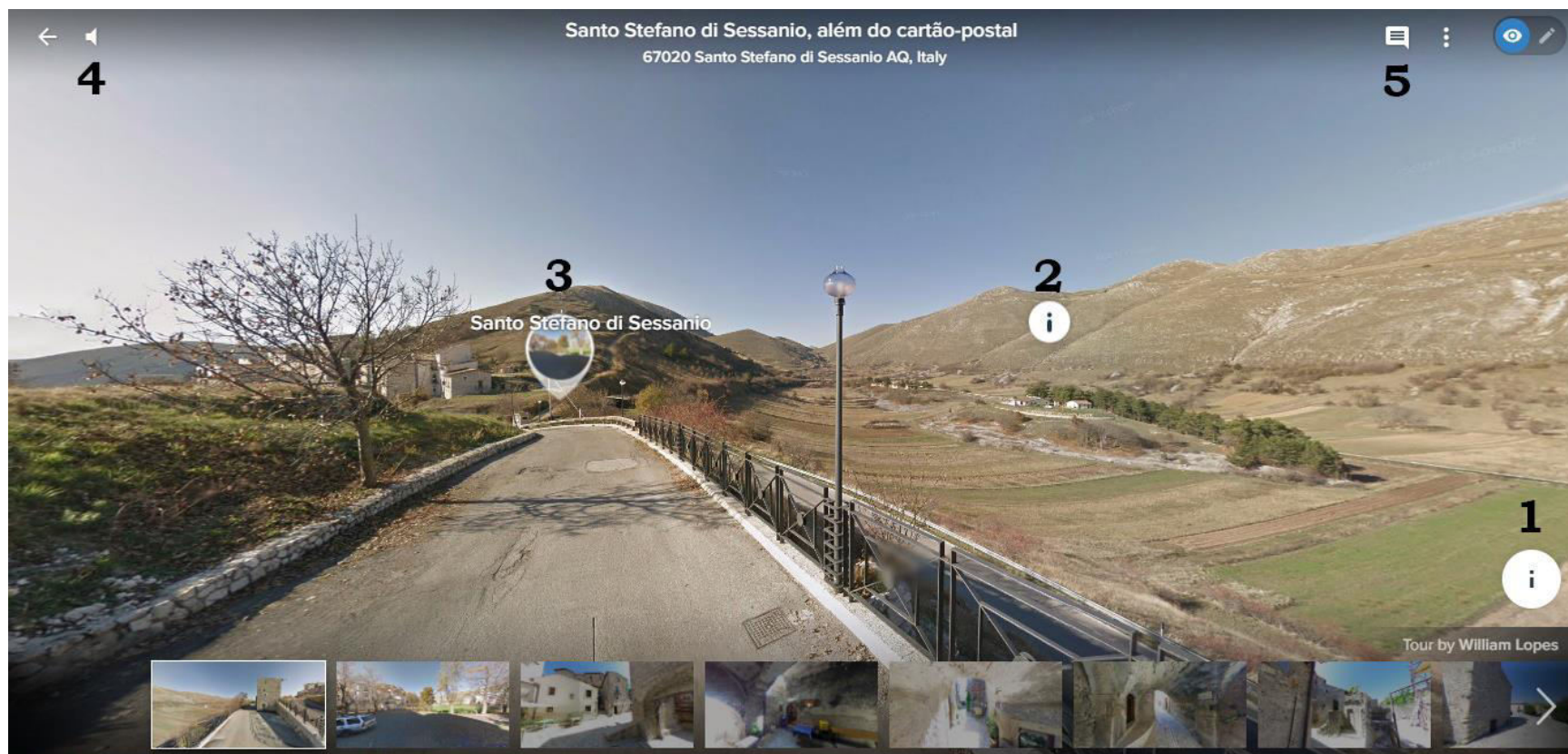


Figura 23 - Em uma análise de uma fotografia recortada do *tour* virtual “*Santo Stefano di Sessanio, além do cartão-postal*”, observamos alguns elementos de manuseio da aplicação *Roundme*. O ícone adjacente ao número 1 contém uma descrição geral do passeio virtual, detalhando os objetivos e o contexto de confecção deste. O ícone abaixo do número 2 indica uma *pop up* contendo informações de algum detalhe e/ou conteúdo específico da imagem. O item relacionado ao número 3 indica os ambientes de transição, isto é, as posteriores imagens panorâmicas que caracterizam o *tour*. Acima do número 4, o ícone de auto-falante permite fazer ajustes sonoros. Já o conteúdo acima do número 5 possibilita a inserção de comentários sobre o *tour*.

FONTE DOS ARQUIVOS APRESENTADOS NESTE PRODUTO

As fotografias panorâmicas aqui utilizadas estão disponíveis no site *Google Maps*. Até o momento não conseguimos identificar os autores. Entretanto, caso os respectivos proprietários se sintam desconfortáveis com a reprodução de suas imagens neste *tour* virtual, deixamos o email de contato para que possamos retirá-las: **wlo.william@gmail.com** e **william.lobes@ufv.br**.

ANÁLISE DO PRODUTO

Mais do que um objeto interativo, este produto se empenha em provocar reflexões em torno da paisagem *stefanara* na condição de patrimônio, que contrasta simbolicamente um ideário estético atrelado à modernidade. Para isso, propusemos uma narrativa propositalmente delineada que contorna ruas, vielas, praças, edifícios e mirantes que caracterizam o lugarejo, ilustrando a relação entre sua paisagem “medieval-pastoril” com o processo de gestão do território protagonizado pela inserção da rede de albergues difusos.

Fachadas que ostentam letreiros comerciais gigantes; *outdoors* despontando por ruas e praças; prédios com formas e cores desregradadas; fiação elétrica riscando os céus; edifícios de portes colossais que gritam por atenção; concreto armado para tudo quanto é lado; embaraçosas sinfonias de barulhos e ruídos se propagando pelos cantos. Uma superficial contextualização da realidade de nossas cidades pode nos apontar como produzimos e interagimos com as paisagens em que vivemos. Afinal, somos educados a entendermos e zelarmos pelas paisagens que compomos e nos compõem? Seria de interesse comum considerarmos a sua estética como um fator medular?

Paralelamente a estas problematizações, percebemos mundo afora um *trend*²¹⁶ onde os conjuntos de paisagens, em particular aqueles que representam um contraponto à agressiva urbanização do último século, vêm se configurando concomitantemente como resquícios do passado e modelos para intervenções no futuro – portanto como verdadeiros patrimônios (**Figura 24**). Muitos discursos em torno do campo, neste sentido, se voltam à sua condição de “área em

²¹⁶ Da língua inglesa, *tendência*. Este termo é comumente utilizado no intuito de esboçar a ideia de algo em voga, que está em moda.

crise” e que, para efeito de contorno dos seus respectivos “atrasos”, deveria sofrer profundas modificações estruturais²¹⁷. Todavia, Silva²¹⁸ analisa o fato de que em todo planeta vem crescendo uma intensa onda de valorização do espaço rural, na qual as questões ecológicas são capitaneadas em prol da preservação da cultura *country*, do lazer, do turismo e da moradia alternativa, em contraposição ao *stress* que pormenoriza os centros urbanos, sugerindo a noção de “Novo Rural”²¹⁹. O dramático processo de esvaziamento demográfico em áreas campestres, frente a pujante e, não raras vezes, irresponsável urbanização, foram essências à solidificação de um discurso no qual se intenciona salvaguardar especialmente as paisagens agrícolas. Portanto não é mera casualidade que toda essa narrativa vem se desdobrando em tecer recortes geográficos que possam simbolizar paisagens enquanto materialidades antagônicas à agitação moderna, removendo e/ou incorporando objetos, práticas e memórias que potencialmente elucidam tal propósito. Esta é a conjuntura de *Santo Stefano di Sessanio* atualmente.

Diante do exposto, os panoramas selecionados à composição do *tour* virtual procuraram evidenciar os discursos simbólicos que permeiam o fato da pequena comuna italiana estar encravada em um parque nacional montanhoso, apresentando urbanismo que funde elementos medievais e renascentistas, além dos resquícios de uma diáspora que provocou abandono local. Tais argumentos, assim, têm condicionado o burgo e sua paisagem a uma condição de “antítese” aos padrões de urbanização que se estenderam pelo século XX, tipificados em problemas como explosão demográfica, difusa verticalização imobiliária e questões de ordem ambiental devido ao mau uso do solo urbano, como alagamentos e poluição. Afinal, não podemos perder de vista que “a palavra paisagem ainda conota fortemente natureza e ruralidade. De seu lado, cidade conota artificialismo”²²⁰.

Não é obra do acaso que essas questões vêm ganhando volume dentro da academia, das pautas de administração pública e também por parte de setores vinculados à atividade turística e

²¹⁷ LOCATEL, Celso Donizete. Da dicotomia rural-urbano à urbanização do território no Brasil. In: **Mercator**, Fortaleza, v.12, número especial (2), p. 85-102, set. 2013.

²¹⁸ SILVA, José Graziano da. **O novo rural brasileiro**. Nova Economia, Belo Horizonte, maio de 1997. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Valeria/Pdf/O_novo_rural_brasileiro.pdf>. Acesso em 24/08/16.

²¹⁹ Conforme reitera SILVA (1997), o conceito de “Novo Rural” se vincula às atividades econômicas não agrícolas que vêm sendo difundidas no campo. Assim, o autor tece um conjunto de exemplos que, tais como o mercado do turismo e entretenimento e a agroindústria, tem canalizado cada vez mais incentivos e investimentos financeiros às zonas rurais.

²²⁰ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). In: **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 38.

recreativa. O sociólogo português Paulo Peixoto, por exemplo, ao estudar as zonas rurais europeias após o desfecho da Segunda Guerra, afirma que estas passam a (re)descobrir seus próprios “patrimônios”, ancoradas numa “filosofia da sensibilização, que tão bem caracteriza a histeria patrimonial”²²¹. Diante disso, deixamos registrado o nosso reconhecimento da importância de práticas modernas sobre o patrimônio, como o turismo por exemplo, em lugares com o perfil semelhante ao da pequena *Santo Stefano di Sessanio*. Aliás, diga-se de passagem, prática já adotada em muitos outros cantos da Itália e da Europa. Todavia, nossa inquietação se dá através das ações que apenas reforçam o valor comercial aplicado aos distintos patrimônios, o que muitas vezes apequena suas outras faces, tão ou mais importantes quanto. À luz disso que este *tour* virtual foi pensado, no intuito de ilustrar algumas cenas da paisagem do burgo que o complexificam, para além de um destino turístico, à condição de um lugar dotado de memórias e códigos culturais particulares, o que nos auxilia à uma leitura mais madura e menos genérica que comumente se tece ao patrimônio cultural.

²²¹ PEIXOTO, Paulo. **Os meios rurais e a descoberta do patrimônio**. Centro de Estudos Sociais - Núcleo de Estudos sobre Cidades e Culturas Urbanas, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 1998, p. 7. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/175.pdf>>. Acesso em 21/03/16.



Figura 24 – Vista panorâmica de *Santo Stefano di Sessanio* debaixo de neve. Mais do que um espetáculo estético, mais que um lugar nutrido de memórias e grafias sociais impressas à sua paisagem e, sobretudo, mais que um cartão-postal, este vilarejo é um exemplo que pode nos revelar como uma prática de profunda ressignificação da sua paisagem tem elo com um certo desconforto e pessimismo contemporâneo à volta do futuro. Fonte da imagem: <<https://post-italy.com/santo-stefano-di-sessanio-abruzzo/>>. Acesso em 02/02/19.

CONCLUSÃO

Em seus primeiros minutos, o filme *La Grande Bellezza* nos convida assistir a celebração de aniversário do personagem principal da trama, o escritor Jep Gambardella, que ocorre em cima de um telhado por onde se avistam belíssimos panoramas da cidade de Roma. Neste ínterim, a obra já prenuncia o cerne da sua narrativa: observar as experiências de um homem de seis décadas e meia com o mundo. Diante deste contexto, a película do diretor Paolo Sorrentino retrata o modo como Jep Gambardella, hoje, está acomodado a uma vida fútil. O motivo? Provavelmente, o protagonista virou refém do passado. Para ele, restam apenas lembranças de um tempo diferente, nostálgico.

Amparado por reflexões como essa, este trabalho dissertativo procurou analisar como a paisagem do pequeno burgo de *Santo Stefano di Sessanio* vem ganhando repercussão por ser o eixo de políticas que pleiteiam contornar problemas complexos como o recuo demográfico e a estagnação econômica. Por isso que, enquanto objetos atrelados ao passado, os patrimônios podem despertar distintas apreciações. A propósito, o historiador e geógrafo David Lowenthal nos chama a atenção para o fato de que “a consciência do passado é, por inúmeras razões, essencial ao nosso bem-estar”²²². E é através de raciocínios como este que buscamos conduzir as discussões apresentadas por esta pesquisa.

No primeiro capítulo, introduzimos uma breve leitura da paisagem que especifica a municipalidade de *Santo Stefano di Sessanio*. Além de abordamos sua relação com um parque nacional montanhoso em que se espraia, partimos de alguns relatos memorialísticos acerca da influência dos Medici e do abandono geográfico que inferiram à paisagem do lugarejo a condição contemporânea de patrimônio, através do projeto de instalação dos albergues difusos.

No segundo capítulo procuramos analisar como certas memórias são produzidas e/ou consagradas diante de um imaginário tanto estético quanto utilitarista da paisagem local. Em verdade, nosso esforço se deu em enriquecer este tipo de reflexão ressaltando o seguinte silogismo: mais que restaurado, o patrimônio edificado do burgo foi o centro de um projeto de realocação de memórias e objetos tangíveis em prol de uma narrativa alegórica de seu passado, tendo uma noção de “beleza” diretamente associada à preservação e promoção de sua paisagem.

²²² LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. **Projeto História**, São Paulo, no. 17, nov. 1998, p. 98, p. 64.

Para isso, nos utilizamos de uma breve correlação entre os postulados teóricos de Viollet-le-Duc e Camillo Boito, no empenho de reforçar a ideia de que as práticas de restauração também podem ser observadas enquanto poderosos artifícios à composição de memórias individuais e coletivas.

Já no terceiro capítulo, que introduz a denominada PARTE 2 desta pesquisa, nossa intenção se desdobrou em descrever e analisar o produto final previsto pelo programa de Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da UFV, associando uma leitura interativa da paisagem do burgo com algumas questões suscitadas pelo texto dissertativo. Prévio a isso, contudo, apresentamos algumas discussões que anteviam a paisagem de *Santo Stefano di Sessanio* na categoria de patrimônio, isto é, como objeto simbólico a ser tutelado. Indo além, esta etapa da dissertação se empenhou em ilustrar a tese de que o patrimônio paisagístico do burgo protagonizaria determinadas políticas de cunho administrativo-econômico aplicadas ao território local, em prol do bem-estar coletivo mediante fruição da paisagem e ressignificação econômica através do turismo.

Diante do exposto, é importante mencionarmos que esta é uma das primeiras pesquisas no Brasil a se debruçar unicamente sobre um povoado italiano interpretado na qualidade de patrimônio, condição que resultou na implementação de uma rede de albergues difusos em seu núcleo histórico. Portanto, estamos a tratar este trabalho não como um resultado definitivo, e sim enquanto um possível ponto de partida para ulteriores reflexões que imbriquem análises relacionadas à construção e promoção de memórias, à preservação da paisagem, aos distintos usos do patrimônio cultural e ao ordenamento do território. E, importa esclarecer, que essas discussões também podem dialogar com a realidade de certas localidades rurais brasileiras, desde que sejamos prudentes às suas devidas singularidades espaço-temporais.

Concluimos a partir do exemplo do burgo de *Santo Stefano di Sessanio*, portanto, que o patrimônio pode se desvelar enquanto uma categoria de “nova experiência cultural”, em que variáveis como rearranjo econômico, tutela do meio ambiente e valorização da identidade se relacionam. Mais do que isso, o patrimônio pode fomentar uma nova maneira de se interar com o passado, que, a exemplo do caso local, ocorre devido a uma experiência turística que permite vivenciar um recorte de sua realidade, o que neste trabalho chamamos de “turismo antropológico”. Em outras palavras, essa “experiência do regionalismo” – baseada em um modo de hospitalidade mais imersivo e também pedagógico -, não apenas infere a localidades como *Santo Stefano di Sessanio* a condição de patrimônio, mas também invoca alguns debates para

além das tradicionais indicações atribuídas à memória e a cultura. Isso nos dá subsídios a refletir como a temática do patrimônio cultural compreende, mais que uma leitura do passado, nossa complexa relação com o presente e o futuro. A propósito, diante de conjunturas como esta que o filósofo polonês Zygmunt Bauman vai refletir na ideia de “retrotopia”²²³, problematizando como nossa sociedade tem desconfiado do futuro e, por isso, vem sustentando discursos que vão mitificar alguns recortes do passado, entendidos, equivocadamente, como este em sua totalidade.

Paralelo a essas reflexões, concordamos com Françoise Choay, quando ao final da obra “A alegoria do patrimônio”²²⁴ reporta como diante de uma possível crise coletiva nossa sociedade vê no patrimônio um tipo de espelho que reproduz um passado quimérico. Narcisistas e passivos, procuramos nos observar neste espelho através das memórias vinculadas à beleza artística e/ou a mestria técnica de outros tempos. Assim, por talvez estarmos rompendo com essas noções, temos admirado de modo demasiado os edifícios e monumentos remetentes ao passado. Seguindo com este raciocínio, a autora conclui retratando a maneira como temos deixado de lado nossa sensibilidade e criatividade na proposição de novas arquiteturas, o que denuncia a forma como nossa “competência em edificar” vem sendo corrompida em meio a uma modernidade volátil e tecnológica. Sua análise, assim, contribui a pensarmos nossa interação com os territórios onde nos inserimos, o que nos possibilita, de fato, reconhecermos quem somos ou quem buscamos ser. E uma leitura mais cuidadosa da paisagem de *Santo Stefano di Sessanio*, para além dos cartões-postais, pode nos ajudar no entendimento desta retórica.

²²³ BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**. Tradução Renato Aguiar. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

²²⁴ CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado. 3ª. ed. São Paulo: Estação Liberdade/Editora da UNESP, 2006.

BIBLIOGRAFIA

ALOISE, J. M.. O restauro na atualidade e a atualidade dos restauradores. In: **Artigos do Patrimônio**. Iphan, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Artigos_do_patrimonio_O_restauro_na_atualidade_e_a_atualidade_dos_restauradores_JuliaMiranda.pdf>. Acesso em 16/03/18.

ANDREOTTI, Giuliana. **O senso ético e estético da paisagem**. Trad. Beatriz Helena Furlanetto. Curitiba: RAEGA, 2012. Disponível em <<http://revistas.ufpr.br/raega/article/view/26191>>. Acesso em 22/02/2016.

AMATO, Rosario. Sette milioni di italiani in meno nel 2065, il Sud sempre più vecchio e spopolato. In: **La Repubblica**. Disponível em: <http://www.repubblica.it/economia/2017/04/26/news/sette_milioni_di_italiani_in_meno_nel_2065_il_sud_sempre_piu_vecchio_e_spopolato-163916714/>. Acesso em 15/08/18.

AVRAM, Maria; ZARRILLI, Luca. The Italian model of “albergo diffuso”: a possible way to preserve the traditional heritage and to encourage the sustainable development of the Apuseni Nature Park. In **GeoJournal of Tourism and Geosites**, year V, n. 1, vol. 9, may 2012. Disponível em < http://gtg.webhost.uoradea.ro/PDF/GTG-1-2012/3_112_Avram.pdf>. Acesso em 13/06/16.

BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**. Tradução Renato Aguiar. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BARATTA, Lidia. Sempre più vecchio, povero e spopolato, il Sud Italia è destinato all'estinzione. In: **Link Iesta**. <<https://www.linkiesta.it/it/article/2018/05/04/sempre-piu-vecchio-povero-e-spopolato-il-sud-italia-e-destinato-allest/37972/>>. Acesso em 18/05/18.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Tradução de Vladimir Bartolini. São Paulo: Perspectiva, 2006. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Editora da VERI, 1998. p. 84- 91.

BERTI, Luisella. Con gli alberghi diffusi rivivono i piccoli centri. In: **Ambiente**. S.d. Disponível em: < <http://www.lalocandadelditirambo.it/wp-content/uploads/25.pdf>>. Acesso em 15/04/18.

BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. 2ª ed., Lisboa: Edições 70, 1987.

BRIATORE, Samuele. **Valorizzazione dei centri storici minori**: strategie di intervento. Reggio Emilia: Diabasis, 2011, p. 72. Disponível em: <<http://www.universitauropeadiroma.it/archive/images/stories/storia12/valorizzazioneborghi.pdf>>. Acesso em 23/02/2015.

BRUNEL, Sylvie. **Turismo e mundialização: rumo a uma disneylandização universal?** Trad. Eustógio Wanderley Correia Dantas e Raimundo Freitas Aragão. Mercator/Revista Geografia da UFC, ano 08, n. 15, 2009, p. 15. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/view/273/221>>. Acesso em 12/05/2016.

CALZATI, Viviana. **Territori lenti, nuove traiettorie di sviluppo**. Milano, 2011.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. – 1. ed., 2ª. Reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014, p. 224.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CIVALE, Leonardo. Sobre Luzes e Sombras. A reconstrução da paisagem cultural da Praça XV de Novembro no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro (1982-2008). In: **Cadernos de Geografia**. DOI 10.5752. V.25, nº44. 2015. P.134-148. 15 pp.

CHANTAL, Blanc-Pamard & RAISON, Jean-Pierre. Paisagem. In: **Enciclopédia Einaudi**. v.8. Lisboa: Imprensa Nacional. 1986, p. 154.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado. 3ª. ed. São Paulo: Estação Liberdade/Editora da UNESP, 2006.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Trad. Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3ª ed. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007, p. 316.

COSTA, Nicolò. Verso l'ospitalità made in Italy. **Avviare la crescita con la competitività turistica delle diversità locali**. Roma: Armando, 2013

ESPOSITO, Marco. Mezzogiorno, tracollo demografico: perderà centomila abitanti l'anno. In: **Il mattino**. Disponível em: <https://www.ilmattino.it/economia/mezzogiorno_tracollo_demografico_perdera_centomila_abitanti_anno-3708306.html>. Acesso em 15/08/18.

FILETICI, Maria Grazia & CENTRONI, Alessandra (Org.). **Progetti d'eccellenza per il restauro italiano: Quaderno ARCo**. Roma: Gangemi Editore, 2011, p. 175.

GIUSTIZIA, Fulvio. **Storia del comune di Santo Stefano di Sessanio**. Disponível em <<http://www.comunesantostefanodisessanio.aq.it/c066091/zf/index.php/storia-comune/>>. Acesso em 17/05/18.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

GRAMSCI, Antonio. **La questione meridionale**. A cura di Franco De Felice e Valentino Parlato. Roma: Editori Riuniti, 1966, p. 159.

GYR, Ueli. The History of Tourism: Structures on the Path to Modernity, in: **European History Online (EGO)**. Published by the Institute of European History (IEG), Mainz, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HARTOG, François *apud* GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O Mal-Estar no Patrimônio: identidade, tempo e destruição. In: **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), v. 28, 2015. p. 216 e 217. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/eh/v28n55/0103-2186-eh-28-55-0211.pdf>>. Acesso em: 25/06/18.

ISTITUTO TRECCANI. **Vocabolario**. Disponível em <<http://www.treccani.it/vocabolario/borgo/>>. Acesso em 13/05/18.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**: conversações com Jean Lebrun; tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. - São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

L’Invenzione friulana. Alberghi diffusi in Carnia – A vent’anni dall’esordio sono 17 e accolgono oltre 40 mille ospiti. In: **Corriere della Sera**. 14 de dezembro de 2015.

LOCATEL, Celso Donizete. Da dicotomia rural-urbano à urbanização do território no Brasil. In: **Mercator**, Fortaleza, v.12, número especial (2)., p. 85-102, set. 2013.

LORENZETTO, Stefano. Si compra i borghi diroccati – ne fa <<alberghi diffusi>> da re. In: **Il Giornale Politica**. Outubro de 2012. Disponível em: <<http://www.ilgiornale.it/news/interni/si-compra-i-borghi-diroccati-ne-fa-alberghi-diffusi-re-844295.html>>. Acesso em 06/10/18.

LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. **Projeto História**, São Paulo, n. 17, nov. 1998, p. 63-201.

MANCINELLI, Antonio. Il borgo maestro. Intervista a Daniele Kihlgren: e il segreto dei suoi alberghi diffusi. In: **Marie Claire**, 02/03/12. Disponível em: <<http://www.marieclaire.it/Lifestyle/Intervista-a-Daniele-Kihlgren-imprenditore-degli-alberghi-diffusi>>. Acesso em 26/03/17.

MARINETTI, Ernestomaria. **Lo spopolamento montano in Abruzzo**: radici storiche, tendenze attuali, problemi di conservazione dei centri storici e proposte di fruizione. Il caso della zona del Gran Sasso. Università degli Studi di L’Aquila, 2005, 220 p.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). In: **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

MCLEAN, Gareth. Room with a viewfinder. In: **The Guardian**. 19 de julho de 2008. Disponível em <<https://www.theguardian.com/travel/2008/jul/19/italy.photography>>. Acesso em: 26/03/17.

16<<http://www.independent.co.uk/news/world/europe/saviourofsantostefanoonemanscrusadetosavesouthernitalysancientvillages1944769.html>>. Acesso em 26/03/17.

MILHEIRO, Eva & MELO, Carla. **O Gran Tour e o advento do turismo moderno**. Porto Alegre: Aprender, 2005, p. 116.

OLIVEIRA, Rogério Pinto Dias. O idealismo de Viollet-le-Duc. In: **Resenhas Online - Vitruvius**. 087.04, ano 08, março 2009. Disponível em <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.087/3045>>. Acesso em 29/09/17.

OSSERVATORIO NAZIONALE DEL TURISMO. **XXXVII Rapporto sulla situazione sociale del paese**. 5 dicembre 2003, p. 3. Disponível em: <http://www.ontit.it/opencms/export/sites/default/ont/it/documenti/archivio/files/ONT_2003-12-05_00023.pdf>. Acesso em 29/05/17.

PEIXOTO, Paulo. **Os meios rurais e a descoberta do patrimônio**. Centro de Estudos Sociais - Núcleo de Estudos sobre Cidades e Culturas Urbanas, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 1998. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/175.pdf>>. Acesso em 21/03/16.

PEIXOTO, Paulo. O património mundial como fundamento de uma comunidade humana e como recurso das indústrias culturais urbanas. Coimbra: Centro de Estudos Sociais Faculdade de Economia da Univ. de Coimbra, 2001. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/155/155.pdf>. Acesso em 16/03/16.

POULOT, Dominique. A memória inspiradora. In: **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XIX**. Do monumento aos valores. São Paulo: Estação da Liberdade, 2009.

POSTIGLIONE, Gennaro; BASSANELLI, Michela; PORCARO, Lorenzo Bini Salvatore (Org.). **Geografie dell'abbandono: la dismissione dei borghi in Italia**. Milano:Bozza, set. 2009, p. 551.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem Cultural e Patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007, p. 152.

SABATINO, Michele. **Il ruolo dell'identità nello sviluppo turistico dei territori minori in Europa**. Milano, s.d. p. 12.

SEXTANTIO. A project to restore the abandoned historic hilltowns of Apennine mountains and the sassi di Matera. In: **Albergo diffuso Sextantio**. s.d.

_____. **Santo Stefano di Sessanio l'albergo diffuso**. Foto di Mario Paolo: Poligrafica Mancini, 2005.

_____. **Il patrimonio minore** – Da Santo Stefano di Sessanio ai sassi di Matera. 2008.

_____. **Restauri Italiani**. Real Italia: s.d.

SILVA, José Graziano da. **O novo rural brasileiro**. Nova Economia, Belo Horizonte, maio de 1997. Disponível em:

<http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Valeria/Pdf/O_novo_rural_brasileiro.pdf>. Acesso em 24/08/16.

STABILE, Francesa Romana; ZAMPILLI, Michele & CORTESI, Chiara. Santo Stefano di Sessanio (AQ) | Laboratorio di progettazione del Master internazionale di II livello in Restauro architettonico e recupero della bellezza nei centri storici. In: **Centri storici minori - Progetti per il recupero della bellezza**. Roma: Gangemi Editore, 2009, p. 190.

ISTAT - STATISTICHE REPORT. Natalità e fecondità della popolazione residente. In: **ISTAT - Istituto Nazionale di Statistica**. 28 novembre 2017. Disponível em: <<https://www.istat.it/it/files/2017/11/Report-Nascite-e-fecondit%C3%A0.pdf>> Acesso em 14/08/18.

TAURION, Cezar. Cloud Computing – computação em nuvem: transformando o mundo da tecnologia da informação. Rio de Janeiro: Brasport, 2009.

RAI. Torino: nascita del triangolo industriale. L'Italia si affaccia al novecento. In: **Rai Storia**. Disponível em: <<http://www.raistoria.rai.it/articoli/torino-nascita-del-triangolo-industriale-litalia-si-affaccia-al-novecento/2995/default.aspx>>. Acesso em 12/08/18.

UNESCO. **Italy - Properties inscribed on the World Heritage List**.

Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/statesparties/it>>. Acesso em 25/07/16.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. **Restauração** / Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc; apresentação e tradução Beatriz Mugayar Kuhl; revisão Renata Maria Parreira Cordeiro – 4. Ed. – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006.

ZECCHI, Stefano. Il significato della bellezza e il problema dell'educazione estetica. In: **Historia Artium**. Cluj-Napoca, Romania, 2015. Disponível em: <<http://studia.ubbcluj.ro/download/pdf/972.pdf>>. Acesso em 15/05/2016.